

MÁRCIA LOUREIRO BAPTISTA

A TEORIA JUNGUIANA DOS TIPOS PSICOLÓGICOS:
A POSSIBILIDADE DO USO CLÍNICO NA INFÂNCIA

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2006

MÁRCIA LOUREIRO BAPTISTA

A TEORIA JUNGUIANA DOS TIPOS PSICOLÓGICOS:
A POSSIBILIDADE DO USO CLÍNICO NA INFÂNCIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia Clínica – Núcleo de Estudos Junguianos, sob a orientação da Prof^a Dr^a Ceres Alves de Araújo.

Pontifícia Universidade Católica
São Paulo, 2006

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____ Local e data: _____

Dedico este trabalho às crianças e aos pais
que compartilharam suas vidas comigo.

Agradecimentos

Esta deveria ser a parte mais extensa e intensa deste trabalho, que se tornou meu mestre. Ele contou com o incentivo, apoio e carinho de pessoas queridas que tanto me ajudaram ao longo de mais esse aprendizado de vida. Tive a alegria de conviver com vocês que compartilharam comigo seus melhores talentos.

Aos queridos amigos do Núcleo de Estudos Junguianos, Lígia, Luisa, Marisa e tantos outros, que tornaram essa aventura solitária um encontro delicioso de solidariedade, risos e festas.

Aos professores, que compartilharam seu conhecimento com generosidade, amizade e dedicação.

À querida Ceres, minha orientadora e pessoa que passei a admirar, que me acompanhou com força e suavidade ao mesmo tempo. Obrigada também pelas recomendações de descanso.

Ao Dr Nairo, pelas valiosas contribuições dadas na qualificação, pela gentileza com que recebeu este trabalho.

Ao Dr. Alberto, pelo incentivo e apoio nos desafios da vida. Minha eterna gratidão.

Às minhas irmãs de alma, tão queridas amigas:

Cecília, pelo cuidado e estímulo aos meus pensamentos;

Clélia, pela sua sensorialidade primorosa, por achar meus livros;

Cris, pelos florais maravilhosos e carinho de sempre;

Lea, vizinha, companheira de consultório, pelas trocas reconfortantes, os melhores cafés.

Verinha, por dispor sua intuição e seu pensamento, seus olhos e seu coração foram definitivos neste trabalho.

Suzana, por entender meus pensamentos melhor do que eu, pela companhia e diversão;

Aos meus pais, que sempre confiaram em mim e me apoiaram com tanto amor e segurança em todos os momentos importantes da minha vida.

Ao meu irmão, Lauro, primeira criança introvertida com quem aprendi sobre tipologia, obrigada pela paciência, zelo e carinho também com este trabalho.

Aos meus filhos, Gui e Dri, meus grandes inspiradores das diferenças e semelhanças, vocês foram meus primeiros mestres. Por compartilharem comigo também esse trabalho.

Ao Sérgio, por compartilhar os meus sonhos do dia e da noite, que me deu de presente uma nova família e quem me leva para o universo.

Sem vocês este trabalho não poderia ter sido realizado. Obrigada pelos valiosos tesouros que vocês me presentearam ao longo desse tempo.

RESUMO

Este estudo visa explorar o uso da teoria dos tipos psicológicos desenvolvida por Carl Gustav Jung dentro da prática clínica infantil como instrumento diagnóstico, fornecendo dados norteadores para intervenção no trabalho com crianças e também na orientação à família e profissionais envolvidos.

As pesquisas realizadas pelos analistas no universo adulto confirmam a importância da utilização das quatro funções e das duas atitudes no repertório de condutas dos indivíduos.

Este trabalho teve como objetivo avaliar a importância das quatro funções e das duas atitudes no processo de formação e estruturação da consciência durante a primeira infância e utilizar o referencial teórico da teoria tipológica junguiana como instrumento de compreensão da dinâmica psicológica de uma criança.

Os resultados revelaram que as atitudes e funções psicológicas desempenham papel fundamental no desenvolvimento do ego na infância e que a tipologia junguiana é um sistema que permite a compreensão do material clínico de um psicodiagnóstico nos primeiros anos de vida, bem como um instrumento norteador para compreensão da dinâmica familiar podendo facilitar a comunicação e o respeito à individualidade de cada membro da família.

Palavras-chave: tipologia, criança, psicologia

ABSTRACT

This study seeks to explore the use of Carl Gustav Jung's theory of psychological types as an important diagnostical tool, providing guidelines to child treatment as well as to the orientation of the child's family and the professionals involved.

Researches already conducted into the adult world have come to corroborate the relevance of the use of both the four functions and the two attitudes described by Jung's theory for a better understanding of people's lives and conducts.

This work aims at evaluating the importance of Jung's four functions and two attitudes in the process of forming and structuring the conscience throughout the first childhood, using Junguian typology as a means to understand the psychological dynamics of the child in general.

The results of our research reveal that these psychological attitudes and functions play a fundamental role in the development of the child's ego and that Junguian typology is a system that allows for the understanding of the clinic data related to the early years of human life as well as for an accurate psychodiagnosis of the child patient; moreover, it may work as a tool for the understanding of family dynamics, propitiating communication and respect towards each member's individuality.

Keywords: typology, child, psychology

Sumário

1 Introdução.....	11
2 Objetivos.....	18
3 Conceitos da teoria tipológica de Carl Gustav Jung.....	19
3.1 As atitudes psicológicas.....	19
3.1.1 Histórico e desenvolvimento do conceito.....	19
3.1.2 A atitude extrovertida.....	23
3.1.3 A atitude introvertida.....	25
3.1.4 O processo de diferenciação das atitudes.....	27
3.2 As funções psicológicas.....	30
3.2.1 Histórico e desenvolvimento do conceito.....	30
3.2.2 O papel das funções psicológicas na psique.....	33
3.2.3 O processo de diferenciação das funções.....	34
3.2.4 A dinâmica das funções.....	36
3.2.5 A função superior e a função inferior.....	37
3.2.6 As funções racionais e irracionais.....	40
3.2.7 As funções psicológicas na criança.....	44
4 As aplicações da teoria dos tipos psicológicos.....	49
5 Método.....	58
6 Resultados e Discussão.....	61
6.1 Descrição do caso clínico.....	61
6.2 Primeira entrevista.....	61
6.3 Anamnese.....	65
6.4 Entrevista com a orientadora da escola.....	68
6.5 Sessões de observação lúdica.....	70
6.6 Entrevista com a fonoaudióloga.....	76
6.7 Hipóteses diagnósticas.....	77
6.8 Teste de Apercepção Infantil (C.A.T.- A).....	82
6.9 Síntese do caso.....	111
7 Conclusão.....	114
Referências.....	118
Anexo: Modelo de Termo de Consentimento.....	121

1 Introdução¹

Mesmo quando levo em conta o imenso valor dos textos a que tive acesso, verifico que ao longo de minha vida pessoal e profissional aprendi mais com as crianças e com os pais do que com os livros. Assim, aprendi que já por volta dos quatro anos de idade é possível ter um vislumbre do tipo psicológico de uma criança. Constatei a existência de conflitos entre o pai e a mãe, ou mesmo entre pais e filhos, decorrentes de tipologias diferentes. Identifiquei que a preponderância tipológica presente na cultura familiar determina, em grande parte, os rumos que tomará a dinâmica familiar. Pude perceber também que conhecer o tipo psicológico do filho e ter por ele a devida consideração é fator relevante no processo de desenvolvimento, contribuindo para a formação e estruturação da consciência na criança favorecendo os processos adaptativos. Não menos importante, a simples inclusão desse aspecto na devolutiva de um psicodiagnóstico mostra-se útil e orientadora para o manejo das diferenças no trato com o filho – o que se estende para todas as relações interpessoais. Minha prática clínica trouxe questões a um só tempo conflituosas e instigantes que me levaram a estudar mais profundamente a tipologia especificamente na infância. Mesmo que nem sempre a queixa e os conflitos sejam formulados como respectivos à problemática tipológica, imagino ser possível examinar a situação da psique de uma criança com as lentes da tipologia psicológica, buscando a compreensão do trajeto do desenvolvimento de uma criança dentro do contexto familiar, social e cultural. Com frequência maior hoje do que em tempos passados, destacam-se os atendimentos infantis nos consultórios e muitos pais procuram os psicólogos não só em função de conflitos no relacionamento com os filhos, mas também para compreender as dificuldades que as crianças apresentam na adaptação ao mundo externo e ao mundo interno. Os sintomas físicos (enurese e ecoprese, obesidade,

¹ Para esse trabalho foram adotadas as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT/ 2005. Exceção feita às datas de referência da obra do autor teórico em função de melhor situar a época de elaboração de seus conceitos. Nestes casos constam as datas da obra consultada entre parênteses e da publicação original entre colchetes.

bronquite, asma, entre outros), normalmente são vistos como consequência de um estado psíquico, também são queixas frequentes, seja por iniciativa dos pais, seja por recomendação do pediatra assistente. A constante presença de matérias relativas ao tema na mídia é um indício de que essa é uma preocupação que se encontra em primeiro plano para a consciência da cultura e das famílias.

Jung (1991[1921]) constatou que a existência de tipos psicológicos era um fator que interferia nos relacionamentos interpessoais e intrapessoais de forma inequívoca.

As atitudes e funções descritas por Jung (1991[1921]) residem em base inata e se encontram em toda personalidade com níveis distintos de diferenciação em cada indivíduo, distinguindo duas premissas de orientação dos processos psíquicos e quatro formas específicas de manifestação da libido, permitindo a relação da psique com o meio ambiente. Jung (1991[1921]) também advertiu que a predominância de uma atitude e função na consciência pode conduzir a uma unilateralidade excessiva que resulta numa fonte de infindáveis conflitos internos. Sua obra “Tipos Psicológicos”, 1921, foi motivada pela constatação empírica que esta problemática imprime na psique.

Tenho percebido o valor do uso da tipologia na prática clínica infantil a um só tempo como crivo diagnóstico e como bússola apontando direções e correções necessárias para o desenvolvimento psicológico da criança. De acordo com Fordham (2001), o analista infantil precisa descobrir que processos estão estancando o desenvolvimento e isto se aplica, a meu ver, tanto na perspectiva da terapia quanto na orientação das famílias e da escola.

Dentre os vários fenômenos que observo, neste texto destaco alguns que chamam a atenção em razão de sua incidência. No tocante à atitude introvertida, por exemplo, percebo que, independente de sua própria tipologia, os pais tendem a olhar com reservas quando um filho apresenta esse tipo de atitude a ponto disso se configurar como queixa ligada a questões de sociabilidade e adaptação. E não rara essa é “a” queixa, ou o motivo para a consulta. O contexto cultural parece servir de fundo para essa questão, bem como as influências ambientais para a formação da personalidade. São possibilidades de

compreender o fenômeno. É possível que o olhar discriminatório para o introvertido se forme em razão da extroversão ser predominante na nossa cultura (JUNG, 1980[1939]).

Em relação às funções, observo na minha prática que crianças muito novas tendem a utilizar principalmente o pensamento como modo de abordar a vida e não se preocupam em perceber a realidade concreta e suas possibilidades e não consideram o valor sentimental das situações. A função pensamento, bem como a atitude extrovertida, ocupam posição de destaque em nossa cultura, e assim tendem a serem privilegiadas. Na teoria tipológica junguiana é a disposição específica de cada indivíduo que desempenha o papel decisivo na determinação do tipo psicológico; as falsificações do tipo devidas a influências externas podem causar sérias perturbações tanto em crianças quanto em adultos. Observo também, que ao chegar para um psicodiagnóstico, de alguma maneira, a criança entende que algo de sua individualidade não recebe o olhar aprovador dos pais, fator de valor estruturante para ela. O bem suceder da tarefa adaptativa de uma criança depende, em grande parte, da experiência dos pais com a sua própria tipologia, isto é, de como a vivenciaram, de como foram vistos, aferidos, aceitos ou não, validados ou não.

Levando em conta o recorte que faço no quesito “faixa etária”, indago:

Que fatores entram em jogo para determinar que a introversão não seja vista como atitude eficiente no processo adaptativo? Como compreender isto na perspectiva clínica e quais são suas repercussões no desenvolvimento de uma criança? Que possibilidades terapêuticas norteadas pelo crivo da tipologia podem ser divisadas?

A tipologia psicológica pode ser uma das lentes para se observar o andamento do processo de desenvolvimento de uma criança e instrumentaliza o psicólogo clínico a conhecer novos rumos de estruturação dos processos psíquicos, levantando fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento da criança.

É particularmente interessante observar a queixa dos pais de crianças extrovertidas. Essa atitude típica raramente é apontada como o problema. No processo adaptativo externo a criança extrovertida mostra-se talentosa e obtém êxito social, o que nem sempre ocorre em

relação ao mundo interno devido aos sofrimentos psíquicos que vivencia ao privilegiar as demandas externas, muitas vezes em detrimento do fator subjetivo.

O que mais podemos aprender sobre o desenvolvimento psíquico de uma criança ao olhar para o eixo extroversão/introversão na perspectiva do desenvolvimento do ego e da consciência segundo os fundamentos da Psicologia Analítica? Do modo como a vejo, a tipologia psicológica desenvolvida por Carl Gustav Jung permite a formulação de questões relativas ao universo infantil, além de fornecer elementos para intervenções clínicas nesse âmbito. Minhas indagações surgiram quando comecei a questionar como poderia usar o referencial tipológico com crianças numa abordagem clínica, uma vez que, em sua maioria, os elementos disponíveis na literatura aludiam ao universo adulto. O material que encontrei na literatura pesquisada relativo à criança refere-se basicamente à descrição tipológica e a testes para se determinar os tipos na infância, utilizados no contexto familiar e pedagógico.

Os analistas junguianos têm voltado suas pesquisas para a segunda metade da vida, reiterando a importância da questão tipológica na clínica. A literatura pesquisada suscitou em mim o desejo de ampliar este referencial para abranger as crianças. Considero relevante a consideração deste tema para a profilaxia das dificuldades do processo de individuação em andamento desde o início da vida à luz do modelo conceitual proposto por Fordham (2001). Ele argumenta que, no livro “Tipos Psicológicos” a definição de individuação coincide com o desenvolvimento da consciência permitindo considerá-la e compreendê-la como um processo contínuo que caminha para uma expansão da vida psicológica consciente. Em sua visão, o processo de individuação está em ação na primeira e segunda infância e, portanto, está também ligado ao desenvolvimento do ego. Na infância, a meta do processo de individuação é o fortalecimento do ego e de suas funções de controle da vida mental. De acordo com Gordon (1986), o processo de individuação, tema central da obra de Jung, tem sido estudado e considerado também na infância, graças ao trabalho prático com crianças realizado por Fordham, abrindo um leque de possibilidades para as pesquisas sobre o desenvolvimento infantil. O *Self*, como Fordham o concebeu, está na origem da individuação

desempenhando papel importante no amadurecimento infantil e no crescimento e fortalecimento do ego.

Segundo Méier (1986 apud RUBY,1997) a obra “Tipos Psicológicos” (1921) foi traduzida para o inglês em 1923, com um subtítulo, sugerido pelo próprio Jung, “Psicologia da Individuação”, pois para ele a individuação começa e termina com os tipos. Neste sentido, Jung (1991[1921]) ressalta a importância da diferenciação das atitudes e funções para o desenvolvimento do indivíduo e a subsequente integração delas na segunda metade da vida.

Para Jung (1991[1921]), tipo é um modelo característico de uma atitude que se manifesta segundo quatro funções básicas: a sensação, a intuição, o pensamento e o sentimento. Essas funções expressam e representam os meios e caminhos da orientação consciente de um indivíduo. A conjugação de todas as funções permitiria uma consciência plenamente orientada, porém uma ou outra função acaba por se diferenciar na consciência em razão de sua maior compatibilidade com as disposições subjetivas de cada pessoa. As demais, por sua vez, são utilizadas em menor grau, podendo inclusive não ser suficientemente diferenciadas o suficiente de sua matriz inconsciente. Certa unilateralidade é necessária para o desenvolvimento da função superior e, conseqüentemente, do tipo psicológico de uma pessoa. A diferenciação do tipo de atitude acontece bem cedo, de modo que já na criança bem nova podemos reconhecer sinais de uma ou outra atitude em razão de indícios que apontam para a introversão ou para a extroversão, bem como das funções e do modo como se apresentam. No entanto, todo indivíduo tem a possibilidade de se valer das duas atitudes e das quatro funções - e apenas a relativa preponderância de uma ou outra define o tipo. A alternância das atitudes e funções corresponde ao fluxo normal da vida, porém circunstâncias externas e internas favorecem algumas delas e limitam outras.

No trabalho analítico com crianças, a meta principal é facilitar a estruturação da consciência. e, recomenda-se fomentar o desenvolvimento da função superior. Para Fordham (2001), desenvolver uma atitude e função superior na consciência apenas protege a criança da

questão da tensão de opostos que estaria precocemente instalada caso ela aceitasse todas funções e atitudes em função da oposição que elas representam.

As quatro funções da consciência definidas por Jung (1991[1921]) desempenham ao lado das atitudes papel fundamental no crescimento do ego e fortalecimento dos processos conscientes e estão para além da importância das diferenças tipológicas. Esta também é a visão de Fordham (2001). Ele acredita que os sentimentos, pensamentos, sensações e intuições são representações de estruturas arquetípicas que se dão a conhecer durante o amadurecimento do ego na criança. Dentro de seu modelo conceitual, o autor compreende o sentimento, o pensamento, a sensação e a intuição como funções organizadoras dos conteúdos mentais do ego, orientadas extrovertida e introvertidamente. Este método de organização do ego a partir das atitudes e funções é considerado como característico de ego relativamente amadurecido juntamente com a percepção, memória, controle da mobilidade, teste da realidade, fala e defesas.

Definir tipos não era a intenção de Jung ao elaborar sua tipologia psicológica. Ele desejava elaborar um sistema crítico que pudesse primeiro e principalmente ser usado para orientar o observador no complexo campo da experiência humana.

Minha intenção também nunca foi caracterizar personalidades e por isso não coloquei no início de meu livro a descrição dos tipos. Procurei antes criar um esquema claro de conceitos que se baseia em fatores empiricamente verificáveis [...] A minha tipologia pretende esclarecer conceitualmente um material empírico-psicológico, produzido por qualquer indivíduo, e assim subordiná-lo a alguns pontos de vista genéricos [...] Esta minha intenção foi mal entendida muitas vezes, pela simples razão de o leigo não ter idéia alguma do material empírico e específico do psicoterapeuta. (JUNG, 2002a[1933], p.145).

Ele já havia considerado que o processo de desenvolvimento se realiza sob a forma de diferenciação das funções psicológicas (JUNG,1991[1921]). Do modo como vejo a teoria tipológica, atribuo a ela o valor estruturante das quatro funções e das duas atitudes na formação e constituição da individualidade de um sujeito desde a infância.

Tenho observado em minha prática a importância de se diferenciar uma atitude e a função superior e explicitar esse conhecimento aos pais. Isto tem sido de muita valia no bom relacionamento entre pais, pais e filhos, e irmãos uns com os outros, mas de alguma maneira não se pode deixar de considerar que a inclusão da diversidade [atitudinal e funcional] é o que vai proteger uma pessoa ou mesmo um grupo de uma indevida e parcial ênfase em uma única orientação. Quando excessiva, a ênfase no desenvolvimento da função e da atitude superiores pode conduzir a uma unilateralidade problemática para o fluxo do desenvolvimento psicológico. No contato com as crianças percebo que, quer por interferência dos pais, quer pela disposição inata, desde muito cedo o desmedido privilégio de uma função e de uma atitude se aproxima de uma exclusividade que deixa de lado as demais, causando conflitos em seu desenvolvimento. Nos casos em que a tipologia é reconhecida, observo que muitas crianças vêm sendo estimuladas a desenvolver atitudes e funções de modo exclusivo, por assim dizer, deixando excluídos os recursos advindos das funções básicas da psique e da atitude menos utilizados.

Acredito que, como no caso de adultos, a cronificação de um tipo na criança pode levar a uma excessiva unilateralidade na orientação da consciência – e conseqüente oposição inconsciente - trazendo prejuízos ao equilíbrio da psique.

Pretendo estudar os caminhos do desenvolvimento infantil a partir da dinâmica que as atitudes e as funções psicológicas assumem na psique. Acreditei que um estudo psicológico de uma criança permitiria uma articulação conceitual teórica entre a abordagem tipológica de Jung e a prática clínica.

2 Objetivos

- Verificar a importância das atitudes e funções psicológicas no processo de formação e estruturação da consciência da criança durante a primeira infância.
- Aplicar o sistema tipológico na compreensão do material clínico do psicodiagnóstico de uma criança dentro da perspectiva teórica da Psicologia Analítica.

3 Os conceitos da teoria tipológica de Carl Gustav Jung

3.1 As atitudes psicológicas

3.1.1 Histórico e desenvolvimento do conceito

Somente com a transformação da atitude do indivíduo é que começará a transformar-se a psicologia da nação. Até hoje, os grandes problemas da humanidade nunca foram resolvidos por decretos coletivos, mas somente pela renovação da atitude do indivíduo. (JUNG, 1978a [1916], p.14).

Em 1904, durante os estudos experimentais, a importância das atitudes psicológicas no comportamento humano já havia sido considerada por Jung em seus trabalhos com Franz Riklin. O fenômeno da atitude era o que influenciava decisivamente a reação associativa. Ele observou que as atitudes humanas pareciam apontar para a existência de dois princípios orientadores da psique, que podiam ser distinguidos de outros fatores [atenção, memória], e também de diferenças individuais que interferiam no comportamento humano. Suas observações e experiência clínica constataram a existência de uma tipologia da atitude como disposição geral e habitual de um indivíduo, dois modos típicos de reação: uma tendência para a extroversão ou para introversão. O tipo de atitude psicológica de um indivíduo não é objeto de decisão e intenção consciente; deve necessariamente sua existência a um fundamento inconsciente e instintivo que se distingue por seu comportamento peculiar em relação ao objeto.

Conforme suas pesquisas experimentais se desenvolviam, Jung (1986[1907]) aplicou esses conceitos comparando com os processos psíquicos que ocorriam na histeria e na esquizofrenia. O que chamou a atenção do autor foi o contraste no relacionamento com o objeto do histérico e do esquizofrênico. A intensidade da relação do histérico com o objeto, visível em seu comportamento exagerado frente ao objeto e a relação apática ou deficitária do esquizofrênico diante do dado objetivo representam as duas direções opostas que a

libido assume. Ele relacionou extroversão à histeria e introversão à esquizofrenia. Na histeria, a compensação força a libido para a introversão e os pacientes se isolam do mundo objetivo. Na esquizofrenia, a compensação faz com que o indivíduo se lance no mundo externo, num movimento oposto, extrovertido. Os dois mecanismos da libido estão presentes nos dois tipos de doentes funcionando como mecanismos alternativos. A história de vida desses pacientes indicava que os dois tipos de doentes já apresentavam as características do predomínio de um dos mecanismos desde a mais tenra infância, antes do aparecimento da doença, indicando ser esse um traço típico do caráter de uma personalidade. O histérico já era predominantemente extrovertido e o esquizofrênico predominantemente introvertido. Ele concluiu que a prevalência de um ou outro mecanismo poderia acontecer em tipos humanos normais.

[...] o estado de desequilíbrio mental só oferece ao pesquisador uma oportunidade especialmente favorável de ver certos fenômenos psíquicos com clareza quase exagerada, fenômenos que muitas vezes são percebidos apenas de maneira obscura dentro dos limites normais. O estado anormal funciona às vezes como lente de aumento. (JUNG, 1991[1921], p.527).

Para Jung (1991[1921]), a introversão e a extroversão condicionam todo o processo psíquico, pois determinam as duas direções possíveis que a libido pode tomar: voltar-se para dentro na direção do sujeito [introversão] e voltar-se para fora na direção do objeto [extroversão].

O relacionamento com as pessoas em geral também despertou seu interesse quanto à influência das atitudes nos posicionamentos dos indivíduos frente à vida. Em “Memórias, Sonhos e Reflexões” Jung (1978[1957]) admite que a crise gerada pelo rompimento com Freud em 1912 também serviu de motivação para a formulação de sua teoria tipológica.

“Uma pergunta desempenhou um grande papel na gênese desta obra: em que eu me distinguia de Freud? E de Adler? Que diferenças havia entre as nossas concepções?” (JUNG, 1978b[1957], p.182). Ele acreditava que a diferença entre os tipos de atitude também

era um obstáculo para um entendimento teórico entre eles. Segundo Jung (1986[1914]), a obra de Freud tem um caráter tipicamente extrovertido e a de Adler, introvertida. A teoria de Freud privilegia a importância do objeto na determinação do comportamento humano e na teoria de Adler o determinante é o sujeito. Ambas as teorias eram válidas, porém, irreconciliáveis devido à diferença de suas premissas básicas quanto à atitude psicológica norteadora.

Jung (1991[1913]), num congresso em Munique, proferiu uma conferência para psicanalistas e apresentou o primeiro esboço do que viria a ser a teoria dos tipos baseada na existência de diferenças de atitudes psicológicas entre as pessoas de um modo geral. Nesta palestra, ele explicita publicamente a existência de questões dos tipos na psicanálise representados por Freud e Adler. Ambas as teorias eram unilaterais e a peculiaridade de cada um fazia com que cada qual só visse seu ponto de vista. Jung (1986[1914]) conclui que a diferença entre estas duas atitudes gera uma problemática que se estende a todos os campos da ciência e da vida em geral em que a psicologia humana desempenha papel decisivo. A personalidade de um indivíduo é de tal forma influenciada pelas características que esses dois mecanismos, introversão e extroversão, imprimem no comportamento humano, que a primeira grande diferenciação tipológica psicológica foi a partir das atitudes.

Como diz Ruby (1997), na conceituação da introversão e da extroversão, Jung já inseria a idéia dos contrários, dos opostos e da compensação desses dois mecanismos. Conceituadas nestes termos, as atitudes de introversão e extroversão assumem papel fundamental no dinamismo psíquico, pois se comportam compensatoriamente com a finalidade de garantir a orientação do indivíduo e o equilíbrio dos processos psíquicos. Seja qual for a atitude selecionada pela consciência, a outra se constelará no inconsciente, atendendo assim, a um princípio fundamental da psique, que é o de manter o fluxo energético dos processos psíquicos, o trânsito entre elementos do consciente e do inconsciente e a comunicação entre os sistemas. Em termos de um funcionamento saudável, a compensação pelo inconsciente é uma complementação da orientação consciente e não um contraste. Quando uma atitude consciente não serve mais às

exigências da adaptação, a libido num processo regressivo ativa a atitude oposta no inconsciente no sentido de equilibrar a tendência de unilateralidade da consciência.

Ruby (1997) descreveu atitude como a disposição da psique em agir ou reagir de forma extrovertida ou introvertida baseada em uma orientação psicológica prévia em relação ao sujeito ou ao objeto. Essas duas formas distintas de atitude também podem ser observadas nos processos de adaptação à realidade. A adaptação psicológica corresponde aos processos que ocorrem em relação ao mundo externo, aos juízos conscientes e em relação ao mundo interno, ao inconsciente. (JUNG, 2000[1916]).

Para Jung (1991[1923]), a atitude consciente é uma espécie de cosmovisão, quando não uma religião propriamente dita. Posteriormente em 1939, ele amplia esta questão relacionando o ponto de vista religioso do Ocidente à atitude extrovertida e o do Oriente como tipicamente introvertida. As atitudes são constitucionais e não são intencionalmente assumidas e o fator decisivo para se assumir um tipo depende de uma disposição individual. A atitude preponderante do sujeito em relação ao objeto caracteriza o modo preferencial como aborda as exigências adaptativas. Extroversão e introversão se referem aos dois movimentos que a energia psíquica, a libido, assume e apontam as duas direções que os processos psíquicos podem tomar e existem em todos os indivíduos. Para o autor, “[...] a duplicidade de atitudes é um fenômeno normal que só traz efeitos perniciosos quando a unilateralidade consciente é excessiva”. (JUNG, 1991[1921], p. 769).

A alternância desses modos de orientação da libido parece corresponder ao movimento normal da vida, permitindo reunir aspectos subjetivos e objetivos da experiência humana.

“Em sucessão harmônica, deveriam formar o ritmo da vida. Alcançar esse ritmo harmônico supõe uma suprema arte de viver”. (JUNG, 1978a[1912], p.87).

Para a psicologia analítica, o fenômeno da bipolaridade das atitudes é bastante visível no comportamento e inclusive saudável para o desenvolvimento humano. Na visão de Byington (1996): “Introversão e extroversão e as demais polaridades tipológicas são reconhecidas como igualmente necessárias e complementares no processo existencial”. (BYINGTON, 1996, p.305).

Tanto as circunstâncias externas como a disposição psíquica individual acabam por influenciar o uso das atitudes de forma alternada. Podem favorecer uma e/ou negligenciar a outra e assim, um dos mecanismos predomina na consciência. A evidência de um deles significa poder falar em tipo, definido como: “[...] uma atitude habitual onde predominará um dos mecanismos, sem contudo poder suprimir totalmente o outro, pois este faz parte necessária da atividade psíquica”. (JUNG, 1991[1921], p.6).

Uma atitude unilateral excessiva contribui para falhas na adaptação que só serão corrigidas pelo sacrifício da atitude até então utilizada. Quanto maior a unilateralidade da atitude consciente, maior a oposição no inconsciente, acarretando num forte contraste energético entre os sistemas.

Experimentamos quase diariamente o tipo de demônios que são a introversão e a extroversão. Vemos em nossos pacientes e em nós mesmos com que força irresistível a libido irrompe para dentro ou para fora e com que firmeza se estabelece uma atitude introvertida ou extrovertida. (JUNG, 1991[1921], p.377).

Tanto mais forte será essa oposição quanto mais a consciência estiver orientada numa única direção. Neste caso, o indivíduo pode perder o controle consciente, ficando à mercê das forças do inconsciente.

“Quanto mais compulsiva a unilateralidade, isto é, quanto mais indomada a libido que força para um lado, tanto mais demoníaca é a unilateralidade”. (JUNG, 1991[1921], p.377).

3.1.2 A atitude extrovertida

A preponderância da atitude extrovertida na consciência permite considerar um indivíduo como tipo extrovertido.

Lima (informação verbal)² observou a importância de diferenciar o uso desses conceitos dentro da teoria junguiana e do contexto leigo. Ele verifica que em nossa cultura, no linguajar cotidiano, a extroversão costuma estar associada à expressividade, sendo que Jung considera a referência que o sujeito utiliza como critério para determinar a atitude. No caso do extrovertido, a referência consciente é a realidade externa. Jung (1991[1921]) considera que reações externas são características do extrovertido e que este não tem dificuldade em sua expressão pessoal. Na atitude extrovertida o indivíduo se orienta a partir dos fatos que o mundo exterior fornece de maneira decisiva: “Vive de tal modo, que o objeto, como fator determinante, desempenha em sua consciência papel bem maior que sua opinião subjetiva”. (JUNG, 1991[1921], p.628).

O extrovertido tende a se dirigir ao objeto colocando neste seu interesse, transferindo assim a libido do sujeito para o objeto que passa a ter um valor preponderante.

“Se a extroversão for intelectual, o sujeito pensa no objeto; se for sentimental, ele sente no objeto”. (JUNG, 1991[1921], p.797).

Suas considerações subjetivas estão presentes, mas não são privilegiadas. No plano da consciência, o extrovertido visa o objeto demonstrando atenção, interesse e dedicação às circunstâncias objetivas. De um modo geral a atitude extrovertida favorece o objeto, mas se excessiva, pode ao mesmo tempo alienar o sujeito de si mesmo por ficar distante de seus pensamentos, avaliações, sensações e intuições subjetivas. Jung (1991[1913]) observa que o tipo extrovertido se dirige ao objeto numa tentativa de se afastar da dor, dos sofrimentos, dos complexos. No extrovertido pode acontecer que as necessidades pessoais só vão ser percebidas na medida em que se tornarem problemáticas e anormais. Vargas (1981) observa que as necessidades subjetivas são o ponto fraco de extrovertido, podendo ignorar a saúde do próprio corpo. Compensatoriamente, no inconsciente, o extrovertido apresentará uma tendência a priorizar o sujeito e desvalorizar o objeto, o que ocorrerá em maior ou menor grau, dependendo do predomínio do uso desta atitude na consciência. A tendência

² Informação verbal em aula ministrada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Setembro de 2004.

da atitude extrovertida é para certa unilateralidade, ou seja, para preponderância do fator objetivo no decorrer do acontecimento psíquico. Quanto mais excessiva for a determinação por fatores objetivos, maior será o grau que se instala o fluxo inconsciente, forçando o indivíduo a considerar o dado subjetivo pela inexorável existência deste. Sua preocupação se demasiada, em atender às circunstâncias externas, poderá desconectá-lo tanto de sua alma quanto de seu corpo, por considerar este último insuficientemente externo para que volte sua atenção e interesse para ele. É comum que o extrovertido só perceba a perda do equilíbrio a partir de sensações anormais no corpo. O perigo do extrovertido é o de se perder no objeto, na medida em que não considera a realidade de suas necessidades subjetivas.

“[...] a vida psíquica transcorre, por assim dizer, nos objetos e nas relações com os objetos, fora do indivíduo”. (JUNG, 1991[1923], p.962).

A tendência egocêntrica que surge pela compensação será observada caso o indivíduo tenda exageradamente a se desfazer de si em benefício do objeto. O não reconhecimento consciente de suas necessidades pode assumir proporções danosas a ponto de perder a referência e proporção das coisas que quer, correndo o risco de paralisar a ação consciente. Jung (1991[1921]) alerta, no entanto, para a importância da consideração do sujeito e de seus próprios processos psicológicos:

“[...] o fator subjetivo exige ser considerada uma grandeza que determina o mundo, não podendo ser dispensado em qualquer época e lugar”. (JUNG, 1991[1921], p.693).

3.1.3 A atitude introvertida

No tipo preponderantemente introvertido, a referência que o sujeito utiliza é o mundo interno. Mais do que o extrovertido, o introvertido está sujeito a mal-entendidos e tende a ser caracterizado como tímido ou inadequado, pois não se relaciona com o objeto do mesmo modo que o extrovertido. Jung (1991[1921]) assinala que entre a percepção do objeto e o agir do introvertido se interpõe uma opinião subjetiva, mediando o contato entre sujeito e

dado objetivo. O enfoque do introvertido dá mais valor ao sujeito do que ao objeto que assim recebe importância secundária. Este tipo considera o objeto, porém a determinação é subjetiva. O introvertido reage internamente e nem sempre exterioriza suas reações subjetivas não deixando transparecer sua personalidade.

“A consciência introvertida vê as condições externas, mas escolhe as determinantes subjetivas como decisivas.” (JUNG, 1991[1921], p.691).

Para Jung (1991[1921]) a atitude introvertida é orientada pela estrutura psíquica, pelo Si-mesmo. Whitmont (1995) descreve o introvertido referindo-se à direção da orientação nos mesmos termos que Jung (1991[1921]).

“O introvertido é predominantemente orientado para o sujeito – para o mundo interior da psique, para ele a realidade psíquica é uma experiência relativamente concreta, algumas vezes mais concreta que a realidade externa”. (WHITMONT, 1995, p.125).

O introvertido se baseia no que a impressão externa constela no sujeito. A realidade externa é constatada e percebida, mas a atitude introvertida leva em conta o significado que certo objeto tem para o sujeito, importando o que ele representa para o sujeito. Neste caso, o foco de interesse é o sujeito que ocupa posição de superioridade e o objeto recebe valor secundário. Assim, eleva a categoria do sujeito nos processos perceptivos da realidade, valorizando as apreciações do indivíduo nas relações que estabelece com o mundo exterior.

“Seu mundo, propriamente dito, é seu interior, seu sujeito”. (JUNG, 1991[1923], p.962).

A peculiaridade psicológica deste tipo reside nos fatores subjetivos ou internos, caracterizando indivíduos que derivam suas motivações do sujeito, da realidade interna. No plano da consciência, o introvertido pode ter uma atitude de reserva contra o poder dos objetos, que passam a ter qualidades poderosas e força mágica, razão pela qual mantém uma certa distância deles na tentativa de resistir a eles. A tendência da atitude introvertida é a de elevação do sujeito, levando a uma subjetivação da consciência. O limite do introvertido é o de perder a dimensão do mundo externo e a consideração ao dado objetivo. Enquanto a tendência do extrovertido é para a preponderância do dado objetivo, a tendência do introvertido é a preponderância do fator subjetivo. Sua relação consciente com o objeto é

relativamente reprimida, ativando no inconsciente uma reação contrária. O objeto força o indivíduo a entrar em contato com o mundo exterior (VON FRANZ, 1990). Tanto maior será o fluxo inconsciente quanto mais exclusiva for a determinação pelo fator subjetivo e maior o risco de uma identidade do eu com o Si-mesmo. Na medida em que o introvertido na consciência desconsidera o objeto, passa a ter com ele uma relação deficiente. Jung (1991[1921]) explica como se dá a reação compensatória:

“O inconsciente cuida, antes de tudo, da relação com o objeto e de tal forma a destruir completamente a ilusão de poder e a fantasia de superioridade da consciência”. (JUNG, 1991[1921], p.698).

Samuels (1989) admite que a atitude extrovertida e a introvertida representam uma visão de mundos opostos, mas:

“[...] como a extroversão e introversão parecem em grande parte inatas, na realidade não é possível falar delas como opostos dentro do indivíduo, a não ser “in potentia”. (SAMUELS, 1989, p.117).

A psicologia de um tipo extrovertido está orientada pelos fatos objetivos e a de um introvertido por suas concepções subjetivas. O fato das localizações dos valores psíquicos estarem em lados opostos faz com que o introvertido atribua valor ao sujeito e veja a dependência do extrovertido em relação ao objeto como desprezível. O extrovertido, por sua vez, considera a preocupação do introvertido com o sujeito como egoísmo. Jung (1991[1921]) ressaltou que o introvertido tem, ele mesmo, o fator subjetivo em baixa estima e por isso pode ser acometido de sentimentos de inferioridade e, além disto, recebe o preconceito da cultura ocidental extrovertida.

3.1.4 O processo de diferenciação das atitudes

Para Neumann (1995), o primeiro momento auto-evidente da aparição das atitudes extrovertidas e introvertidas ocorre de forma alternada já nos primeiros meses de vida. Ao examinar o processo de formação da consciência, considera a aparição das atitudes

extrovertidas e introvertidas do bebê em relação ao exterior e ao interior como necessária para a experiência no mundo como um todo. Somente após a superação da fase de indiferenciação da consciência, esse movimento alternado será diferenciado a ponto de se tornarem atitudes habituais da consciência.

O resultado da diferenciação de atitudes conduz à crescente diferenciação entre criança e mundo externo, entre sujeito e objeto, e permite que a consciência discrimine conteúdos e os organize segundo sua intenção. A consciência se fortalece na medida em que reconhece novos elementos, possibilitando poder operar com eles na direção do sujeito e na direção do objeto.

Para Jung (1991[1921]), a diferenciação do tipo de atitude ocorre bem cedo e podemos observar a preponderância da referência extrovertida ou introvertida que a criança utiliza no processo adaptativo. Uma criança com tendência extrovertida demonstra prontidão para agir e responder aos estímulos e solicitações do meio ambiente; sua atenção é dirigida ao mundo externo e interage com os objetos sem reservas, mesmo que desconhecidos. Por outro lado, a criança introvertida assume uma atitude reflexiva diante daquilo que não conhece, na tentativa de se proteger da influência dos objetos e adquirir autoconfiança em suas ações sobre eles. Jung (1991[1923]), ao proferir uma conferência para educadores, apontou para estas atitudes típicas já definidas nos primeiros anos de vida e mesmo considerando a importância das influências parentais no processo de adaptação das crianças, admite ser a disposição individual o fator decisivo para uma criança assumir um tipo ou outro. Esta também é a opinião de Von Franz (1990), que admite uma predisposição biológica para se assumir uma ou outra atitude psicológica. Jung sempre acreditou na forte influência dos pais na personalidade dos filhos, mas ponderou que no caso das atitudes psicológicas este não era o fator determinante. Dois filhos da mesma mãe podem manifestar bem cedo tipos opostos, sem que se possa demonstrar a menor modificação na atitude dos pais. Crianças de uma mesma família agem e reagem de maneiras diferentes sobre a mesma situação. Sua conclusão era de que o fator decisivo deveria ser procurado na disposição da criança. Foi nesta mesma época que discutiu suas idéias a partir de casos

clínicos infantis analisados por Frances Wickes. No prefácio do livro de Wickes (1966), Jung admite que a verdadeira individualidade psíquica da criança é algo novo em relação aos pais e não pode ser deduzida da psique deles. Wickes (1966) ressalta a importância dos adultos saberem que extroversão e introversão são duas formas diferentes de adaptação e recomenda que os pais aprendam a lidar com ambas sem preconceitos, inclusive ajudando a desenvolver a que for mais indiferenciada, sem violentar a natural. Ela observa a tendência do ambiente de estimular a atitude extrovertida característica da cultura ocidental e verifica que criança introvertida tende a ser desvalorizada.

Jung (1991[1921]) descreveu as atitudes psicológicas que indicam se o interesse dos processos psíquicos é motivado por fatores externos ou se sua força motivadora reside nos fatores subjetivos. A diversidade e a diferença quanto ao modo de ação e reação dos indivíduos aos complexos também foram compreendidas a partir da influência das atitudes psicológicas. A orientação psicológica permite não só a distinção entre sujeito e objeto, mas também determina a direção das quatro modalidades típicas da psique se manifestar, as funções de orientação da consciência: o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição.

3.2 As funções psicológicas

3.2.1 Histórico e desenvolvimento do conceito

Os dois tipos de atitudes psicológicas não eram suficientes para caracterizar na totalidade os tipos humanos que Jung observou ao longo de sua vida, pois a extroversão e introversão apresentavam inúmeras variações e possibilidades de compensação.

Minha experiência mostrou que, bem genericamente considerando, os indivíduos não podem ser distinguidos apenas segundo as características universais de extroversão e introversão, mas também segundo as funções psicológicas básicas de cada um. (JUNG, 1991[1921], p.7).

Num primeiro momento, ele havia relacionado o pensamento à introversão e o sentimento à extroversão, mas foi graças à longa correspondência que manteve com Schmidt-Guisan e das discussões com Méier, que pôde dissociar pensamento de introversão e sentimento de extroversão e gradualmente outras distinções foram feitas. Sua relação com Freud se tornava mais tensa e foi influenciada pelos conflitos advindos das diferenças decorrentes de tipologias diferentes (JUNG, 1989[1929]). Fordham (1972) considera que seu relacionamento com Tony Wolf foi particularmente importante para ele distinguir a sensação e a intuição. Assim, as idéias sobre a existência de tipos de funções nasceram também do relacionamento pessoal de Jung com amigos, das discussões entre eles e de sua crítica a suas próprias peculiaridades psicológicas (JUNG, 1991[1921]).

Entre 1913 e 1921, Jung progredia em suas observações sobre os tipos humanos, sempre apoiado nos testes de associação e na prática clínica. Foi nesta mesma época que a teoria dos complexos foi comprovada nos estudos experimentais e conferiu a ele o reconhecimento do meio acadêmico desde então. As constatações empíricas da teoria dos complexos o levaram a formular a base arquetípica da personalidade humana. Tanto a teoria dos complexos quanto a teoria das funções estão ancoradas na premissa do

inconsciente interferindo na consciência. A inexecutável existência de conteúdos carregados de afeto, os complexos, interferindo no comportamento humano fez com que Jung pensasse mais no modo de agir e reagir da psique humana diante dos complexos e da experiência de um modo geral. Os afetos são facilmente observados e percebidos como característicos da psique humana, mas Jung (1991[1923]) achava que eles não serviam como base suficiente para um julgamento psicológico objetivo, normalmente eles revelam um aspecto inconsciente, fora do controle da personalidade consciente, com o qual nem sempre é reconhecido como válido em geral para o julgamento psicológico.

Bem ao contrário da antiga classificação dos temperamentos, o problema da nova tipificação começa com a expressa convenção de não deixar-se julgar segundo o afeto, nem julgar pelo afeto, pois ninguém pode nem quer identificar-se definitivamente com seu afeto. (JUNG, 1991[1923], p.955).

De acordo com Jung (1991[1921]), a presença de afetos na consciência revela um traço de caráter estranho até mesmo à pessoa que o experimenta, valendo como uma exceção à personalidade consciente. Quando surge um afeto na consciência, é sinal que um complexo foi ativado e o indivíduo é levado por esse impulso, perdendo a possibilidade de escolha de suas ações. Ele desejava basear o julgamento psicológico considerando a psicologia subjetiva consciente do sujeito e partir de um estado tido por ele como normal, sem as alterações promovidas pelos afetos.

“Por isso baseio meu julgamento sobre aquilo que o indivíduo acha ser sua psicologia consciente”. (JUNG, 1991[1921], p.670).

Assim como as atitudes psicológicas são disposições individuais inatas e determinam a direção dos processos psíquicos e o modo extrovertido ou introvertido de agir e reagir, todo indivíduo possui uma forma habitual de tomar decisões e de superar dificuldades utilizando instintivamente seu melhor recurso. Propositamente, Jung (1991[1921]) utilizou como critério para sua tipologia conceitos leigos tirados da experiência humana em geral e com expressões conhecidas por todos, pois eles coincidem com as funções psíquicas que ele

reconhecia como existentes no repertório das pessoas desde tempos imemoriais: a sensação, o pensamento, o sentimento e a intuição. Funções psíquicas foram escolhidas como critérios objetivos para o julgamento psicológico. Jung (1991[1921]) descreveu quatro funções básicas para a orientação psicológica de um indivíduo e apreensão da realidade. Esta constatação foi feita de modo empírico e apontou para a idéia da totalidade dos processos psíquicos. O pensamento de Jung está fundado sob a importância do número quatro; a quaternidade representa o fundamento arquetípico da psique humana, ou seja, a totalidade dos processos conscientes e inconscientes (JUNG, 1980[1940]). Para ele, o aspecto quaternário constitui o mínimo exigido para a perfeição de um julgamento.

Quando se quiser pronunciar um julgamento desta espécie, ele deverá ter quatro aspectos.[...] Por esta razão há também quatro aspectos psicológicos de orientação psíquica. Para orientarmos-nos psicologicamente precisamos das quatro funções: a primeira nos diz-nos se existe alguma coisa; a segunda em que consiste esta coisa; a terceira nos diz se tal coisa nos convém ou não, se a queremos ou não, e uma quarta diz-nos de onde provém tal coisa e qual o seu destino.(JUNG, 1980[1940], p.246).

Considerando a importância das quatro funções para a orientação da consciência e estudando os símbolos que se constelam ao longo do processo de individuação, Jung (2001[1933]) constatou que nem sempre elas estão disponíveis para o indivíduo. Na teoria junguiana as funções existem enquanto presença na psique de todos os indivíduos, mesmo que assumam diferentes graus de diferenciação na consciência.

Ele observou que as funções podiam estar simbolizadas no material advindo do inconsciente como quatro elementos iguais, indiferenciados entre si, e que isto poderia significar a possibilidade apriorística do surgimento das quatro funções. Ele observou também, que três das quatro funções podem se tornar conscientes e que uma delas permanece no inconsciente. Neste sentido, os casos observados por Jung (1988[1950]) que produziam o número três eram caracterizados por uma deficiência sistemática no campo da consciência, devido à inconsciência da função inferior. Ele considerou que um sistema de três elementos era incompleto e apontava para a necessidade do quarto elemento. Uma

composição de três elementos, uma tríade, deve ser entendida como uma quaternidade defeituosa ou como um estado de transição para uma quaternidade. A quaternidade das funções permitiu ao autor associar a elas outras representações arquetípicas na psique. Para Jung (1988[1950]), a quaternidade é um esquema ordenador da multidão caótica das coisas. Os temas da quaternidade e da mandala podem ser representados por quatro objetos ou quatro pessoas relacionados entre si pela maneira e sentido segundo os quais estão dispostos. Assim, evidenciam uma composição de quatro elementos que está ligada às quatro funções de orientação da consciência e que são consideradas símbolos da psique.

A importância das quatro funções para uma apreensão adequada da realidade é reconhecida empiricamente pelos autores em tipologia e está relacionada aos conceitos da teoria como um todo.

3.2.2 O papel das funções psicológicas na psique

Samuels (1989) enfatizou que não se deveria prescindir do uso de nenhuma das quatro funções por elas serem inerentes ao ego e à consciência e estarem assentadas em bases inatas. Ele admite ser possível que cada função seja diferenciada e integrada, proporcionando um repertório mais amplo na experiência relacional humana. Na visão de Hillman (1990), as funções estão na base da psique e constituem quatro formas de operar, ampliar e expandir a consciência. Elas contribuem para a formação do ego e participam do desenvolvimento da personalidade. Ele define função como algo que revela como a consciência opera, realiza e age segundo quatro conteúdos: pensamento, sentimento, sensação e intuição, que precisam estar diferenciados, pois só assim as funções podem cumprir sua finalidade. Ele diferencia conteúdo de modo de operação de uma função. O fato de ter um pensamento não significa que a função pensamento esteja em operação, já que podemos pensar sobre um conteúdo e não necessariamente organizar conscientemente um

pensamento sobre ele. Quanto mais conteúdos a consciência diferencia, mais ela expande seu campo de ação e realiza sua intenção.

Byington (1987) também compreende as funções na perspectiva simbólica estruturante como um modo arquetípico de se manifestar, elaborar e transformar a consciência. Ele entende que as funções tipológicas são formas de inteligência para abordar da melhor maneira possível a realidade. Elas são complementares, tornando cada conjunto tipológico um sistema estruturante completo para perceber e atuar na realidade. Esta é a opinião de Vargas (1981), que considera que apenas quando a consciência não fica exageradamente focada numa só atitude e função, a personalidade pode apreender a realidade de uma maneira mais global. Ele acredita que a progressiva estruturação do ego durante o processo de individuação se dá também através da integração das funções psicológicas.

Esta é também a opinião de Ruby (1997), que diz que é na intersecção das quatro funções que se forma a representação da totalidade e se constela o símbolo da totalidade.

Na teoria tipológica junguiana, as raízes das quatro funções psicológicas estão no inconsciente, na base da personalidade, e se diferenciam a partir de um plano arquetípico baseado numa matriz inconsciente.

3.2.3 O processo de diferenciação das funções

O termo diferenciação é empregado por Jung na maior parte das oportunidades em que descreve o processo através do qual um conteúdo inconsciente se coordena com a consciência. A diferenciação é um processo de separação e de reconhecimento de diferenças que se dá no plano da consciência, possibilitando que o conteúdo diferenciado possa ser aplicado [posicionamentos, ações e decisões] e orientado [extrovertida ou introvertidamente]. A definição principal do autor enfatiza a noção da separação de partes a partir do todo (JUNG, 1991[1921]). A consciência em fase de estruturação dispõe de quatro formas arquetípicas de apreender a experiência. As quatro funções e as duas atitudes psicológicas precisam se diferenciar de sua raiz inconsciente para operarem como funções

de controle da vida mental durante o amadurecimento do ego. O processo de deintegração denominado por Fordham (2001) pode ser entendido como um processo de diferenciação, de separação do todo [*Self* original] em partes [os deintegrados]. O autor acredita que os sentimentos, pensamentos, sensações e intuições são representações de estruturas arquetípicas que se dão a conhecer através dos deintegrados, sendo o ego um deles.

A discriminação, a divisão dos conteúdos da consciência em funções distintas, é a condição para o julgamento psicológico e para a cognição. Nas palavras de Jung (1988[1951]):

Quando conteúdos psíquicos se dividem em quatro aspectos, é sinal de que foram submetidos a uma discriminação, por parte das quatro funções de orientação. Só a determinação desses quatro aspectos nos garante uma descrição global. (JUNG, 1988[1951], p.410).

O processo de diferenciação das funções está relacionado à sistematização e organização de conteúdos difusos na consciência e à formação e fortalecimento do ego como centro da consciência. A essência da consciência é a diferenciação; para ampliar a consciência é preciso separar os opostos uns dos outros (JUNG, 1994[1944]). Quanto mais nítida é a sistematização da consciência, maior é sua capacidade de assimilar as manifestações do inconsciente e coordená-los com a consciência do ego. Jung (1991[1921]) destaca que, quando uma função estiver fundida com outras ou indiferenciada em seus distintos componentes, ela não pode se manifestar a partir da vontade da consciência, isto é, como expressão da autonomia do sujeito.

Enquanto alguma função estiver fundida com uma ou mais funções, por exemplo, o pensamento e sentimento ou o sentimento e sensação etc., de modo a não poder manifestar-se autonomamente, está ela em estado arcaico (v.) e não está diferenciada, isto é, não é uma parte separada do todo e com vida própria. (JUNG, 1991[1921], p.786).

Além das funções indiferenciadas se caracterizarem pela ambivalência, elas se agregam a conteúdos inconscientes [ou a eles permanecem agregadas] e aos conteúdos de outras funções e se manifestam de forma inadequada, incompatível e deformada (JUNG,

1984[1936]). A fenomenologia de uma função indiferenciada pode ser observada pela indisponibilidade consciente: permanece escondida quando se requer sua presença, quando se manifesta independente da decisão do indivíduo. Outros critérios servem para reconhecer se uma função é indiferenciada: observa-se a dependência de pessoas e das circunstâncias, a dificuldade em receber críticas, a falta de confiança em seu uso consciente, sua sugestionabilidade e o caráter nebuloso. A inferioridade de uma função pode ser caracterizada pela lentidão e também pela intensidade desmedida, pelo caráter arcaico, pelo primitivismo, pela infantilidade e pelo caráter de complexo que ela muitas vezes assume invadindo a consciência (JUNG, 1991[1921]).

O autor admitiu critérios para avaliar se uma função está diferenciada na consciência. São eles: disponibilidade, força, estabilidade, consistência, adaptação e confiabilidade.

3.2.4 A dinâmica das funções

Jung (1991[1921]) descreveu e relacionou essas quatro funções também como formas de atividade psíquica e de manifestação da libido. As funções são dotadas de energia específica, com expressão própria e, mesmo não sendo utilizadas pela atitude consciente, não podem ser suprimidas: continuam a existir no inconsciente. Quanto mais uma pessoa se identifica com uma função, tanto mais energia é retirada das outras. Após um certo tempo, devido ao déficit de energia, essas funções tendem a perder a conexão com a consciência e mergulham gradativamente no inconsciente. A repercussão de uma função excluída na consciência também foi considerada em obras posteriores:

A energia específica delas se soma à energia normal do inconsciente e lhe confere um impulso que torna possível as incursões espontâneas na consciência. Como é conhecido, tais incursões já podem ser normalmente observadas no “experimento de associações”. (JUNG, 1997b[1955], p.265).

Na medida em que toda a libido é dirigida para uma função principal, a função oposta a ela evolui regressivamente ao seu estágio arcaico. A função excluída pela consciência se dirige ao inconsciente e vivifica os conteúdos lá presentes, agregando a ela outros elementos reprimidos e rejeitados. Numa pessoa que desenvolveu apenas uma função superior, as demais funcionarão como inferiores, necessariamente relegadas em seu desenvolvimento (JUNG, 2001[1946]). No entanto, essas funções podem ser importantes para a vida individual, pois representam valores vitais. Neste sentido, Ruby (1997) adverte que numa estrutura quaternária a paralisação de uma das funções pode interferir no equilíbrio da psique.

3.2.5 A função inferior e a função superior.

Para Jung (1991[1921]), a função inferior é aquela que ficou para trás em termos de diferenciação. Ela é constituída pelos elementos rejeitados e reprimidos que são incompatíveis com a consciência. A função inferior também está contaminada por conteúdos afetivos, os complexos, que podem dominá-la, repercutindo de forma negativa no comportamento e perturbando o equilíbrio psíquico. Ela é inacessível à vontade e à intenção consciente. Como a sombra é composta também por esses elementos, ela está associada à função inferior e se expressa através dela. Assim, os complexos podem se manifestar através da função inferior de forma negativa. Se excluída da dinâmica da personalidade, a função inferior passa a ser uma via de expressão de elementos inconscientes. Sua ação influencia de modo secreto a função superior e evidencia uma parcela pouco desenvolvida da personalidade. Von Franz (1990), estudando a questão, reitera que a função inferior pode servir ao inconsciente, permitindo a expressão deste e também como forma de expansão da consciência. Por estar mais próxima do inconsciente, ela tem a vantagem de estar contaminada pelo inconsciente coletivo e assim, pode restaurar a conexão com o inconsciente. Desta forma, ela pode ser o recurso do inconsciente na luta pela constituição do ser individual, pois os elementos rejeitados, reprimidos ou projetados das funções

precisam ser integrados para o desenvolvimento da personalidade como um todo. A função inferior insiste em ser reconhecida e admitida em sua devida importância a fim de se coordenar com o ego e assim estabelecer uma ponte entre os dois sistemas. Jung (2001[1946]) também estudou a manifestação das funções nos sonhos, nas mandalas, nos contos de fadas e observou que elas assumem representações de totalidades baseadas em três e em quatro elementos, portanto, em estruturas trinitárias e quaternárias. Ele constatou que os símbolos produzidos indicavam a existência de um arquétipo de natureza correspondente, cujo derivado parece ser a quaternidade das funções da consciência. (JUNG, 2001[1946]). Von Franz (1990) também estudou as representações que a função inferior assume nos contos e nos sonhos. Elas apresentam um lado desprezado da personalidade consciente que se expressa a partir de um quarto elemento que possui uma característica marcante e diferente dos demais. Para Beebe (1992), os personagens arquetípicos característicos representam as funções de acordo com o grau de diferenciação e dentro do perfil tipológico do indivíduo. Alinhado a ele, Giannini (2004) considera que as funções são arquétipos.

A função inferior está relacionada ao inconsciente, às fantasias, à sombra e aos complexos. Funciona como via de expressão de conteúdos incompatíveis com a consciência e de conteúdos mais primitivos que estão na base da psique, de símbolos do si-mesmo. Nos estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo, Jung (1988 [1951]) verificou que nos sonhos o si-mesmo se expressa empiricamente como personalidade superior ou como símbolo de totalidade. Por um lado, a função inferior se comporta de forma autônoma, indisponível à consciência.

“Ela não depende do eu, mas do si-mesmo”. (JUNG, 2001 [1933], p.541).

Por outro, mantém sua atividade e, assim, abre espaço para a totalidade do ser humano, que é constituída pela consciência e pelo inconsciente. A manifestação da função inferior é tanto mais evidente quanto maior for a unilateralidade da atitude da consciência. A situação de equilíbrio psíquico pode ser interrompida caso o uso de uma função e atitude seja

excessivamente privilegiado pelo sujeito ou pelo ambiente. Jung (1991[1921]) adverte para a questão da unilateralidade:

“A função compensatória do inconsciente se manifesta com tanto maior clareza quanto mais unilateral for a atitude consciente; e disso dá muitos exemplos a patologia”. (JUNG, 1991[1921], p.852).

Jung (1991[1921]) adverte que, se nos identificarmos somente com uma função, seremos seres coletivos, mas estranhos a nós mesmos. Se durante o desenvolvimento o indivíduo diferencia apenas uma função, as demais ficarão sombreadas e mescladas a elementos inconscientes. O autor observou essa questão também em obras posteriores:

“É sensível a perda no domínio da consciência, por faltar ao menos uma das quatro funções de orientação, e justamente a função oposta à função superior ou principal”. (JUNG, 1980[1940], p.245).

Para Jung (1991[1921]), o que regula a dinâmica das funções é a função compensatória do inconsciente. Quando uma função se constela na consciência, a oposta se constela no inconsciente a fim de equilibrar os processos psíquicos, atendendo ao mecanismo de auto-regulação da psique. Normalmente, a relação do inconsciente com a consciência ocorre sem atritos, complementando a situação da consciência. A colaboração do inconsciente tem a finalidade de manter o fluxo entre os sistemas. Até mesmo quando se comporta em oposição à consciência, sua expressão é compensatória na tentativa de retomar o equilíbrio (JUNG, 2001[1939]).

Jung (1991[1921]) constata que as exigências sociais e a própria natureza fazem com que as pessoas, ao longo do desenvolvimento, diferenciem melhor uma das funções, tornando esta mais habitual e que se adapta à nossa intenção, estabelecendo assim, a função superior.

O uso adequado da função superior se verifica pela facilidade no manejo das situações e confere ao sujeito confiança em seus próprios recursos, contribuindo assim, para sua segurança nas relações que estabelece com o mundo. Dentro desta visão, Stein (2001) pontuou que a função superior combinada com a atitude preferida se constitui como a

melhor arma do ego para a adaptação e interação no mundo exterior e interior. Os analistas junguianos concordam que a função superior pode ser a ferramenta da consciência no processo adaptativo, pois ela normalmente proporciona ao indivíduo segurança, respaldo social e está apoiada em valores coletivos.

“Devido à unilateralidade desse processo evolutivo, uma ou mais funções são necessariamente relegadas em seu desenvolvimento”. (JUNG, 1991[1921], p.812).

Com o tempo, surge no indivíduo a necessidade de desenvolver o que ficou desprezado; os talentos advindos das funções menos utilizadas precisam ser resgatados e integrados para o desenvolvimento da personalidade. O processo de utilização de funções requer uma constante compensação das oposições que vão se estabelecendo ao longo do desenvolvimento (HALL e NORDBY, 1993).

Jung (1991[1921]) diferenciou dois tipos de funções psicológicas: as racionais e as irracionais e descreveu as peculiaridades que assumem na consciência e no inconsciente, tanto na atitude extrovertida, quanto na atitude introvertida, bem como relacionando a elas conceitos de sua teoria como um todo.

3.2.6 Funções racionais e irracionais:

As funções racionais são o pensamento e o sentimento e as irracionais são a sensação e a intuição. As funções racionais correspondem às leis da razão, designando e regulando significado e valores objetivos. Uma função racional se caracteriza pela reflexão e julgamento e obedece às leis da razão. Um autêntico julgamento racional baseia-se não apenas no dado objetivo, mas também no subjetivo. Para Jung (1988[1951]), as duas funções racionais são necessárias para se esboçar um esquema mais ou menos completo de um conteúdo psíquico. Elas são organizadoras das percepções e têm função de discernimento. O pensamento de Jung a respeito desta questão encontra-se assim descrito: “Assim como o pensamento ordena os conteúdos da consciência em forma de conceitos, o sentimento os ordena de acordo com seu valor”. (JUNG, 1991[1921], p.898).

Pensamento, sentimento, sensação e intuição, por serem conceitos que assumem os mais diversos significados, levaram Jung (1991[1921]) a definir o sentido em que os estava utilizando dentro de sua teoria para que todos compreendessem o que ele queria dizer ao se referir a eles.

O pensamento como função racional é um agir da vontade, dirigido pelo sujeito que subordina os conteúdos a um ato voluntário de julgamento, ordenando em conceitos os conteúdos representados segundo normas conscientes. O pensar se alimenta de fontes inconscientes e de dados objetivos. O pensamento passivo é um mero acontecer, ligado ao acaso, sem que possa fundamentar sua existência com a razão. Os julgamentos e ordenações sobre os conteúdos representados são advindos de pressupostos inconscientes. O pensamento ativo subordina os dados a um ato voluntário de julgamento e corresponde ao pensamento dirigido. Hillman (1990) estabelece uma diferença entre conteúdo e função, explicando que pensamentos, sentimentos, sensações e intuições podem estar presentes sem que estejam sendo utilizados como função de orientação pela consciência.

Para Jung (1991[1921]), o pensamento e o sentimento são funções racionais enquanto decisivamente influenciados pela reflexão.

O sentimento como função é um processo subjetivo que se realiza entre o ego e um dado conteúdo, atribuindo a este um valor definido no sentido da aceitação ou rejeição deste conteúdo. O sentimento é uma apercepção de valor, podendo ser ativo ou passivo. O ato de sentir ativo atribui valores a partir do sujeito. O sentimento ativo é um processo dirigido, um ato da vontade. O sentir passivo se caracteriza pelo fato de um conteúdo estimular ou atrair o sentimento, forçando a participação sentimental do sujeito. Para Jung (1991[1921]), esse sentir é irracional, pois estabelece valores sem a participação do sujeito, podendo ser inclusive contra a intenção dele. Eles simplesmente se apresentam de forma arcaica e primitiva, sem que a consciência possa se orientar a partir deles. O sentimento é considerado por Jung (1991[1921]) como função da índole que pode desenvolver uma atividade contrária às intenções conscientes quanto mais for excluído da consciência. Como

o sentimento é uma função de julgamento, a valorização através do sentimento é feita a cada conteúdo da consciência, seja ele da espécie que for. Se a função predominante na consciência for o pensamento, quando surge um sentimento este só não é reprimido para fora da consciência na medida em que se adaptar às relações intelectuais.

Jung (1991[1921]) admite que o sentimento é um conceito muito impreciso e que admite enorme variação e ambigüidade. Mas, de alguma forma o sentimento expressa algo característico e apreensível em sua existência e quando a intensidade aumenta, surge um afeto. Para Jung (1991[1921]), afeto é o mesmo que emoção, um estado de sentimento que ao atingir um certo grau de intensidade liberta inervações corporais causando alterações no comportamento. Segundo ele, há sentimentos que não se fazem acompanhar de mudanças fisiológicas; são sentimentos de fatos mentais que não apresentam natureza emocional e não mudam a condição fisiológica e assim se diferenciam das emoções que estão acompanhadas de enervações fisiológicas. Entre afeto e sentimento existe uma questão de grau. Se houver um valor excessivamente forte, a tendência é que o sentimento se intensifique causando enervações e se torne afeto num dado momento (JUNG, 2003a[1935]).

Os tipos extrovertidos racionais levam em conta o dado objetivo e colocam o julgamento acima da percepção. As funções irracionais também existem, porém, seus produtos estão submetidos à escolha do julgamento. Os tipos racionais introvertidos julgam racionalmente, mas também são orientados pelo fator subjetivo.

De acordo com Jung (1991[1921]) e Neumann (1995), a função do pensamento e do sentimento se desenvolvem ontogenética e filogeneticamente a partir das funções irracionais em razão de seu caráter primário.

Jung (1991[1921]) definiu a sensação como fenômeno elementar:

“[...] algo simplesmente dado que não está submetido às leis da razão, ao contrário do pensamento e do sentimento”. (JUNG, 1991[1921], p.891).

A sensação opera de modo que a consciência perceba e registre as informações advindas dos órgãos dos sentidos. Os dados fornecidos pela sensação simplesmente constatarem que

algo existe. Ao mesmo tempo em que as sensações são tornadas conscientes, uma percepção inconsciente é ativada e surgem as imagens consteladas pelo objeto no sujeito. As sensações são distinguidas entre sensações concretas e abstratas. As sensações concretas são as sensações dos sentidos que sempre vêm acompanhadas de sentimentos, pensamentos e outros elementos psíquicos. A sensação concreta é um fenômeno reativo enquanto a sensação abstrata é uma percepção diferenciada de outros elementos psíquicos (JUNG, 1991[1921]).

A intuição é o fenômeno que surge acrescentando à percepção consciente dados inconscientes. Na intuição qualquer conteúdo se apresenta como um todo acabado; é uma espécie de apreensão instintiva, independente do conteúdo. É irracional como a sensação. A intuição concreta transmite percepções que se referem à realidade das coisas, é um processo reativo, pois resulta dos fatos. A intuição abstrata transmite as percepções de relações de idéias e necessita de intenção. As funções irracionais se baseiam na força decisiva da percepção e caracterizam a natureza da criança (JUNG, 1991[1921]). As funções irracionais objetivam a mera percepção e captação da realidade. Os tipos irracionais colocam o julgamento abaixo da percepção. Eles se baseiam na experiência. As funções racionais existem, mas sua presença é, em grande parte, inconsciente.

Quando uma função irracional se combina com uma racional, configura-se o processo auxiliar que tem como resultado uma apreensão mais abrangente da realidade, reunindo de forma complementar, percepção (sensorial ou intuitiva) e julgamento (sentimento ou pensamento), orientadas extrovertida e introvertidamente (BEEBE, 1992). Uma função auxiliar representa uma oposição menor à função principal do que a oposição que se dá entre a função mais diferenciada e a menos diferenciada, por elas serem opostas pelo princípio da racionalidade ou da irracionalidade. As funções estão associadas umas às outras na configuração de pares de opostos em eixos complementares e são dirigidas pela extroversão e introversão (SAMUELS, 1989).

A psique consciente é constituída por diferentes funções psíquicas, sendo que as quatro funções são consideradas necessárias para a orientação de um sujeito durante a vida. A

consciência pode ser compreendida como um órgão de orientação num mundo de fatos exteriores e interiores que opera segundo quatro funções básicas, expressando assim, sua intencionalidade, sentido e caráter, tanto em relação ao modo de agir e reagir frente à experiência, quanto às referências adotadas nas decisões e orientações do mundo (JUNG, 1991[1921]).

3.2.7. As funções psicológicas na criança

Autores junguianos estudaram como se dá o surgimento das funções na consciência desde seus primórdios e as relacionaram ao processo de estruturação do ego.

Para (RUBY, 1997; NEUMANN, 1995), as funções irracionais marcam o nascimento da consciência. De acordo com Ruby (1997), a sensação é uma função perceptiva característica da criança, pois ela está em maior conexão com as sensações corporais. Ele coloca que a função sensação é a mais concreta das funções para corporificar a experiência. Para o autor, a sensação é a via através da qual os estímulos são detectados. Lima (2002) em seus estudos destaca como as percepções corporais se apresentam como sensação dos sentidos e participam da sistematização da consciência.

“As zonas corpóreas (em especial a pele, como órgão de relação e contato, a boca e o ânus, como portas de entrada e de saída para as trocas com o mundo) são o palco em que se dramatiza a *experiência*”.(LIMA, 2002, p.66).

O autor explica como o dado sensorial será decodificado no plano do sentimento:

[...] os fenômenos corpóreos são, inicialmente, livres de conceitos e apenas propiciadores de sensações e sentimentos (prazeroso, desprazeroso, dolorido, aliviador). À medida que são associados às apreciações do ambiente (que bonito!; que feio!), tornam-se focos de apreciação moral, valorativa.(LIMA, 2002, p.67).

O princípio da sensação representa uma oposição à intuição, à percepção das imagens inconscientes e das possibilidades percebidas na experiência. A intuição também é característica da criança compensando a forte impressão sensorial através de imagens coletivas e idéias. A intuição se manifesta como uma percepção de fatos psíquicos inconscientes em relação ao sujeito, e a sensação como uma percepção de fatos baseados em percepções do objeto e em sentimentos e pensamentos que eles evocam no sujeito. Lima (2002) descreve os primórdios da sensação e da intuição ainda como fenômenos elementares de orientação inconsciente para, apenas posteriormente, se apresentarem como funções psicológicas. A intuição se evidencia nos movimentos de caráter randômico que a criança realiza como orientação inconsciente. A intuição não aparece como uma função, mesmo porque, a intenção e deliberação só serão adquiridas com o tempo. No início do desenvolvimento, a experiência inconsciente do bebê fala por imagens, uma forma arcaica, irracional e intuitiva. Essas imagens são rapidamente transpostas em ações motoras, inclusive em razão do bebê não estar diferenciado ele mesmo do mundo. Estes movimentos não são operações conscientes do bebê sobre a realidade, pois ele é movido pelas imagens e pelas forças inconscientes.

A função perceptiva sensação é a primeira a se estabelecer e serve de base para as funções racionais; ela é a primeira ferramenta a ser utilizada pelo ego em formação, o que é corroborado por Fordham (2001). Ele afirma que o feto já possui um tipo rudimentar de consciência, a consciência da criança é essencialmente perceptiva. Inicialmente o bebê se restringe a imagens corporais e suas experiências são da ordem da totalidade. Diante da mãe ambiental, as percepções do bebê se tornam mais objetivas, desenvolvendo na criança a percepção de si mesma e do mundo externo e de toda uma gama de sentimentos, imagens e pensamentos a respeito de si própria.

Na visão de Neumann (1991), no início do desenvolvimento as funções se apresentam numa condição ambivalente tal qual as atitudes, por corresponderem a uma etapa inicial de consciência onde não há ainda separação de opostos. Este estado de ambivalência é uma

indiferenciação característica desta fase inicial, sendo que Samuels (1989) denominou esse estado como pré-indiferenciado, típico e normal do desenvolvimento inicial.

Sensação e intuição estão disponíveis desde um primeiro momento, o que não se configura como garantia de que operem como funções, nem que estejam orientadas e nem tampouco à disposição da consciência. Os conteúdos das funções sensação e intuição são os primeiros a se apresentar na consciência, seguidos pelo pensamento e sentimento.

De acordo com Lima (2002), as funções irracionais são espelhadas pelo ambiente e esse espelhamento é o que possibilita o desenvolvimento das funções racionais. O desenvolvimento do pensamento e do sentimento, justamente por serem de desenvolvimento secundário, requerem a intervenção ambiental. Os sentimentos só participarão da consciência como função, na medida em que forem associados às apreciações do ambiente e se tornarem apreciações valorativas. Uma criança cuja mãe não comunicou para ela suas necessidades não se torna capaz de diferenciar por ela mesma suas necessidades. O espelhamento ambiental é fundamental, caso contrário, o pensamento e o sentimento permanecem difusos e não podem ser dirigidos pela criança.

A compreensão de Astor (1990) caminha no mesmo sentido. Para o autor, o desenvolvimento do pensamento e o sentimento estão relacionados à possibilidade da mãe de pensar sobre a experiência emocional do seu bebê. Isto introduz a possibilidade do bebê compreender o significado da vivência e de integrar o sentimento. Os estados de fusão entre mãe e bebê podem ocorrer quando a mãe não metaboliza a experiência emocional de seu filho. Ele sugere que o pensamento pode ser visto como um processo de digestão que levaria à diferenciação de estados emocionais. Segundo o autor, isto propicia que a própria criança metabolize sua dor, estabelecendo uma conexão entre sentimento e pensamento, fomentando o desenvolvimento. Estudando os caminhos da estruturação da consciência no autismo, Araújo (2000) considera que a função pensamento tende a surgir mais cedo nessas crianças. O desenvolvimento desta função auxilia significativamente a adaptação e tem, principalmente, a função de compensar a falência da função sensação observada pelas

dificuldades no aprendizado perceptivo-motor, na aquisição da noção do esquema corporal e na constituição da imagem da criança, de sua identidade.

Von Franz (1990) admite que as crianças, assim como os adultos, tendem a fazer com maior frequência aquilo que corresponde à sua aptidão e evitam aquilo que não corresponde a um talento, transferindo suas inferioridades psicológicas para outros membros da família. É possível observar o desenvolvimento da função principal quando demonstram a preferência por certas atividades e também pelo modo de se comportar diante de outra criança. Na infância, a tendência natural das crianças é a de se apoiar numa atitude e função superiores. O que é congruente com Fordham (2001), que diz que nos estágios iniciais, quando a função principal está se desenvolvendo, a criança projeta as funções inferiores nos membros da família e também nas figuras ideais, nos heróis e nos personagens, o que se revela útil por um tempo. Para ele e também na opinião de Von Franz (1990) a tendência nas famílias para resolver os problemas das funções é a de distribuir as funções inferiores entre seus membros e confiar no processo superior do outro. Em decorrência deste processo, a unilateralidade de uma certa função tende a aumentar, pois o ambiente familiar e a cultura tendem a reforçar a tendência natural da criança, fomentando o desenvolvimento de uma função principal que se constituirá numa função útil à adaptação ao mundo externo. Von Franz (1990) alerta para o desenvolvimento exclusivo de uma função em crianças, pois isto pode levar a uma lenta degeneração do outro lado da personalidade, pois as partes negligenciadas se constituirão em elementos subdesenvolvidos e problemáticos para o indivíduo. Wickes (1966) também percebe haver uma tendência em aceitar uma única função diferenciada nas crianças e salienta a importância do desenvolvimento das outras funções. A autora alerta para os efeitos inconscientes das funções desprezadas na consciência de uma criança, o que é corroborado por Fordham (2001), que admite que o fato de uma criança assumir uma determinada atitude e função preferencial não significa que as demais estejam ausentes. Elas passam a constituir a função inferior e podem retornar como conteúdos estranhos à consciência. Wickes (1966) constatou que o uso excessivo da presença da função superior

sombreia as demais a ponto de prejudicar os processos adaptativos. Fordham (2001) também examinou a questão da função superior na psique infantil. Ele acredita que uma criança deve se proteger da contradição entre pensamento e sentimento e entre sensação e intuição, bem como da contradição entre extroversão e introversão. Na opinião de Fordham (2001), pensava-se que o problema da criança era determinar qual a sua melhor atitude e função, o que corresponde à visão de Murphy (1992) e Myers (1997), mas na opinião do autor, a razão pela qual a criança precisa desenvolver sua função superior é que, se ela aceitar todas, se verá diante da questão dos opostos, entre os quais espera-se que oscile e dos quais precisa libertar-se na fase inicial de seu desenvolvimento. Para o analista, a criança precisa fortalecer o ego para depois lidar com o problema dos opostos. Na infância, o fortalecimento do ego é de importância vital, por isso, desenvolver uma função superior protege as crianças de ter que estar diante das contradições que as funções representam na medida em que seus princípios são opostos. Ele reitera o problema dos opostos que as funções representam para o ego em amadurecimento, da mesma maneira que compreendeu a oposição quanto às atitudes nesta fase do desenvolvimento.

4 As aplicações da teoria dos tipos psicológicos de Jung

A teoria tipológica psicológica descrita por Jung em 1921 reavivou o interesse, desde a antiguidade, em compreender as diferenças entre os indivíduos. Até então, as tipologias eram sistemas cujas classificações eram baseadas na observação de padrões de comportamento temperamental ou emocional. Jung [1921(1991)] propôs uma teoria tipológica psicológica baseada em atitudes caracterizadas a partir de quatro modos arquetípicos de expressão da psique. O sentido em que os conceitos, atitudes e funções são utilizados na obra faz com que eles se relacionem aos conceitos fundamentais de sua obra como um todo.

A teoria dos tipos psicológicos tem por base o conceito de atitude compreendido como fenômeno de ordem geral, como uma disposição individual inata e direcionadora da energia psíquica, a libido. A estrutura e a dinâmica das funções estão relacionadas ao conceito de energia, distinguindo, dentre outras, quatro formas específicas da libido se manifestar. A dinâmica que as funções e as atitudes assumem na psique é controlada pela função auto-reguladora da psique, pela função compensatória do inconsciente. Também para Vargas (1981) e Ruby (1997), a tipologia psicológica de Jung está estritamente ligada à teoria dos opostos e ao conceito de individuação. Vargas (1981) aplicou a tipologia na terapia conjugal como um referencial para organizar o caos do trabalho com casais em conflito. O autor constatou que a função do terapeuta seria promover a integração dos tipos opostos em cada um dos cônjuges. Ele concluiu que a tipologia é um sistema útil para melhor compreender e descrever diferenças na terapia conjugal e evidenciar a riqueza da relação conjugal, ajudando a transformar a patologia de certas relações em uma situação criativa, de desenvolvimento do casal. Ambos assinalam que a tipologia junguiana é a única que se associa à dinâmica dos opostos e ao desenvolvimento da personalidade na primeira e segunda metade da vida.

Von Franz (1992) e Méier (1986, apud RUBY, 1997, p.87) concordam que a tipologia psicológica de Jung foi conceituada de tal modo, que parecia que ele havia encontrado uma

estrutura básica da psique. Os autores discutem o processo de individuação à luz da teoria tipológica.

As atitudes e funções estão dispostas em pares de opostos, seja quanto a extroversão ou introversão, seja quanto a racionalidade ou irracionalidade. As diferenças entre o grau de diferenciação que elas assumem na psique tornam a tipologia junguiana um instrumento para observar os caminhos do processo de individuação. Segundo Fordham (1972), a constatação empírica das quatro funções básicas operando na consciência e a dinâmica que se estabelece entre os sistemas consciente e inconsciente permite observar o dinamismo da psique como um todo. Este foi o uso mais freqüente que Jung fez da teoria dos tipos.

A intenção de Jung (2002a[1935]) era fornecer ao analista um dispositivo crítico para investigação do material empírico coletado nas análises.

[...] a tipologia em seu sentido mais estrito sempre me serve como um dispositivo crítico, sendo também a idéia de uma tipologia psicológica, uma tentativa propriamente dita de uma psicologia crítica. Mas isso eu considero apenas um aspecto do meu livro. O outro aspecto trata do problema dos opostos, levantado pela crítica. [...] Ali está propriamente o específico do livro, o que a maioria dos leitores não percebeu, pois foram induzidos de imediato a classificar tudo e cada um tipologicamente, o que é em si um procedimento bastante estéril. (JUNG, 2002a,[1935], p.199).

A tipologia psicológica é um instrumento norteador, uma bússola, como ele mesmo descreveu, para ordenar a profusão quase caótica das experiências individuais e uma ajuda para a compreensão das diferenças individuais evitando, também, erros no julgamento de pacientes. Em obra posterior, Jung (1984[1929]) retomou essa questão afirmando que sua tipologia psicológica tem seu ponto de partida no interior, sua preocupação não é determinar as características exteriores, mas descobrir os princípios íntimos que governam as atitudes psicológicas genéricas. Em decorrência de suas observações clínicas, Jung (2003b[1957]) considera que as características psicológicas estão sujeitas a alterações no decorrer do desenvolvimento da personalidade e que, em muitos casos, a classificação sob um

determinado tipo depende de fatores externos e internos de modo que a classificação só é válida para um determinado tempo.

Segundo Hillman (1990), a psique é feita de imagens e os tipos são uma forma especial de imagem. O autor entende tipo como manifestação do arquétipo da quaternidade, concebendo-o como imagem da psique e devendo ser tomado como possibilidade geral. O sistema tipológico serve para ordenar o caos das percepções e da experiência. Na medida em que a tipologia se transforma em um sistema classificatório rígido, mais se perde em imagem, pois a rigidez fixa e congela a dinâmica das relações.

As descrições e o diagnóstico de tipos exigem cautela e um longo estudo que discrimine a partir do material observado os fenômenos provindos de motivos conscientes dos que advém do inconsciente. O autor constatou em sua prática clínica, que descrições e diagnósticos de tipos humanos são muito complexos e fonte de desentendimento devido também ao viés da tipologia do observador. Jung (1991[1923]), diante da repercussão de sua tipologia e da singularidade das pessoas, acredita que:

[...] todo indivíduo é exceção à regra. Por isso não é possível dar uma descrição do tipo, por mais perfeita, que se aplique a mais do que um indivíduo, ainda que, em certo sentido, milhares pudessem ser por ela bem caracterizados. [...] A psique individual não se explica por nenhuma classificação. (JUNG, 1991[1923], p.960).

Em 1936, Jung retomou a perspectiva da teoria dos tipos.

“A tipologia psicológica não tem a finalidade, em si bastante inútil, de dividir as pessoas em categorias, mas significa antes uma psicologia crítica que possibilite uma investigação e ordenação metódicas dos materiais empíricos relacionados à psique”.(JUNG, 1991[1936], p.1057).

Ele acreditava que a transformação da personalidade estava ligada à integração das funções.

“Durante a análise prática podemos observar uma transição muito interessante da função diferenciada para sua função auxiliar, e desta para sua função oposta, e daquela primeira para a função não diferenciada, a assim chamada função inferior”.(JUNG, 2002a[1937]).

Fordham (1972) acredita que existe uma ambigüidade na compreensão do conceito de tipo entre os analistas junguianos: uma visão propicia espaço para modificações dinâmicas do tipo e uma outra visão, mais estática, tende a ver os tipos como algo que não se modifica. Para ele, a compreensão dinâmica da teoria tipológica está mais próxima das intenções de Jung quando este sublinhou a importância dos tipos no processo de individuação. Beebe (1992) também propõe que a teoria dos tipos seja usada de modo mais dinâmico para ser aproveitada no seu potencial clínico. Samuels (1989) explica que considerar os tipos como algo eterno e determinado na personalidade é uma espécie de equivalente aos arquétipos na consciência, o que corresponde com a visão de Giannini (2004) e que ao conceber os tipos como capazes de sofrer alteração durante a análise e a individuação, a ênfase recai no aspecto dinâmico. Sua intenção é fazer a ponte entre os dois mundos dos tipos: o universo do MBTI (*The Myers-Briggs Type Indicator*) e o dos analistas junguianos. Mc Caulley, no prefácio do livro de Giannini (2004), acredita que a tipologia não é bem vista entre os analistas junguianos, pois há uma tendência a acreditar que o próprio Jung a rejeitava. Beebe (1992) aponta o mau uso da teoria dos tipos, pois muitos terapeutas acreditam que para compreender o paciente, basta identificar o tipo. Os autores concordam que identificar um tipo pode ser perigoso, pois o comportamento manifesto pode ser tanto relativo ao tipo superior, como à manifestação de seu tipo inferior, de sua sombra, de complexos ou de qualquer outro conteúdo inconsciente, o que é congruente com a visão de Jung.

No âmbito clínico, a apreensão desta teoria privilegia o aspecto dinâmico das atitudes e funções e sua importância na relação da psique com o mundo externo e interno. Empiricamente, os analistas constataram que na dinâmica das funções pode-se observar o andamento do processo de individuação.

A problemática dos tipos na relação terapêutica também tem sido abordada pelos autores. Eles concordam que, ao considerar o perfil tipológico do analista e do paciente na análise,

tenham eles perfis similares, diferentes ou opostos, abre-se a possibilidade de lidar com esses efeitos no desempenho da atividade clínica (SABINI,1988). Beebe (1992), ao analisar essa questão, conclui que as interações tipológicas constituem uma das complicações da transferência e contratransferência. De acordo com Faria (informação verbal)³, a dinâmica que as atitudes e funções assume pode ser considerada como indicador de excessiva unilateralidade do paciente que, se observados pelo terapeuta, podem auxiliá-lo em sua prática clínica. Faria (2002), pesquisando os conflitos que envolvem a paternidade, constata que a diferença entre os tipos psicológicos do pai e dos filhos é um destes fatores.

A teoria dos tipos psicológicos se presta à aplicação interdisciplinar. Ela vem sendo utilizada dentro da abordagem psicanalítica freudiana como forma de ampliação desta perspectiva teórica. Caracushansky (1990) considera os conceitos tipológicos os tentáculos da teoria da personalidade junguiana e ressalta os benefícios desta inclusão nos procedimentos psicoterapêuticos para se trabalhar com a individuação como um todo. A sintomatologia do paciente está diretamente ligada ao uso excessivo da função superior e à hipoutilização da função inferior. Segundo a autora, a diferenciação das funções menos utilizadas durante a psicoterapia põe em marcha o processo de individuação. De acordo com Caracushansky (1990), as funções psíquicas são manifestações da realidade psíquica do paciente. No trabalho terapêutico a autora constata que a hiperutilização da função mais diferenciada quanto a hipoutilização da função menos diferenciada diretamente relacionada com a sintomatologia dos pacientes. Experimentalmente pôde constatar ser possível reequilibrar a dinâmica das funções através de diferentes métodos terapêuticos.

Murphy (1992) e Myers (1997) relacionaram a teoria dos tipológicos com aprendizagem escolar e propõem métodos específicos de aprendizagem de acordo com o tipo psicológico; em oposição a Byington (1996) e Sargo (2000), que propõem uma diversidade metodológica no processo de ensino e aprendizagem. Byington (1996) descreve como a tipologia pode ser utilizada na situação de ensino e aprendizagem de modo a contribuir para o desenvolvimento psicológico de alunos e professores e também para o aprimoramento de

³ Informação verbal em aula ministrada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Outubro de 2004.

métodos pedagógicos baseados na tipologia junguiana. Sua abordagem contempla o aspecto estruturante e dinâmico das quatro funções e das duas atitudes. O autor acredita que no manejo de diferenças tipológicas entre professores e alunos cabe aos primeiros perceber e vigiar tanto sua função superior para não inibir os alunos do tipo oposto, quanto a inferior a fim de assegurar sua performance no ensino. Para tal, o professor pode lançar mão de suas funções auxiliares. Ele sugere que o estudo da tipologia faça parte do currículo de professores e alunos para que esta possa ser utilizada no exercício e avaliação do aprendizado. Sargo (2000), na área da psicopedagogia clínica e institucional, pesquisa os fatores que interferem na aprendizagem dentro da abordagem da pedagogia simbólica desenvolvida por Byington (1996). Ela observa que os alunos, de acordo com suas tipologias, encerram quatro modos diferentes de interagir com o conteúdo das disciplinas. Constata que quando o ensino privilegia apenas a lógica do pensamento racional, somente a função pensamento estará sendo atendida, levando ao desinteresse os demais tipos psicológicos. A competência de um professor não se restringe apenas em conhecer o conteúdo das matérias, mas também em planejar estratégias que atendam aos diversos modos conscientes de aprender de todos os alunos e, assim, ele estará possibilitando o desenvolvimento das outras funções e colaborando para o equilíbrio psíquico.

O que Jung constatou em sua prática clínica - a existência de tipos de atitude e de funções - deu também margem a inúmeras considerações quanto à utilização e aplicabilidade da teoria dos tipos.

Dentro da abordagem que entende a tipologia como um esquema para testar a personalidade consciente, os principais e mais utilizados testes são: *The Myers-Briggs Type Indicator* (MBTI), 1962, criado por Peter e Isabel Briggs Myers, o *Gray-Wheelwright Junguian Type Survey* (GW), desenvolvido por Joseph Wheelwright em 1964 e "*Singer-Loomis Inventory of Personality*" (SLIP), de 1984, de autoria de Mary Loomis e J. Singer. Essas publicações, amplamente utilizadas nos EUA, estão agregadas em torno da American Psychological Association (APA) e Center for Applications of Psychological Type (CAPT). Muitos questionários e instrumentos tipológicos vêm sendo construídos e reconhecidos por

sua contribuição para a formação de equipes de trabalho, no gerenciamento empresarial, na educação e na orientação profissional.

No Brasil, as pesquisas tipológicas institucionais identificam tipos de acordo com as descrições do MBTI (1962) e também com a revisão e crítica de alguns conceitos da teoria junguiana que Myers (1997) realizou ao longo do estudo da tipologia. Zacarias (1999) desenvolveu o *Questionário de Avaliação Tipológica* (QUATI) aplicado em sujeitos a partir da oitava série do Ensino Fundamental. O próprio autor reconhece que uma avaliação tipológica baseada em testes e questionários é estática e se contrapõe à personalidade, que é dinâmica. Segundo ele, a pretensão do questionário é a de avaliar a personalidade de um indivíduo através das escolhas situacionais que cada sujeito faz. Os resultados definem a atitude consciente, as funções mais desenvolvidas e as menos desenvolvidas. Destina-se também à orientação profissional e vocacional. Ainda no âmbito da orientação vocacional, Araújo (2005) observa que os profissionais mais atualizados nesta área, além de estudarem as habilidades cognitivas e o tipo psicológico do orientando, avaliam também as funções da consciência. Esta abordagem permite que os jovens considerem talentos desconhecidos, propiciando o surgimento de interesses profissionais que estavam mais inconscientes. Zacarias (1995) e Lessa (2003) em suas pesquisas comprovaram a existência dos dezesseis tipos descritos pelo MBTI (1962) e concluíram que é a diversidade tipológica que estimula o desempenho profissional e interfere no relacionamento geral entre as pessoas e a comunidade. Consideram fundamental o conhecimento dos tipos psicológicos para se compreender e valorizar as diferenças, incrementando assim, o relacionamento humano em geral. Farah (2002), dentro da mesma visão, utilizou um outro instrumento, o Teste Classificador de Temperamentos de Keirsey (1984), que retoma a tipologia baseada no temperamento humano. Sua pesquisa constata a existência de tipos segundo o critério afetivo e de acordo com o MBTI (1962).

Jung (1991[1921]) não desenvolveu especificamente uma teoria dos tipos aplicada às crianças, ainda que fizesse referências importantes ao universo infantil, pois as funções e atitudes psicológicas se diferenciam muito cedo de acordo com um plano arquetípico. Ele

adverte para os problemas decorrentes de uma criança assumir um tipo que não corresponde à sua personalidade, assinalando que a insegurança instintiva é a base para a unilateralidade consciente. Wickes (1966) constata clinicamente os efeitos da violência tipológica nas famílias: quando filhos assumem um tipo que não é o seu, surgem deformações na integração da personalidade. O tipo psicológico revela tanto a facilidade considerando a superioridade de uma função, quanto a fragilidade de uma criança em relação à sua inferioridade psicológica. Ela admite que é preciso um longo estudo para se determinar o tipo psicológico da criança. As considerações sobre a problemática dos tipos na infância já haviam sido feitas por Jung (1991[1921]). Ele foi enfático ao alertar sobre as questões decorrentes da falsificação de um tipo. Diz ele:

Sob condições anormais, isto é, quando se trata de atitudes maternas extremadas e, portanto, anormais, pode ser imposta à criança uma atitude bastante semelhante, com violentação de sua disposição individual que talvez houvesse escolhido outro tipo, não interferissem influências externas anormais. (JUNG, 1991[1921], p.625).

As trocas de tipos devido a influências externas levam a uma condição neurótica, afetando inclusive o bem estar físico de uma pessoa. Benziger (2003) em sua pesquisa sobre as bases fisiológicas dos tipos também demonstrou os problemas que as falsificações tipológicas produzem a curto e longo prazo no organismo, trazendo prejuízos generalizados para a saúde de um indivíduo.

Os estudos recentes sobre fisiologia dos tipos junguianos descritos por Benziger (2003) promovem conexões entre a neurociência e o que Jung (1991[1921]) já imaginava: correspondentes fisiológicos para as atitudes e funções. Murphy (1992) e Myers (1997) escreveram livros destinados a pais e professores com suas próprias descrições tipológicas de crianças a fim de compreender as diferenças nas relações familiares e sociais. As autoras consideram importante determinar o tipo psicológico de uma criança. Elas enfatizam a importância do respeito à individualidade da criança considerando seu tipo psicológico. Além do respeito ao tipo inato da criança, recomenda-se estimular a função e atitude superior a fim de promover o processo adaptativo. Estenderam a questão tipológica ao

processo de aprendizagem sugerindo abordagens pedagógicas específicas para crianças de acordo com o tipo. Meisgeier e Murphy (1987) nesta mesma perspectiva desenvolveram uma versão infantil do MBTI (1962): o MMTIC, *Murphy-Meisgeier Type Indicator for Children* (1987). Este instrumento é aplicado em crianças entre sete e doze anos.

De acordo com as descrições de cada tipo psicológico de Jung (1991[1921]), é possível observar a dinâmica da psique, que indica a direção do movimento dos processos psíquicos e o grau de diferenciação de cada uma das funções básicas. Jung (1991[1921]) propôs uma psicologia crítica que possibilita ordenar e investigar o material empírico relacionado à psique. Para ele, a tipologia é um instrumento de pesquisa do material consciente e do material inconsciente.

5 Método

À luz dos conceitos sobre atitudes, funções e tipos psicológicos de Jung, estudados na literatura consultada, realizei uma análise interpretativa de um caso clínico infantil dentro da abordagem da Psicologia Analítica. O sistema tipológico proposto por Jung (1991[1921]) foi utilizado como método de investigação no psicodiagnóstico.

Os sintomas, freqüentemente interpretados na perspectiva simbólica, também foram estudados a partir da dinâmica tipológica da criança e compreendidos como sinalizadores das necessárias correções da atitude consciente.

O caso clínico foi selecionado de acordo com os seguintes critérios: a faixa etária, o encaminhamento da criança ter sido feito pelos pais com pedido de diagnóstico e a presença de ambos no processo de avaliação. A criança em idade pré-escolar atende à faixa que, na teoria tipológica, o tipo psicológico já pode ser observado.

A criança foi atendida numa clinica onde também trabalham outros psicólogos. Os consultórios são dispostos ao longo de um terreno de área verde. A sala situa-se no local mais isolado do terreno. A entrada é feita por uma porta balcão voltada para um grande jardim com árvores e plantas. Além de uma mesa, duas cadeiras (uma de madeira e outra giratória), duas poltronas voltadas uma para outra, um tapete grande, um micro computador compõem o mobiliário da sala. Ao lado um banheiro e uma bandeja com água, chá e café. O material lúdico à disposição consta de: jogos, brinquedos e material artístico para crianças desde três anos de idade até quatorze, organizados em prateleiras permitindo o acesso das crianças a eles.

Para o estudo de caso foram utilizadas como fontes de coleta de dados entrevistas, sessões de observação lúdica e teste projetivo.

As entrevistas com os pais procuram averiguar: o motivo da consulta, o histórico da queixa e os antecedentes pessoais e familiares. Frases literais foram reproduzidas por serem significativas para a compreensão da dinâmica que se estabelece na criança e na família quanto ao uso das atitudes e funções.

Os dados coletados nas entrevistas com a escola e a fonoaudióloga, que acompanhava a criança, tinham o objetivo de conhecer os recursos que ela utiliza no contexto social e como eles a caracterizam quanto a seu modo de ser e reagir diante dos eventos.

Foram realizadas cinco sessões de observação lúdica, sendo a última com o irmão. Considerei relevante observar a dinâmica que se estabelecia entre eles em função do pedido da paciente.

As atividades das sessões eram de livre escolha da paciente. A finalidade era observar suas preferências e modo de se relacionar com os objetos da avaliação como um todo.

A brincadeira é um instrumento para uma comunicação significativa que se revela útil ao analista infantil. Brincando ela expressa seus sentimentos e pensamentos direta e indiretamente (FORDHAM, 2001). Além dos jogos, os desenhos e as massas de modelar possibilitam a expressão não verbal de imagens simbólicas.

Para a aplicação do teste foram utilizadas três sessões de atendimento. O Teste de Apercepção Infantil (C.A.T.)⁴ é um método aperceptivo para investigar a personalidade estudando a dinâmica significativa das diferenças individuais na percepção de estímulos padronizados (BELLAK, 1967). É para ser empregado com crianças de ambos os sexos de três a dez anos de idade. O teste consiste de dez quadros com ilustrações de animais. As figuras são apresentadas uma a uma obedecendo à numeração indicada. Pede-se à criança que invente uma estória para cada prancha que é registrada textualmente. São permitidas interrupções, seleção de pranchas e inquérito sobre as estórias. O inquérito foi suprimido a partir da primeira prancha para não interromper o fluxo das imagens.

O C.A.T. é uma das técnicas projetivas de investigação da estrutura e dinâmica da personalidade mais utilizadas na prática infantil em Psicologia Clínica (MONTAGNA, 1989). Suas imagens convidam a consciência à atividade imaginativa, à fantasia ativa. Uma das técnicas destinadas a trazer à consciência o conteúdo do inconsciente é a atividade imaginativa. Ele foi utilizado na perspectiva da Psicologia Analítica que permite tratá-lo como

⁴ Será usada a abreviação C.A.T. como referência ao Teste de Apercepção Infantil no decorrer do texto.

facilitador das imagens do inconsciente. A análise do C.A.T. referir-se-á somente a aspectos que tangem aos conceitos em estudo.

A primeira entrevista foi realizada com a mãe e em seguida foi feita a anamnese com os pais. Após a reunião com a orientadora da escola, iniciaram-se as sessões de observação lúdica. Nesta etapa foi constatado que a criança tinha um acompanhamento fonoaudiológico. Assim, a profissional responsável também foi entrevistada. O teste projetivo foi aplicado nas três últimas sessões.

A partir dos dados coletados durante o psicodiagnóstico será feita a descrição e discussão do caso de uma criança, analisado à luz dos conceitos tipológicos da teoria junguiana, a saber, a partir da dinâmica das atitudes e funções psicológicas.

Os dados de identificação do caso, exceto a idade e sexo da criança, foram alterados para preservar a privacidade da família. O termo de consentimento, referente à criança, para este estudo, foi assinado pela mãe como responsável pela filha.

6 Resultados e Discussão

6.1 Descrição do caso clínico

Giovana é uma menina, 5 anos e 11 meses, cursando o pré-primário de uma escola de classe média alta. O pai [40 anos] executivo de multinacional denominado por Marcelo, e a mãe, por Fátima, [34 anos], com formação superior na área de ciências humanas. Os pais são casados. O segundo filho do casal, designado por Paulo, tem um ano e oito meses de idade.

6.2 Primeira entrevista

A partir da indicação da orientadora da escola, Fátima solicita um acompanhamento psicológico para a filha. Foi marcada, então, uma entrevista na qual compareceu a mãe. O cabelo preso e a calça jeans apresentavam uma mãe jovial e muito expressiva que elogia o local. Fátima achou que deveria começar falando dela mesma e de suas vivências pessoais. Ela relata que quando Giovana nasceu, o casal morava em Campinas por circunstâncias profissionais do marido. Quando Giovana tinha cinco meses, Fátima sofreu a perda do avô que ela adorava e era *como um pai forte* para ela. Foi quando o leite secou e ela não pôde mais amamentar a filha. Descreve o período caracterizando-o como de profunda solidão, e acrescenta: *era difícil estar com Giovana e eu me sentia muito mal com isso*. Nesta ocasião, explica o que aconteceu com o marido: *Marcelo perdeu o chão*. Ela diz que ele sempre teve *muita dificuldade em lidar com coisas que tocam, e, assim, visava apenas objetivos profissionais*. Segundo ela, Marcelo almejava uma carreira brilhante e estava em franca ascensão profissional. A mãe admite que o marido sempre assumiu o papel de provedor junto à família, mas acha que Giovana até hoje se ressentida da falta de atenção do pai e procura conversar com ele sobre o que acredita ser a necessidade da filha. De acordo com Fátima, Marcelo não era muito próximo da filha quando esta era bebê. Fátima relata que

também não podia contar com sua própria mãe, pois esta sempre havia sido ausente. Durante o primeiro ano de vida de Giovana, Fátima não deixava que ninguém cuidasse da filha. Ela acredita que esta atitude era devido às perdas e desmistificações que sofreu naquela ocasião. Foi quando se submeteu à psicoterapia. Durante um tempo, o marido era convidado a participar das sessões com resultados proveitosos para o bom entendimento do casal. Giovana iniciou a escolaridade com um ano e sete meses e adaptou-se muito bem à escola. A mãe também assinala que a filha sempre foi muito esperta: fala precoce e bem articulada desde um ano de idade, e acrescenta que *sempre foi danada, tem espírito de liderança e gosta de impor seus desejos aos outros*. Quando Giovana tinha três anos, Fátima sofreu um aborto espontâneo sendo que esta gravidez não havia sido motivo de entusiasmo por parte da filha. Nesta época, Giovana apresentou comportamentos agressivos com as outras crianças na escola. Por esse motivo a mãe decidiu levar a filha para algumas sessões com sua própria terapeuta, com quem Giovana teve dois meses de acompanhamento psicológico. Perguntada como havia avaliado o processo ela coloca: *ela deu uma acalmada, mas depois voltou tudo, não entendo, pois, às vezes ela pedia para ter um irmão!* Quando Paulo nasceu, um ano depois, Giovana voltou a ter atitudes de agressividade na escola e manifestava claramente o ciúme do irmão, dizia ter ódio dele. *Bastava eu estar com ele que ela logo me solicitava. Eu achava que tinha que atender a ela para não piorar o ciúme, outras vezes não: eu ficava muito brava com isso e, sabe, essa situação ainda é muito difícil!* Fátima estranhava essa atitude da filha, pois quando anunciou a nova gravidez, Giovana aparentava gostar da idéia de ter um irmão, mas desde que fosse do sexo masculino. A mãe não entendia o porquê desta colocação da filha. As constantes solicitações de Giovana são entendidas por Fátima como tentativas de afastá-la do irmão. *E o pior é que está conseguindo*. Constatando que realmente houve este afastamento, diz que *precisa muito de orientação para lidar com isso*. O que a filha experimenta diante do irmão é visto como ciúme doentio pela mãe e é o que mais a preocupa, pois o irmão adora Giovana e esta nunca parece satisfeita com a atenção que tem da mãe. Além disso, Giovana engordou muito desde o nascimento do irmão, o pediatra constatou que está acima do peso

e foi estipulada uma dieta alimentar, mas ela resiste muito a cumprir. A nutricionista da escola também se envolveu no processo, pois Giovana almoça no colégio todos os dias. Na avaliação da mãe a professora é inadequada: ela não gosta de suas intervenções e comentários. Giovana tem apresentado conflitos na relação com as colegas da classe. Perguntada sobre sua atitude diante disto, Fátima diz sempre conversar com a filha sobre as brigas orientando-a quanto ao que fazer diante dos conflitos. A mãe frequenta reuniões semanais na escola para *saber o que está acontecendo com a minha filha*. Fátima descreve a relação com Giovana como de enfrentamento: tudo a filha questiona, se intromete e argumenta desafiando a autoridade da mãe. *Ela adora fazer escândalo na rua, no supermercado, eu não admito*. Segunda ela, *Giovana se acha linda e por isso não quer fazer a dieta, é ousada, independente, sabe o certo, mas faz o errado*. Ela não castiga fisicamente filha, acha melhor mandar Giovana para o quarto pensar no que fez. No final desta primeira entrevista, foi informado à mãe da importância da presença do pai durante o processo e que seria marcada uma entrevista com ele.

Análise da primeira entrevista

A impressão geral durante a entrevista era de haver uma dificuldade da mãe no atendimento às demandas da filha, e que essa dificuldade apontava na direção de um atendimento mais específico; a mãe concordou dizendo que ainda estava em terapia. Também foi assinalado que ela parecia não incluir o marido [Fátima foi sozinha nesta entrevista] e isso talvez sugerisse que ela quisesse conduzir o processo sozinha, desacompanhada. Por outro lado, Fátima apontou na entrevista que se ressentia da atenção de Marcelo não estar voltada para a filha, desde os momentos iniciais do desenvolvimento da criança. Esta contradição foi apontada e ela, aparentemente, reconheceu o valor da presença de ambos no psicodiagnóstico.

Fátima usava muitos adjetivos durante seu relato, era expressiva corporalmente e aparentava ser mais jovem do que sua idade cronológica. Ela inicia a entrevista numa

atitude extrovertida e em seguida volta-se para seus sentimentos e para sua subjetividade. Fátima entendeu que deveria falar de si mesma para apresentar a filha. A mãe demorou a objetivar a queixa e sua atitude era, freqüentemente, de interpretar e avaliar os eventos. A obesidade da filha é interpretada pela mãe como uma reação de ansiedade à crise gerada pelo nascimento do irmão. Fátima parecia se sentir culpada em relação à qualidade do atendimento emocional a Giovana nos primeiros meses de vida e acabava por atender aos pedidos indiscriminadamente, na tentativa de suprir a demanda emocional da filha. Ela mesma reconhecia que estava insegura diante do papel de mãe. Ao longo de seu relato, Fátima levantou várias questões ligadas a sentimentos, tanto pessoais como relativos ao que os outros sentiam, como sentiam e o que faziam com esses sentimentos. Os relacionamentos com as pessoas se configuravam como um valor para ela. Esta parecia ser sua forma preferencial de abordar as situações. Era enfática em suas colocações e seu tom de voz era mais baixo ao contar sobre o luto sofrido e mais alto ao falar sobre a filha.

Giovana se mostra insegura diante de uma nova exigência adaptativa: a expectativa da chegada de um bebê desorganiza seu comportamento consciente. Ela se torna agressiva na escola e, com o nascimento de Pedro, as reações emocionais se tornam mais intensas. A forma com Fátima descreve o modo de reagir da filha leva a crer que as reações de Giovana eram de difícil compreensão para ela, que acabava por se desorientar na condução dos filhos, reconhecendo que se submetia às demandas emocionais de Giovana. Fátima parece reconhecer que Giovana apresenta um pensamento talentoso, orientado por dados objetivos, mas a relação entre elas, de um modo geral, é conflituosa. A esperteza de Giovana é avaliada como “atitude desafiadora”. Os talentos que reconhece na filha [independência, argumentação, liderança, ousadia] tornam a relação entre elas conflituosa. Ao descrever o modo de Giovana se relacionar com as pessoas de um modo geral, Fátima leva a crer que existe uma tensão emocional nas relações como um todo. Ela se mostrou sensível às dificuldades que experimenta no manejo da relação com a filha, tanto que novamente busca orientação.

6.3 Anamnese

Para esta etapa do processo foi agendada uma nova entrevista à qual Fátima e Marcelo comparecem. O primeiro comentário do pai foi sobre a “doçura” da filha a quem se refere como “Gigi”. Marcelo aparenta estar confortável na situação, com uma atitude cordial e reservada: cruza as mãos em cima da barriga, pouco se movimenta durante a entrevista. Sua fala é fluida e enfatiza a relação entre mãe e filha: *Giovana é muito rebelde com a mãe, acredito que entre elas haja uma diferença...*, e continua: *A Fátima tenta fazer Giovana ser o quê ela gostaria que a filha fosse, parece que quer compensar algo que não teve. Giovana tem um temperamento forte, fica muito brava quando contrariada e, outras vezes, chora muito. Ela é vaidosa, ela tem esse lance, mas tem estilo próprio e entra em constantes atritos com a mãe na hora de se vestir. Fátima quer conduzir a filha. Um dia ouviu Giovana exclamar: mãe, você me controla!* Neste momento Fátima interrompe dizendo que Giovana a irrita muito, pois nunca está satisfeita com o tanto de atenção que tem e que come descontroladamente, *“assaltando” a geladeira e a despensa. Esses dias, ela roubou biscoitos recheados e largou o pacote aberto, ela não colabora. Eu faço tudo por ela.* Fátima reconhece que (com o pai) Giovana tende a acatar as determinações do pai, mas explica que, como ele viaja muito e passa menos tempo com a filha, tem mais paciência. Marcelo retoma a palavra e ressaltar as características de Giovana: *é competitiva, solícita, cooperativa, talentosa e muito exigente com ela mesma, ressentindo-se quando não se sobressai em alguma atividade.. Além disto, é muito bem articulada: não é fácil conversar com ela.* No contexto social acha que a filha tem uma excelente adaptação, pois é muito obediente às regras de convívio da sociedade. Os amigos do casal sempre a elogiam. O pai não tem queixas da escola e confessa que não participa das reuniões pedagógicas, mas como membro do conselho administrativo é atuante na escola. Ele afirma que pessoalmente não experimenta dificuldades no manejo da relação com a filha. Percebe a sua resistência quanto à dieta alimentar e admite que ele próprio também aprecia os prazeres da mesa e é avesso a regimes. Neste momento a mãe complementa dizendo que em casa Giovana é

muito ansiosa e que apesar dela fazer tudo pela filha esta não coopera no dia a dia da família, o que a irrita muito. Fátima pretende retomar uma atividade profissional em breve, pois tem se dedicado exclusivamente aos filhos e ao marido. O pai acredita ser importante que a mãe passe a trabalhar fora de casa: eles estão se organizando para abrir uma franquia para ela dirigir. Marcelo considera relevante realizar uma avaliação para entender o ciúme que a filha sente do irmão e melhorar o relacionamento entre mãe e filha, pois Fátima está bastante afetada com isso.

Análise da anamnese

Marcelo se apresentou de forma mais reservada numa atitude oposta a da mulher, pouco falou de si e atendeu com objetividade aos meus pedidos. Manteve postura gentil e mesmo quando interrompido, retomava o curso das idéias com facilidade. Enquanto a presença e participação da mãe é visível no ambiente, uma tendência da atitude extrovertida, a forma de participação de Marcelo é indireta e discreta conforme a atitude introvertida. Suas motivações são mais subjetivas e mesmo valorizando a importância do atendimento às exigências sociais, parece também atender àquilo que julga ser importante. Na visão de Marcelo, a tensão entre elas é devida ao modo de Fátima agir com Giovana. A interpretação que dá à atitude da mãe sugere que as necessidades entre elas não estão diferenciadas. Aquilo que Marcelo nomeia como *diferença* entre mãe e filha parece representar também uma questão tipológica entre elas. Marcelo acha que Fátima tenta impor um modo de ser à filha segundo seus valores e que Giovana reage intensamente procurando se defender do controle da mãe. Ele reconhece na filha um estilo próprio e descreve seus talentos com admiração e reconhece a consistência do pensamento da filha, com o comentário: *não é fácil conversar com ela*. Este mesmo talento é avaliado como enfrentamento pela mãe. Em alguns momentos, o casal parecia sinalizar a mesma diferença funcional e talvez isso pudesse representar também uma fonte de conflito conjugal. É possível que entre pai e filha, além de uma relação afetiva positiva haja uma afinidade tipológica: o pensamento, como

função diferenciada na consciência de ambos, favorece o relacionamento entre eles. Neste mesmo sentido, Marcelo parece abordar a questão alimentar da filha sob outro ponto de vista; ele não interpreta o sintoma como a mulher e privilegia mais as sensações e avaliações que envolvem o ato de comer do que a necessidade de corresponder a um padrão estético corporal vigente.

Marcelo, ao procurar explicar o modo de ser e de se relacionar da filha, sinaliza a presença de intensas reações emocionais quando diz que: *Giovana tem um temperamento forte*. Também sugere que ela apresenta conflitos internos quando não atende às expectativas externas, mesmo não tendo feito referência direta aos conflitos vividos na escola. Ao se referir ao comportamento solícito e cooperativo de Giovana no contexto social, Marcelo parece reconhecer o valor deste tipo de atitude na cultura.

Do modo como se apresentou na entrevista e considerando também sua atividade profissional, Marcelo revela a operacionalização da função pensamento na consciência pelo aspecto da diferenciação: suas idéias eram bem articuladas e organizadas e obedeciam às suas intenções. Favorecido também por isto, parecia reconhecer na filha este mesmo dom. Isto representa uma via de comunicação fluída entre eles, sem a tensão que permeia as discussões com a mãe e também promove o ingresso de Giovana no mundo adulto. Este é um lugar que ela tende a ocupar, mais graças a uma fala amadurecida do que à maturidade. Assim, ao lidar com as emoções que a acometem esporadicamente [o ressentimento, o choro, as birras, os gritos] algumas vezes, a consciência de Giovana se desorganiza e as explosões temperamentais afetam todas as relações, tanto que Marcelo se ressentia da tensão que se estabelece entre a mulher e a filha e do ciúme que esta sente do irmão.

A descrição que os pais fizeram de Giovana refere-se aos mesmos aspectos da personalidade da filha, porém a vêem com o viés de suas respectivas peculiaridades psicológicas e também de acordo com características individuais: ambos observam a presença de afetos na consciência de Giovana interferindo em seus posicionamentos. Para o pai a filha é “doce” e para a mãe, ela é irritante. Eles também julgam a filha de maneira

oposta: seu pensamento diferenciado é valorizado e visto como talento pelo pai e desvalorizado e avaliado como recurso de enfrentamento pela mãe.

Os pais buscavam compreender leis da razão, seja da ordem do pensamento ou do sentimento, que explicassem o porquê da reação exagerada de Giovana diante de seus relacionamentos. O eixo das funções racionais na direção extrovertida parece predominar no repertório de condutas, influenciando os rumos da dinâmica familiar. Durante o processo constatei que Giovana estava em tratamento fonoaudiológico, fato este não mencionado pelos pais.

6.4 Entrevista com a orientadora da escola

Nesta entrevista a atual professora da série também compareceu. O histórico de Giovana foi retomado desde seu ingresso na atual escola. A escola podia resolver internamente as questões do dia a dia da escola, mas Fátima dizia que Giovana se queixava em casa que a professora não lhe dava atenção e que elas não tinham um bom relacionamento. A orientadora pontuou que a mãe demandava mais atenção do que a própria aluna. Na visão da orientadora, Fátima tinha a expectativa de que a questão da dieta fosse solucionada na escola, ela se mostrava preocupada que a filha ficasse gorda como ela própria havia sido quando criança e dizia que como o marido era guloso também não incentivava o regime. Giovana atendia a dieta, mas sempre insistia em repetir os doces dizendo que em casa podia comer o que quisesse. A escola realizou por reuniões mensais com a mãe a fim de que esta se sentisse mais segura e confiante quanto à orientação da escola. Em 2003, início de novo ano letivo, Giovana estava praticamente alfabetizada e demonstrava um excelente potencial cognitivo. Tanto a área de linguagem como a de raciocínio lógico estava em franco desenvolvimento. Apesar de muito interessada pelo processo de aprendizagem da escrita e leitura, se aprofundava demais nas tarefas e não conseguia finalizar. Detalhava excessivamente os desenhos, não conseguindo realizar o que havia sido proposto, se perdia no tempo e acabava acumulando lições. Resistia a se organizar e queria realizar as

tarefas no seu próprio tempo. Na escola, Giovana sempre dizia à professora que tinha muito ciúme do irmão e que chegava na escola *alterada emocionalmente*. No início do ano testava as regras colocadas pela atual professora: *desafiava para ver até onde podia ir, a medida em que foi reconhecendo que eu visava o bem dela foi adquirindo confiança*. A professora achava que Giovana precisava de limites por causa das cenas que aconteciam na entrada da escola e que ela parecia mandar na babá e na mãe. Quando tinha algum conflito com as colegas, se isentava das travessuras, não assumia nem se responsabiliza por seus atos. Era também difícil para Giovana ver as colegas em evidência. Esperava que as amigas brincassem como ela determinava e quando não era atendida ficava emburrada por muito tempo. Ressente-se, ainda, sempre que a professora elogia outros alunos; reclamava quando não recebia atenção e se queixava para a mãe das atitudes da professora. A professora relata que Giovana é uma criança ativa e envolvida com as atividades propostas, desempenhando com sucesso as tarefas escolares, mas tem dificuldades de relacionamento com as crianças e professoras. Tem certa tendência a esperar que as pessoas atendam a suas determinações e quando isto não acontece fica contrariada. Contou à professora que a mãe pretendia levá-la a uma psicóloga por causa dos ciúmes doentio que tinha do irmão, mas ela não queria ir. A presença de Giovana na classe é muito intensa, *ela traz confusão*, quando falta, a classe fica tranqüila. *Fátima não sabe lidar com a filha*, disse a professora ao terminar a reunião. O pai não comparece às reuniões pedagógicas.

Análise da entrevista com a escola

A escola parece promotora de confiança e segurança ao distinguir e diferenciar os devidos atendimentos à mãe e à filha. São observadas dificuldades nos relacionamentos, presença de afetos constantemente interferindo em sua conduta no grupo e nas relações interpessoais, demanda de atenção, bem como a excessiva presença da Fátima tentando mediar os relacionamentos. Pelo relato, o comportamento de Giovana na escola está

dirigido para o meio e a tendência subjetiva compensatória parece pela queixa de atenção constante, mas que quando diferenciada pela professora pode ser sustentada pela criança. O contexto escolar utiliza métodos pedagógicos diversificados dentro daquilo Byington (1996) considera favorecedor para o desenvolvimento das funções da consciência. No entanto, Giovana se perde nas atividades que envolvem a questão das percepções e intuições. Seus talentos cognitivos e êxito escolar são plenamente reconhecidos, porém os fatores afetivos são os aspectos mais visíveis em seu comportamento pelas falhas na adaptação externa.

6.5 Sessões de observação lúdica

Giovana é uma menina simpática e disponível ao contato, falava constantemente relatando fatos de sua vida cotidiana com fluência, boa articulação de idéias usando um vocabulário rico e variado, sua estrutura lingüística permitia que ela comunicasse seus pensamentos de forma consistente, como todos reconhecem. Giovana não era tão gordinha quanto o relato da mãe sugeria, ela tinha um rosto arredondado por fartos cabelos escuros e olhos pequenos e bem escuros. Ela parecia a Mônica das histórias em quadrinhos ainda mais quando relatava suas brigas com as colegas da classe e da vizinhança. Sempre clamava por justiça, queixando-se das pessoas. De acordo com seu relato, admiti que ela tinha tantas amigas quanto problemas e o maior deles era o que ela experimentava na relação com o irmão. Este era o motivo de sua vinda à terapia: *Eu vim por causa do ciúme doentio que tenho do meu irmão*. Perguntada sobre o que era um ciúme doentio responde que foi o que a mãe lhe havia dito e logo se dirige aos brinquedos da sala interessando-se pelos mais diversos materiais da sala de atendimento e a eles se dirigiu. Pintou uma tela, desenhou, contou histórias, leu livros que ela mesma trazia da biblioteca da escola. Quando desenhava e modelava argila partia normalmente de uma idéia e se prontificava a concretizá-la. Um dia, decidiu fazer uma paisagem e envolveu-se com as imagens e cores que surgiam. Ela logo reagia às intuições e era muito criativa em suas produções. Mostrou-se surpresa quando lhe

respondi que não sabia o que fazer com a argila, disse que talvez uma figura aparecesse conforme fosse modelando. Giovana então optou então por concretizar uma idéia e depois esperar por uma imagem e apreciá-la. Pôde-se observar que aparecia também a possibilidade de uma atitude mais perceptiva do que apenas julgadora em sua consciência. Relatava os fatos de seu cotidiano em voz alta e gesticulava, nem sentava. Caso viesse acompanhada pela mãe significava que elas haviam discutido, chegava emburrada com os dois braços cruzados. Uma vez disse que não queria mais vir: *era chato*. Soube, neste momento, que ela estava em tratamento fonoaudiológico, fato este não comentado relatado pelos pais nas entrevistas e que ela não gostava de ir às sessões. Ela tinha que fazer exercícios respiratórios, não podia falar alto e só podia brincar no final das sessões, tudo era chato. Trazia lanches e, sempre, me oferecia. Queria brincar comendo, sua tendência era fazer várias coisas ao mesmo tempo, mas aceitava apreciar o lanche e depois brincar. Ela dizia que não gostava de fazer dieta. Costumávamos conversar sobre preferências e restrições alimentares. Giovana comia sem apreciar o sabor, o aroma dos alimentos e nem a quantidade que a satisfaria; bebia dois copos de água seguidos com sofreguidão; os pés estavam vermelhos e inchados ao tirar o tênis. Ao longo das sessões observou-se que a experiência sensorial de Giovana era muito apressada. que as informações da realidade e dos objetos não eram suficientemente interiorizadas, nem organizadas, não revelavam uma intenção consciente e assim não permitiam que ela se orientasse por elas também [parecia ser escolhida pelos brinquedos]. Sua atitude demonstrava prontidão para agir em direção ao objeto. Suas considerações subjetivas não eram privilegiadas e suas necessidades físicas apareciam com intensidade. Precisava ir ao banheiro sempre com urgência, sentia sede assim que entrava na sala, transpirava em roupas quentes. Pude perceber também que desconfortos físicos não eram claramente diferenciados, nem percebidos por ela de modo que pudesse agir sobre elas segundo seu controle consciente. Essas informações sensoriais não estavam disponíveis à sua vontade, surgiam de repente, e, as reações a elas eram exageradas. O cansaço, desconsiderado após o período escolar, vinha mesclado com intensa tonalidade emocional ao relatar os conflitos vividos na escola ou com a mãe. Nas

atividades com material artístico se perdia no tempo, derrubava coisas e não conseguia fazer nem a metade do que havia se proposto. Sempre perguntava se seus trabalhos estavam bons. Apreciava fazer quebra-cabeças e demonstrava agilidade de raciocínio em todos os jogos. O modo do pensamento de Giovana operar apontava para um talento e para um modo preferencial de agir que freqüentemente utilizado, seus relatos verbais eram bem articulados e com muitas informações. Ela procurava ser amável e tentava ser cordata, mas nem sempre considerava o que havia sido dito. Preferia a cadeira giratória. Na hora de finalizar a sessão demorava a guardar os brinquedos e sempre pedia para ficar mais um pouco. Relatava fatos respectivos ao universo adulto com muita propriedade ao qual parecia ter bastante acesso: *Minha mãe não pôde ir à sua palestra, ela não pôde porque tinha um compromisso. O que é mesmo compromisso?* Numa outra sessão escolheu pintar uma pequena telha com tinta guache e disse: *Estou esclarecendo as nuvens.*

Contando espontaneamente sobre suas atividades escolares em educação física lança a pergunta: *Gordo vai pra Olimpíada?* Em outro dia, logo ao chegar, indaga: *Qual dos seus pacientes é o mais bonzinho e qual é o mais educado?* Outra observação: *Já estou melhor com meu irmão.*

Análise das sessões lúdicas com Giovana

Giovana era uma garotinha esperta e não aparentava ter apenas seis anos. Apresentava-se muito bem a partir de um pensamento consistente. Diante das perguntas que formulou parecia que Giovana tinha muitas idéias sobre as coisas e apreciava operar com elas também como modo de relacionamento interpessoal.

A fala articulada no seu aspecto funcional se mostrava como recurso de ego amadurecido e a linguagem verbal era uma modalidade preferencial de comunicação. Frequentemente, a experiência dela diante dos fatos buscava uma explicação e uma compreensão, um julgamento racional. Um dia, espontaneamente, se referiu a uma melhora na relação com o irmão. Na consciência de Giovana a vivência do ciúme parecia algo perturbador e patológico

do qual ela precisava se livrar assim como havia acontecido com a agressividade. Ciúme e ódio eram conteúdos presentes, porém desabonadores e, provavelmente, nem sempre eram dirigidos por uma intenção consciente. Diante deles precisava novamente da ajuda de uma psicóloga, e isto talvez fosse algo que ela se envergonhasse já que não quis se estender inicialmente sobre a questão. Ela responde à pergunta segundo uma referência externa que nomeava um estado subjetivo como doentio e, logo se afasta do complexo, desviando seu interesse para os objetos do mundo externo, uma tendência da atitude extrovertida (JUNG, 1991[1921]).

Nos jogos de raciocínio algumas soluções eram, às vezes, mais rapidamente encontradas por Giovana a partir do que ela chamava de acaso ou sorte. Era como se ela não valorizasse o modo de conhecer através de imagens que subitamente apareciam na consciência. Eram também poucos os momentos que sua consciência se voltava para dentro. Habitualmente, Giovana se dirigia ao mundo externo para obter referência, avaliação externa positiva de suas obras e também para autenticação do seu modo de ser. Suas avaliações subjetivas não pareciam ser suficientemente diferenciadas a ponto de orientá-las de modo confiável em suas auto-avaliações. Sua tendência subjetiva se dava também de forma indireta, usava de subterfúgios para atender a si mesma, resistindo aos limites externos. Seu corpo não lhe oferecia uma fonte de orientação segura, suas vivências das sensações corporais eram intensas e se apresentavam pelo exagero: o peso, a sede, a fome, a vontade urgente de ir ao banheiro. As informações do corpo advindas das sensações adentravam a consciência subitamente e perturbavam seu funcionamento consciente. Era difícil conter as sensações físicas e manejá-las segundo sua intenção consciente passando a ser governada por elas. Giovana admitiu que tinha vontade de participar de uma Olimpíada, mas achava que era gorda. Seu modo de reação às percepções do corpo levava a crer que a consciência de Giovana se desorientava diante das vivências corporais. O componente subjetivo das funções irracionais é reprimido na atitude extrovertida, pois o interesse está no objeto (JUNG, 1991[1921]). É o que parece acontecer na consciência de Giovana, uma desconsideração pelo fator subjetivo e pelo

próprio corpo. Os dados irracionais transmitidos pelas funções perceptivas não eram subjetivados, faziam parte do acaso, e nem sempre eram integrados à consciência. De um modo geral, parecia importante para ela que as coisas fossem discriminadas como ela mesma dizia: *estou esclarecendo as nuvens*. Suas perguntas e colocações pareciam sinalizar que ela buscava, além dos significados dos eventos, a possibilidade de realizar uma subjetivação de suas experiências de um modo geral.

Sessão com o irmão

Um dia, ao chegar para a sessão Giovana pediu que o irmão também participasse. Nesta oportunidade eles compareceram ao consultório acompanhados pela babá. Giovana, satisfeita, disse que a babá poderia então aguardar na recepção.

Loirinho, magro e de olhos bem azuis como a mãe, Paulo era um menino do tipo ativo corporalmente e que se movimentava o tempo todo explorando os objetos de minha sala de terapia. Mesmo tendo um ano e oito meses, não apresentou nenhuma reserva diante da situação como um todo, nem às colocações subseqüentes que se fizeram necessárias. Era preciso conter e limitar seus movimentos, o jardim também despertava sua curiosidade aguçada. Giovana, então, decidiu fazer um quebra-cabeça de duzentas peças e convidou o irmão para brincar com ela; mas ele apenas queria manipular as peças. Foi dito a ela que Paulo deveria ser, habitualmente, bem levado e que havia um impasse: ou seria preciso entretê-lo ou ele ficaria com a babá. Giovana frisou que o irmão era sempre assim, optou pela primeira sugestão e finalizou o quebra-cabeças sozinha, mesmo que inicialmente seu desejo fosse de estar acompanhada. Durante a sessão Giovana teve algumas reflexões levantando questões: *Por que meu irmão pode coisas e eu não? Por que ele entra no meu quarto e pega meus brinquedos? Por que minha mãe tem que ficar com ele e eu com a babá? Por que ele tem babá e eu não? Por que ele pode comer o que quiser e eu não?*

Análise da sessão com o irmão

Giovana tendia a se responsabilizar pelo irmão em algumas situações e, conseqüentemente, assumia os cuidados sobre ele. A escola já havia relatado que ela indevidamente ocupava o lugar dos adultos. Talvez por estar em companhia da irmã e também dar indícios de agir segundo a atitude extrovertida, Paulo esteve muito à vontade na sessão; a interação entre eles era amigável e de companheirismo. Ela ao escolher o quebra-cabeça, intuitivamente, tenta também organizar a sessão e toma uma decisão quanto ao que fazer. Neste tipo de jogo o reconhecimento e diferenciação de partes conta com a função perceptiva tanto em sua modalidade sensorial como em sua modalidade intuitiva. Giovana se mostrou muito hábil e ágil durante a montagem. A função sensação a auxiliava quando ela se dedicava às partes, percebendo as diferenças entre elas e, alternadamente, a intuição a ligava ao todo, à cena. Era interessante observar os efeitos que a dinâmica do uso de funções auxiliares produzia em sua consciência. Suas ações eram dirigidas e permitiam uma apreensão adequada da situação. Simbolicamente este jogo de montar peças poderia ser uma representação de sua necessidade: discriminar as partes para montar uma totalidade. Foi o que pareceu também com as perguntas que fez nesta sessão. Giovana aparentava não saber ou não compreender questões relativas às diferenças de idade entre ela e o irmão, as demandas peculiares de cada um, os espaços que ocupavam, o papel e o manejo dos adultos diante dos filhos.

De alguma forma Giovana delibera sobre questões que não lhe cabem até mesmo pela idade e que acabam por levá-la a um conflito de interesses sem que ela tenha sustentação para isto [justifica a mãe, manda nela e na babá e se propõe a cuidar do irmão].

Talvez esse fosse o pedido dela: que alguém pudesse observar os dois juntos e vê-los em suas respectivas individualidades. Giovana dizia sentir um ciúme doentio do irmão, mas ao trazer o irmão para a sessão não trouxe o ciúme, trouxe uma questão relativa ao atendimento das diferentes necessidades e cuidados.

6.6 Entrevista com a fonoaudióloga

A ortodontista encaminhou Giovana para um tratamento fonoaudiológico em função de uma adenóide não cirúrgica. Na avaliação da fonoaudióloga foi constatada uma disfonia devido a um nódulo nas cordas vocais de origem alérgica. A anamnese revelou também otite, sinusite e rinite no primeiro ano de vida. Dentre as considerações da profissional entrevistada me chamou a atenção o fato de que Giovana possui uma sobrecarga no aparelho fônico. O esforço que faz para articular a fala tem causado estresse. Uma das terapêuticas indicadas são exercícios de relaxamento. A atitude de Giovana durante a terapia é de impaciência, impulsividade, desorganização e agitação. A terapeuta informou também que observa certa tensão entre mãe e filha e que: *a mãe precisa de limites*. Ela demanda atenção no horário da sessão da filha.

Segundo a fonoaudióloga: *Giovana está machucando ela mesma*. O tratamento exigiria uma frequência maior, porém a mãe tem dificuldade em se organizar para levar Giovana às sessões, ela falta muito e o pai não participa do trabalho, pois Fátima disse que ele era muito ocupado.

Análise da entrevista com a fonoaudióloga

Graças ao histórico pesquisado pela fonoaudióloga, ela constatou que no primeiro ano de vida apareceram distúrbios [rinite, otite, sinusite] de origem alérgica. Esses sintomas comprometem a funcionalidade dos respectivos órgãos dos sentidos.

Durante o primeiro ano de vida os sintomas físicos representados pela alergia sinalizam uma sensibilidade àquilo que vem de fora. A alergia é um processo de reação ao objeto externo. As vias respiratórias ficam irritadas e tendem a comprometer a passagem do ar. Na visão da psicologia analítica, corpo e mente representam uma totalidade e os sintomas físicos e psicológicos que aparecem indicam a correção da atitude consciente a fim de

restabelecer o equilíbrio da psique. Os processos compensatórios ocorrem de forma inconsciente a fim de garantir o equilíbrio psíquico e podem se manifestar via corpo.

“Sabemos que os bebês reagem corporalmente ao medo e à sensação de abandono”. (RAMOS, 1994).

Havia uma irritação no corpo, uma reação corporal aos estímulos do meio. A reação do bebê ao atendimento de suas necessidades físicas e psicológicas é da ordem da totalidade, uma vivência de totalidade biopsíquica através do corpo. Na consciência de Giovana as informações advindas dos órgãos dos sentidos [ouvido, nariz] produziam sensações de dor e sentimentos de desprazer. A causa da disfonia é um processo alérgico recorrente e a consequência, a formação de um calo que obstrui o trânsito do ar nas vias respiratórias. A rouquidão de sua voz é o resultado de um uso indevido do corpo, ela faz um esforço desmedido para falar. Giovana, ao se expressar verbalmente de forma tão talentosa, tenciona as cordas vocais a ponto de obstruir a livre passagem do ar ao longo das vias respiratórias. Os sintomas corpóreos devido a sua natureza simbólica de expressão sinalizam que há uma sobrecarga no corpo e uma tensão, a recomendação é falar de forma menos tensa. O envolvimento de Giovana e da família com este trabalho parecia superficial. Talvez o valor deste trabalho não tenha sido agregado pelos pais ao processo de desenvolvimento como um todo e tampouco tenha se tornado significativo para Giovana.

6.7 Hipóteses diagnósticas

Pelos dados fornecidos pelos pais, no primeiro ano de vida houve uma dificuldade do ambiente em atender às demandas de Giovana. De acordo com os autores, neste período as sensações e as intuições predominam na consciência da criança e caminham de um estado de indiferenciação e ambivalência para estados mais discriminados e diferenciados. Parece ter havido uma falha no espelhamento ambiental, e as percepções de Giovana parecem não ter sido devidamente discriminadas e /ou reconhecidas pelo ambiente e, portanto, mediadas. De acordo com Jung (191[1921], p.787) a função sensação é [...] “em

primeiro lugar, sensação dos sentidos, ou seja, percepção pelos órgãos dos sentidos e pelo "sentido do corpo" (sensação cinestésica, vasomotora etc)". E também é um elemento do sentimento dando este o caráter de afeto através da percepção das transformações corporais. Durante o primeiro ano de vida, Giovana apresentava uma disfuncionalidade ligada aos órgãos dos sentidos, audição e olfato; a apreciação sensorial através desses órgãos trazia desconfortos físicos. Os sintomas orgânicos relativos ao primeiro ano de vida que Giovana apresentava podem estar relacionados a uma indevida diferenciação dos dados da percepção sensorial e das reações emocionais advindas das sensações corporais nos primórdios do desenvolvimento. Pelos dados das entrevistas, pode-se conjecturar que o processo de diferenciação da função sensação tenha ficado prejudicado no primeiro ano de vida.

Os sintomas corporais atuais [rouquidão e obesidade] talvez também possam estar associados ao grau de indiferenciação da função sensação e relacionados ao modo atual de utilização desta função orientadora da consciência. Atualmente, a função sensação parece contaminada pela fusão com outras funções e afetos insuficientemente diferenciados para se coordenar ao ego e servir como função do real durante o fortalecimento do ego. A sensação como função básica de captação da experiência vivida através do corpo trazia uma experiência emocional de irritação. Giovana ao ter sensações físicas [fome, sede, calor, cansaço] não parece poder operar como forma devida de apreensão de conteúdos na consciência.

Os dados coletados nas entrevistas e nas sessões levam a crer que durante a fase de amadurecimento do ego de Giovana, a diferenciação da função pensamento na consciência na direção extrovertida prevaleceu na consciência. Se havia falhas na função sensação, pode-se imaginar que a função pensamento predominou, inibindo a complementação dada pelas funções irracionais. Atualmente, a função pensamento opera em diversos contextos de forma notável e serve como recurso de participação do mundo adulto, mas nem sempre a consciência de Giovana sustenta os posicionamentos adotados. Este parece ser o aspecto mais diferenciado e desenvolvido de sua personalidade, talvez excessivamente utilizado,

comprometendo o uso alternado de outras funções básicas. O critério de seu julgamento extrovertido é proveniente do mundo externo e a realidade de suas necessidades e precisões subjetivas nem sempre eram consideradas. Quando há um exagero da atitude extrovertida reprimindo o fator subjetivo, a reação compensatória pode se dar em forma de perturbações corporais que forçam a libido para a introversão. A reação do inconsciente faz surgir outra categoria de sintomas que têm caráter mais introvertido no sentido de reconhecer às demandas subjetivas. A fala de Giovana expressa principalmente um pensamento estruturado, articulado e diferenciado desde um ano de idade, um recurso torna sua argumentação consistente, fazendo com que ela seja considerada por sua precocidade e esperteza. Aos três anos, o ego, estruturado predominantemente pela função pensamento, se prepara para lidar com a vinda de um novo irmão. Talvez tenha faltado o acolhimento à reação emocional face à ansiedade provocada por essa situação. Os movimentos de integração desses novos estados subjetivos podem ter sido perturbados pela presença de reações emocionais não metabolizadas pelo ambiente, como descreve Astor (1997). Pelo relato da mãe, a reação emocional de Giovana ao nascimento de um irmão era voltada para as amigas da escola; ela batia nas colegas. A agressividade parecia ser uma reação sem deliberação consciente, isto é, fora do alcance da consciência, e precisava ser reprimida. Mas Fátima confirma o inexorável retorno de conteúdos rejeitados pela consciência: *Ela deu uma acalmada, mas depois de um tempo voltou tudo*. A voracidade que aparece talvez possa ser compreendida como manobra compensatória, visando à inclusão das demandas subjetivas na consciência. A atitude da filha diante do nascimento do irmão é avaliada pela mãe como uma reação exagerada, de uma qualidade de sentimento primitivo [“ciúme doentio”]. O que a filha dizia sentir era ódio do irmão e também um ciúme doentio.

“Ciúme doentio” é como a mãe nomeia e qualifica a vivência da filha em relação ao irmão. Giovana utiliza o julgamento da mãe para nomear os estados subjetivos que experimenta na relação com o irmão. Fátima, por sua vez, atribui também um valor negativo ao ciúme que se torna incompatível com os valores estabelecidos pelas leis objetivas, que parece reger a

consciência de ambas. O ciúme, a raiva, a agressividade podem ser afetos legítimos e devidamente vividos, diferentemente do ciúme doentio, do ódio e da agressividade indiscriminada. Esses conteúdos, tidos como menos nobres, quando diferenciados e autenticados podem vir a ser integrados ao acervo da consciência. É provável que conteúdos avaliados como negativos não puderam ser coordenados e integrados à personalidade consciente de Giovana, ficando na sombra do ego. Uma exagerada reação emocional, o ciúme descrito como doentio, primitivo, revela a ativação de um núcleo carregado de afetos e a função sentimento passa a se apresentar na consciência com a fenomenologia de um complexo.

Se em tantos momentos Giovana não aceita as colocações de Fátima, como as entrevistas apontam, parece que delega a ela nomear o que sente e como sente. Assim, a função sentimento passa a ser pouco utilizada de forma consciente. Por outro lado, quando Giovana pensa, permite que sua consciência se organize e faça contato com os objetos do mundo externo. Mas, também é acometida por afetos que produzem estados subjetivos difíceis de serem integrados, que passam a dirigir suas ações. Isso se aplica ao que Jung (1991[1921], p.751) assinalou: “todo sentimento, ao atingir certo grau de força, liberta inervações e se torna afeto”. O sentimento pode ser “uma função voluntariamente disponível ao passo que o afeto geralmente não o é”. (JUNG, 1991[1921]p.751).

O que se observa e chama a atenção de todos no comportamento de Giovana são expressões afetivas exageradas e turbulentas. Suas reações nem sempre são coerentes, harmônicas. Não estão sob deliberação consciente e simplesmente acontecem. As expressões dos afetos estão intensificadas e se apresentam a partir de características mais primitivas nos relacionamentos interpessoais. O que aparece na consciência é um ciúme exagerado, um sentimento com intensa tonalidade afetiva recoberto por emoções negativas dando a ele um caráter de complexo no comportamento geral de Giovana. Pela teoria das funções psicológicas, uma das formas de manifestação de complexos pode ser via função inferior devido à sua íntima ligação com o inconsciente. A mãe sinaliza que sentia dificuldade em entender como os sentimentos da filha se articulavam, pois eles se

revelavam contraditórios e sem lógica [queria e não queria um irmão, dizia ter ódio do bebê e, ao mesmo tempo, se prontificava a cuidar dele]. Este tipo de reação de aceitação e rejeição, ao estilo “tudo ou nada”, sugere uma orientação pelo *Self*. Há indícios de que a função sentimento ainda esteja sob os auspícios da totalidade e neste caso Giovana é o afeto que ela experimenta, ela é a raiva que sente. Neste mesmo sentido, porém sob outra apreciação, o pai diz: *Giovana é um doce*. Jung (1978[1916]) observa que a função intelectual costuma se desenvolver quando a relação com o pai é principalmente afetiva e pode se transformar numa ponte de ligação com o mundo.

Jung (1991[192]) chamou a atenção para a dinâmica que se estabelece na psique decorrente da predominância da atitude extrovertida na consciência. Quando o pensamento predomina, o sentimento é o primeiro a ser reprimido caso não se adapte a atitude intelectual da consciência. De acordo com o autor, as funções menos diferenciadas na atitude extrovertida apresentam um condicionamento extraordinariamente subjetivo, evidenciando uma conexão íntima com o inconsciente. O que parece representado pela constante necessidade de atenção que Giovana demanda na escola e em casa. Seus relacionamentos de um modo geral são insatisfatórios, se desentendendo com a mãe no dia a dia, entrando em conflito com o irmão ao ter que dividir atenção, brigando com as colegas ao querer impor seus desejos, desconsiderando a professora e os limites escolares.

Alguns sentimentos e sensações parecem que se constituíram como elementos estranhos à consciência de Giovana, como conteúdos a serem reprimidos e expulsos do campo consciente. De acordo com Fordham (2001), na primeira infância o ego ainda não está suficientemente integrado para renunciar às funções de controle do ego em amadurecimento.

Minha hipótese é que o uso excessivo da função pensamento na consciência sombreia as demais funções, e isto deveria ser revelado no inconsciente. Estaria a predominância da função pensamento na consciência a serviço de uma estruturação funcional do ego? Estaria a relação do inconsciente com o consciente garantida? Será que os processos

compensatórios estavam cumprindo a função de manter a distribuição da energia psíquica entre os sistemas?

6.8 Teste de Apercepção Infantil (C.A.T.)

As funções psicológicas são representadas por um modelo quádruplo, por uma totalidade composta de quatro elementos. Jung (1988 [1951]) constatou que a totalidade é uma noção empírica antecipada na psique por símbolos espontâneos ou autônomos: os símbolos da quaternidade, do círculo e da mandala que expressam a totalidade do indivíduo. Ele observou que os símbolos da quaternidade apareciam com frequência nos produtos do inconsciente onde geralmente representam a totalidade da personalidade.

Estudando a série de dez pranchas do C.A.T., verifiquei que os temas se interligavam e se repetiam. Foram selecionadas algumas situações que podem representar a problemática que a dinâmica das atitudes e das funções psicológicas assume na psique de uma criança.

Prancha um: Três pintinhos sentados ao redor de uma mesa, na qual há uma grande tigela de comida. De um dos lados está esboçada uma galinha.

Era uma vez três carinhas muito sapequinhas que estavam fazendo bolo e a mãe ajudando. Será que está bom? E uma delas sem querer derrubou a taça e a mãe ficou muito brava e falou para ela ir para o quarto e ficar alguns minutos lá. E ela ficou chorando muito e as duas galinhas e a mãe ficaram muito irritadas. Então decidiu deixar ela sair, mas com uma condição: bom exemplo para as irmãs mais novas. Ela jurou não derrubar as taças. Para a sobremesa foram colher cerejas para uma torta, as três irmãzinhas foram colher. A mais novinha se perdeu no meio do bosque e as irmãs desesperadas ficaram procurando, mas não acharam. Correram e voltaram para casa e telefonaram para a mãe. Chamaram o pai e só desespero, não achavam e a mais nova, perdida, desesperada, também ficou com medo. Finalmente chegaram no lugar que ouviram o socorro da irmã e a encontraram. A mãe suplicou para não irem ao bosque longe e forem correndo para casa antes que escureça, a mãe falou. As filhas concordaram, senão as quatro iam ficar perdida. Tá boa? Quando vejo que precisam de um tempo, eu espero.

Análise da prancha um

As personagens apresentadas pela prancha estão reunidas em torno do propósito de fazer um bolo [três irmãs sapequinhas fazendo um bolo e a mãe ajudando]. O que Jung (1980[1940]) descreveu quanto à estrutura quaternária do esquema das funções parece estar retratado ao longo do relato tanto pela forma como são caracterizados os personagens quanto pelo modo como estão dispostos: três são agrupados e um fica numa posição especial. As três irmãs são caracterizadas como “sapequinhas” e estão relacionadas a um quarto elemento diferenciado, a mãe. Empiricamente, Jung (1994[1944]) constatou que esse tipo de representação assume uma dinâmica peculiar em relação a um quarto componente. Ele observou que uma estrutura de três elementos, uma formação arquetípica de tríade, se

comporta de modo importante na psique, pois pressente o quarto elemento, que em sua visão, é o elemento com o qual se chega à totalidade. O quarto elemento quando conscientizado configura uma estrutura quaternária que é uma representação de totalidade. A dinâmica que se configura a partir dos quatro personagens apresentados na prancha pode representar a dinâmica que as funções psicológicas assumem na psique.

No desenvolvimento da estória é apresentado um modo de agir da irmã mais velha que, inadvertidamente, derruba a tigela e inviabiliza a proposição inicial. É dito que a criança age de modo não intencional o que parece ser desconsiderado pelo julgamento das demais. Um comportamento inadequado ou imaturo é tipicamente relativo à manifestação de uma função mais indiferenciada no repertório de condutas. Analisando as representações que as funções psicológicas assumem nos sonhos, Jung (1994[1944]) observa que a função inferior e, portanto, a mais em contato com o inconsciente, pode aparecer na figura de filha em função da natureza feminina deste. De acordo com Von Franz (1990) nos contos o comportamento da função inferior pode ser representado pelo filho ou filha mais jovem ou por qualquer um com qualidades menos desenvolvidas. Dentro da mesma visão ou contexto Ruby (1997) coloca que a função inferior pode estar representada por uma criança travessa, um comportamento imaturo ou um elemento perturbador da ordem. Quando essa função aparece na consciência seus efeitos são visíveis, pois como fenômeno ela é consciente e revela a inferioridade psicológica do indivíduo. É o que a atitude da filha sugere. Um modo de agir descuidado [*derruba a taça sem querer*], sem intenção consciente, é relativo a uma função indiferenciada e por isso tende a ser rejeitada pelo ambiente e pelo próprio indivíduo. Nas palavras de Jung (1980[1940]):

“Compreende-se que se prefiram as funções diferenciadas ou diferenciáveis, e se deixem de lado ou inclusive se recalquem as funções ditas secundárias ou inferiores porque elas são embaraçosamente inadequadas.” (JUNG, 1980[1940], p.244).

Na estória a tendência parece ser a de desprezar aquilo que representa um modo menos adaptado de operar na realidade [*derrubar as taças*]. A consciência tende a rejeitar essa função pelo aspecto inferior psicológico que ela representa [*ela jura não derrubar as taças*].

Observa-se uma reação emocional [irritação] desencadeada pela manifestação de uma inferioridade psicológica. As funções quanto mais inferiorizadas carregam núcleos afetivos com intensa carga de libido. O choro pode ser compreendido como uma manobra compensatória, uma descarga da libido, porém não é acolhido pelo ambiente e desencadeia uma reação negativa. A ação e a reação da filha mais velha é rejeitada e reprimida pelo ambiente [ela vai para o quarto] que impõe suas exigências e decide como ela deve agir. E a condição de ser exemplar é aceita pela filha mais velha. Ser exemplar é ser tal qual às expectativas e às demandas das exigências externas e parece ser o mesmo que ter um comportamento baseado em um certo modelo. A recomendação de ser exemplar para as irmãs mais novas sugere um padrão desenvolvido a ser seguido, um tipo ideal de comportamento. Um tipo, no sentido psicológico, significa que uma função se sobressai a ponto dela caracterizar a atitude de uma pessoa segundo esta função que, por se tornar habitual, se configura como superior psicologicamente. A expectativa parece ser a de se comportar de acordo com este padrão superior e rejeitar aquilo que possa representar uma contradição a um talento, que revela o oposto, a fragilidade da personalidade. A decisão de não derrubar mais as taças é um juramento, uma atitude que considera os valores da situação, talvez uma tentativa de corresponder a elas e harmonizar a situação. E uma nova situação é organizada [*foram colher cerejas para uma torta, as três irmãzinhas foram colher*], o número de participantes indica que o novo sistema é constituído por três elementos. Jung (1980[1940]) observou que uma representação composta por três elementos poucas vezes revela uma situação favorável, mas do modo como se comporta pode reconhecer a necessidade de inclusão de outro elemento e assim significar uma transição para um sistema quaternário. Em suas palavras:

“A tríade é um esquema ordenador artificial, e não natural”. (JUNG, 1980 [1940], p.246).

É o que parece que acontece na estória, no desenvolvimento da segunda situação a mais nova das três irmãs se perde no bosque para desespero das outras e isto desencadeia a busca por um elemento que possa cooperar no conflito instalado [*elas telefonam para a mãe e depois chamam o pai*]. Diante da eminência da perda de um elemento verifica-se uma

desorganização da situação como um todo [*é só desespero*]. O resgate da filha mais nova mobiliza a todos e acontece por sua expressividade [*ouviram o “socorro!” da irmã*]. O que remete novamente à função inferior que precisa ser trazida à consciência e também ao perigo dela não de diferenciar de sua raiz no inconsciente e reverberar de forma negativa na personalidade. Os autores concordam que a função inferior pode se apresentar pela sonoridade a fim de chamar a atenção da consciência. Isto tem o sentido de se tornar reconhecida devido à importância da conscientização dos aspectos da personalidade que também precisam ser desenvolvidos para adaptação ao mundo externo e interno e para o equilíbrio da psique. Diante de fatores irracionais [*medo e desespero*] a consciência não consegue resolver o conflito. A dinâmica que se estabelece em função da presença desses conteúdos reverbera no todo sinalizando uma tensão geral. Nas duas situações a manifestação de uma função inferior revela a presença de estados subjetivos alterados e o modo de operar com eles sugere um aspecto inseguro da personalidade e não oferece confiabilidade. Na conclusão da estória o tema dos quatro elementos e, assim, da totalidade que as funções representam, é retomado. Quando a filha mais nova é encontrada surge uma recomendação de não irem longe no bosque senão “*as quatro iam ficar perdidas*”. Mas se eram três irmãs, por que a ameaça atingiria quatro? Sabe-se que para a orientação de um indivíduo a perda de qualquer uma das funções pode desequilibrar o fluxo energético e oferecer riscos à psique o que está em acordo com o que Ruby (1997) pesquisou. A resolução e a concordância que finalizam a estória [*as filhas concordaram*] pode significar que o processo compensatório esteja em marcha com a finalidade de retomar o equilíbrio da psique.

A problemática das duas situações apresentadas na prancha remete à manifestação de inferioridades psicológicas e aos conflitos intrapsíquicos e interpssíquicos que ela provoca.

As funções psicológicas são vistas como recursos de um ego amadurecido na criança, dos quais ela não deveria prescindir nesta fase do desenvolvimento (FORDHAM, 2001). Wickes (1966) também observa em sua prática clínica infantil que as inferioridades psicológicas constituem um conflito para as crianças em seu desenvolvimento. Ela constata os efeitos

negativos que o sentimento como função inferior representa no comportamento geral das crianças.

Prancha dois: Um urso puxa uma extremidade de uma corda enquanto outro urso e um ursinho fazem força na extremidade oposta.

Difícil, difícil essa! Eles estão brincando de guerra. Não dá pra inventar. [Quer ajuda?] Não. Eram duas famílias que sempre competiam porque uma não gostava da outra. Uma delas era que o pai não deixava o filho ir para nenhum lugar com ele. A outra família tinha a mãe bem forte e o filho pequenininho. E eles sempre competiam em muitas coisas e às vezes ficaram loucos. Eles apostaram coisas que fazia bem para eles e quando perdia ficavam tristes. E uma vez o pai apostou o próprio filho e se arrependeu porque perdeu a aposta. E o filho teve que viver com outra família, só que sentiu saudade do pai. Ora, ora, ora por que fui apostar meu filho? O meu filho foi embora, estou disposto a fazer qualquer coisa para ter ele de volta em casa e deixar a mãe do outro filho maluca. E a mãe fez qualquer coisa pra devolver o filho e o pai ficou muito feliz. E o pai ficou tão feliz que quase chorou de alegria. Nunca mais vou apostar meu próprio filho. [Tosse]. E a outra tarde o filho de outra família falou para mãe: Eu acho que nunca mais você deve me apostar. Então mãe aprenda, se você me apostar eu vou ficar com medo. E o dia seguinte não adiantou nada. Eles ficaram disputando mais uma vez enquanto disputavam uma tartaruga falou: não briguem, não apostem, alguém vai perder, olho nessa briga. E uma hora o pai e todos caíram e falaram: eu desisto, estou arruinado, vamos parar de brigar, todos disseram. E deram as pazes, prometeram não brigar, nem fazer apostas. Amigos para sempre.

Análise da prancha dois

A imagem suscitada pela prancha indica um conflito [*difícil essa*], a cena e o significado são percebidos e representam uma dificuldade para a atividade imaginativa [*não dá para inventar*].

A situação inicial é uma disputa de forças, uma guerra entre quatro elementos distribuídos em pares que estão em oposição, uma configuração e dinâmica respectiva às quatro funções. Um dos pares é constituído por pai e filho e o segundo por mãe e filho. É interessante observar que a prancha apresenta três personagens, mas a estória se desenvolve baseada em quatro elementos e aqui se verifica a inclusão de um elemento representado pelo filho, distinguido por ser pequenininho. A dinâmica que se estabelece entre os pares, uma alusão, talvez, a combinação de funções, ao processo auxiliar, se revela desfavorável para lidar com a adaptação interna e externa. Há indícios de que esta dinâmica é movida pela simples aceitação ou rejeição de conteúdos [*eram duas famílias que sempre competiam porque uma não gostava da outra*], mas não serve ao sujeito, às deliberações conscientes e tem caráter doentio [*eles sempre competiam em muitas coisas e às vezes ficavam loucos*]. O desenvolvimento da estória não confirma uma brincadeira, mas sinaliza uma dificuldade geral em organizar conteúdos de acordo com os sentimentos subjetivos e com valores. As ações dos personagens são contraditórias quanto a esses últimos [*apostavam coisas que faziam bem para eles*]; as reações são de arrependimento; as relações estabelecidas não vinculam o sujeito ao objeto [*o filho foi viver com outra família*] e trazem insegurança e estranheza frente ao irracional, ao medo do abandono [*se você me apostar eu vou ficar com medo, o filho teve que viver com outra família, só que sentiu saudade do pai*]. O modo de operar com o sentimento como função indica funcionar de forma autônoma, sem deliberação consciente [*por que fui apostar meu filho?*]. As decisões não consideram a importância dos objetos para os sujeitos e nem permitem que os julgamentos considerem valores subjetivos acabando por contradizer a intenção da consciência. A operacionalização dos sentimentos e valores subjetivos e objetivos não

conduz a uma situação harmônica. A função sentimento dava indícios de ser utilizada de modo psicologicamente inferior, pois não oferecia uma orientação confiável diante dos relacionamentos vividos, provocando conflitos internos e externos. Como na prancha um, os sentimentos estão presentes e são comunicados, mas não são acolhidos e ameaçam o ego. A função de relacionamento apresenta um caráter negativo e disfuncional. Os autores junguianos estudados concordam que a função sentimento é um processo psicológico que avalia situações e pessoas em termos de valores vinculando o sujeito ao objeto configurando assim a função de relacionamento.

O conflito advindo do modo de operar com os valores no plano subjetivo e objetivo permanece ao longo da estória. A caracterização que é feita dos pares [pai e filho, mãe e filho] remete tanto ao grau de diferenciação da função sentimento quanto ao modo dela se combinar com outras funções. O pai que não deixava o filho ir a nenhum lugar com ele pode representar uma função que não admita a presença de outra. Aparece uma tendência de exclusividade de uma função. A mãe caracterizada como bem forte em oposição ao filho pequenino alude a mesma situação. A tensão que a ação e a reação dos quatro personagens desencadeia permanece, e, uma tartaruga surge aqui pela primeira vez e se repete em mais três pranchas. Nesta estória a tartaruga tem a função de conselheira e sinaliza a necessidade de uma atitude consciente [*olho nessa briga*] diante do conflito.

Para Jung (1997b[1955]) o olho é um símbolo da consciência. A forma circular e redonda do olho foi também associada as mandalas, formações circulares que aparecem freqüentemente nas representações humanas, depois de estados de desorientação. A meta é transformar a confusão em ordem, sem que tal intenção seja consciente, pois constituem um fator ordenador de compensação. Nesta prancha fica caracterizada uma situação de ameaça gerada pela autonomia da função sentimento em função de seu caráter indiferenciado comprometendo os julgamentos e posicionamentos no mundo externo e interno. A função inferior está de tal modo contaminada pelo inconsciente coletivo, que ao se tornar consciente traz consigo, entre outros, o arquétipo do Si-mesmo. O arquétipo do Si-mesmo tem a função de proporcionar à psique um sentido ordenador funcionando como

ponto de referência estruturante para seu contínuo processo de desenvolvimento (TABOADA, 2005). A tartaruga surge como produto espontâneo do inconsciente e isto remete à importância dos símbolos na psique da criança. Fordham (2001) demonstrou que os símbolos que aparecem na primeira infância tendem a fortalecer a consciência. O significado dessas representações pode ser compreendido a partir das associações do sujeito e também a partir das representações do plano coletivo, arquetípico. A tartaruga é conhecida pela lentidão de seus movimentos, numa sucessiva alternância da cabeça para dentro e para fora do casco. Talvez uma alusão à alternância das atitudes no equilíbrio psíquico. Sua carapaça protetora traz a idéia de suporte e força aliada as quatro patas que se movimentam no solo. A tartaruga está freqüentemente associada a uma função estabilizadora (CHEVALIER, 2002). Interessante observar que neste contexto a tartaruga aparece como um animal prestativo sinalizando um conflito que ameaça a situação como um todo e tenta estabilizar a situação. Para Jung (1988[1951]) a tartaruga é um símbolo teriomórfico do Si-mesmo, da totalidade. De acordo com ele, os símbolos da totalidade ocorrem freqüentemente no início do processo de individuação e até podem ser observados nos sonhos iniciais da primeira infância o que é corroborado por Fordham (2001). Na prancha a tartaruga como símbolo da totalidade, do Si-mesmo, expressa que a totalidade está ameaçada por um conflito permanente, por uma disputa entre forças que resulta numa tensão insuportável [*e uma hora todos caíram*]. A recomendação é no sentido de conscientizar um conflito advindo de forças ameaçadoras [*não briguem, não apostem, alguém vai perder*].

Na prancha dois um conflito fica mais evidenciado e se instala a partir do modo inferior que a função sentimento é utilizada. O fato de ter sentimentos não significa, necessariamente, poder operar com eles como função de relacionamento, pois eles não conseguem se articular e se coordenar à intenção consciente. Como os sentimentos se revelam ambíguos e, portanto menos diferenciados entre si, se misturam a outros conteúdos e não servem como fonte de orientação segura. Apenas conteúdos diferenciados possibilitam que a consciência tome uma atitude orientando os posicionamentos. A consciência é

selecionadora, direcionadora e exclui conteúdos estranhos, carentes de diferenciação. Deste modo, os conteúdos estranhos à consciência são reprimidos e se dirigem ao inconsciente, mas com o tempo retornam à consciência a fim de serem reconhecidos. O que se verifica é uma resistência a mudar de atitude [e no dia seguinte não adiantou nada, eles ficaram disputando]. A dinâmica que a função sentimento imprime se revela uma ameaça à situação da consciência que sucumbe diante das forças inconscientes [*eles caíram e desistiram*]. Os efeitos do modo de operar com sentimentos desencadeiam uma reação de intensa tonalidade afetiva intrapsíquica e interpsiquicamente. Mesmo que os sentimentos estejam nomeados eles não organizam os conteúdos em termos de valor e assim, não se coordenam ao ego. Aparecem também situações que envolvem escolhas e estabelecimento de valores mais do que busca de significado e conceitos. O que se dá a conhecer são vivências de dor, de sofrimento. A função sentimento dá indícios de operar sob os auspícios do inconsciente e corresponder a uma imaturidade psicológica no comportamento. Ela se revela pelo aspecto primitivo, sem controle consciente, pelo caráter disfuncional de operacionalização, se manifesta de forma negativa [*eu desisto, estou arruinado, vamos parar de brigar, todos disseram*] e não serve à adaptação. A função sentimento constitui parte integrante da orientação da consciência e por isso não pode faltar em um julgamento psicológico (JUNG, 1991[1921]).

Prancha três: Um leão de cachimbo e bengala sentado numa poltrona; no canto inferior há um ratinho num buraco na parede.

Nossa! [Espanto]. Era uma vez um leão muito preocupado. Vivia preocupado, estava ficando velho e não sabia quem vinha para o lugar dele. Mandou todos os leões do mundo irem lá pra um jogo muito limpo para quem se tornará o novo rei. E falou e deu uma semente para cada um. A planta que mais bonita seria quem fosse o futuro rei. E todo mundo fazia de tudo para a semente nascer e não nascia. Existia um menino, Felipe, que sempre jogava limpo e quando o rei deu a semente foi logo para casa plantar, mas não dava certo. E ele foi plantar, mas regou, regou, regou, e não nasceu. Pos outra terra. Não nasceu. Pos num vaso maior. Comprou. Não deu. Quando for a hora eu vou falar para o rei que fiz tudo. E quando o rei falou, chegou o dia, eu vou escolher agora.

Os outros competidores trocaram de semente. Felipe declarou a verdade: não consegui deixar crescer. O rei disse: Tudo bem. E anunciou: Felipe é o novo rei. Dei sementes velhas, não ia nascer nada. E aí ele ficou calmo e parou de se preocupar [Interrompemos aqui].

Análise da prancha três

Mesmo não tendo medido o tempo de reação às pranchas, foi observado que Giovana reagia imediatamente às imagens e elas eram logo julgadas ou avaliadas. Isto já havia ocorrido na prancha dois e ocorre nas pranchas três, cinco, seis e sete. As exclamações iniciais e hesitações diante das pranchas eram imediatamente transformadas num texto articulado e numa narrativa coerente. Em função da articulação das idéias desenvolvidas nas histórias, do uso apropriado de um vocabulário rico e de um relato coerente, indicava que a função do pensamento estava em operação na consciência e o modo de reagir consciente às pranchas sinalizava uma atitude extrovertida.

A situação inicial sugere a necessidade de um novo modo de operar, mas para ocupar a posição de rei, uma posição superior, era preciso passar um processo de diferenciação entre outros elementos [mandou todos os leões forem lá pra um jogo muito limpo para quem se tornará o novo rei]. O rei, que freqüentemente está associado à função superior, estava em busca de um substituto idôneo. Se na prancha anterior a experiência da função sentimento traz vivências de sofrimento dando a conhecer seu caráter primitivo, nesta aparece projetada num menino com qualidades diferentes e especiais para estabelecer uma nova ordem e que se transforma em herói. A função inferior é também portadora de conteúdos necessários para a totalidade da psique trazendo aspectos importantes a serem incluídos na personalidade. É o que caracteriza o protagonista da história que tenta, obstinadamente, manter-se rente a valores [*Felipe, que sempre jogava limpo*]. Fazer brotar a semente indica a tarefa do desenvolvimento que é a constituição de um ser individual. Se a semente não brotou, se deu a conhecer o reconhecimento da necessidade de uma função que opere apoiada em valores que contemplem o sujeito e às normas objetivas. A tentativa de realizar a intenção mantendo-se fiel à premissa, um atributo de valor [*um jogo limpo*], está relacionada a uma conduta que zela por uma ética nas relações. A ética dos valores é sobretudo um produto da função sentimento altamente diferenciada. O intelecto participa da

elaboração e formulação de uma ética, mas os conteúdos determinantes provêm todos do sentimento (JONES, 1964?).

Esta mesma situação, na prancha anterior, representava uma questão conflituosa. Desta vez, a função sentimento considera valores subjetivos e objetivos e luta pelo seu reconhecimento e para ser admitida como recurso do ego.

As funções psicológicas precisam passar por um processo de diferenciação para que sejam agregadas ao ego. Fordham (2001) considera que mesmo que as crianças assumam uma certa atitude e função principal, as demais funções e atitude não deixam de existir, o que é congruente com a visão de Jung. Uma das formas das crianças lidarem a questão das inferioridades psicológicas é pela projeção delas nas figuras ideais e nos heróis que lutam contra seu oposto, que na prancha estão representados por Felipe e pelos concorrentes que trocaram de semente.

Prancha quatro: Um canguru-fêmea com um chapéu na cabeça leva uma cesta com uma garrafa; em sua bolsa carrega um filhote de canguru que está segurando um balão; um canguru criança, maior do que o primeiro pedala um triciclo.

Era uma vez uma família de canguru muito [ênfase] pequenininha, só tinha a mãe, o filho mais velho e o mais novo. E um dia foram passear de bicicleta e passaram pelo bosque que dava medo e iam para o mercado comprar alimento para o jantar. [Sem ser solicitada, me aguarda escrever e esquece onde estava na estória. Digo a ela que não precisa esperar eu escrever] Quando chegaram ficaram tristes porque não estava aberto e o filho preocupado, preocupado: não vamos ter alimento nem para o café, nem para o almoço. Fique calmo filho, a mãe falou. E esperaram um tempo até o dia seguinte. Um homem disse que o mercado não ia abrir por causa da segurança e o filho disse: Eu já sei, eu já sei, eu já sei porque está fechado, eu achei rato e barata lá um dia. A mãe disse: Não seja tolo, filhinho, nunca teve rato ou barata lá. Ah! Mãe você que pensa! Agora vamos para o mercado, para o outro a mãe disse. E quando voltaram a mãe disse: esqueci a cebola e o suco. Sem cebola a comida fica sem gosto e vocês adoram cebola, lembra? E o filho: Tudo bem eu como sem.

Vamos ver o mais novo: Eu também como sem. [Imita um bebê e me diz que esse é um jeito de um bebê falar] Tudo bem, a mãe falou: que alívio! Dia seguinte, dia seguinte, dia seguinte, o mais velho fugiu de casa, não agüentava o calor e foi arrumar um ventilador escondido e a mãe falou que agradecia por ter arrumado o ventilador, mas não queria que ele saísse escondido porque a mãe vai ficar preocupada. E eles juraram não sair mais de casa escondido e pediram para mãe sair e encontrar o amigo. E ele foi procurar: Tartaruga??? Pedrinho??? Enquanto os dois estavam distraídos um bateu no outro, testa com testa. Pedrinho? Oi Pedrinho, oi tartaruga. Vamos brincar? Tá bom, corre- cotia, só que eu tenho que chamar mais amigos, não dá só de dois. Vou ter que por o papel em você. Corujinha? Cachorro, cachorro, cachorro? Enquanto eles procuravam o cachorro e a coruja. Querem brincar? É claro. Só que de três não dava. O gato vai brigar com o cachorro. Então borboleta e o senhor sabidão, o Joaquim Coelhão. Coelho, coelho, coelho, coelho? E encontraram o sabidão. Quer brincar com a gente? Um ursinho apareceu. É urso, não chama. Urso? Quem é você? [Apresenta todos os personagens e canta a música corre-cotia].

Análise da prancha quatro

A constatação inicial dando ênfase ao fato da família ser muito pequena dá indícios que os elementos presentes eram insuficientes para lidar com a situação. Na exposição, o modo infrutífero e inseguro como eles se organizam para agir revela, mais uma vez, uma ineficácia de um sistema baseado em três elementos. As intenções dos personagens não são alcançadas e a elas se misturam emoções, sentimentos, sensações corporais e intuições negativas. Uma função indiferenciada e fundida com outras funções contamina o uso das demais funções na consciência. Observa-se também no relato que as intuições e sensações eram desconfirmadas pelo ambiente [*não seja tolo, filhinho, nunca teve rato ou barata lá*]. E também sua influência e grau de determinação tendem a ser minimizados pelo julgamento racional. Surgem símbolos do inconsciente coletivo: ratos e baratas representando o lado irracional, mais primitivo da personalidade, animais ligados ao aspecto sombrio evidenciam uma ameaça à situação da consciência. As tentativas de resolução face às percepções das sensações corporais [fome, sede, calor] se revelam infrutíferas e as necessidades subjetivas são frustradas. A função sensação opera sob a interferência de componentes subjetivos que não conferem segurança quanto ao modo de realizar sua intenção. A tartaruga, então, reaparece após um conflito como na prancha um. De acordo com Taboada (2005) na maior parte das oportunidades, um símbolo tem que ser explicitado muitas vezes para que sua carga emocional seja progressivamente transformada e absorvida na vida consciente. A tartaruga como produto espontâneo do inconsciente aparece pela segunda vez. Nesta prancha a tartaruga é escolhida para compor uma brincadeira de roda e participa de uma composição gradativa que reconhece a necessidade de mais de três elementos para realizar sua intenção. O que parece haver de comum nas duas primeiras pranchas é que a aparição da tartaruga acontece após uma situação conflituosa provavelmente de caráter compensatório, na tentativa de amenizar a tensão instalada. A finalidade era a brincadeira “corre-cotia” conhecida pelas crianças como uma canção de roda e que pode ser considerada aqui como uma representação circular, uma alusão ao tema da mandala. As

mandalas também podem ser expressas pelos movimentos do corpo. Se as sensações do corpo não puderam ser coordenadas ao ego, os símbolos apontam a correção necessária. A solução da estória se dá pela realização de uma brincadeira de roda, uma formação circular que busca uma harmonia. Observa-se que a organização da brincadeira exhibe dois critérios: o número de animais e a compatibilidade entre eles. As restrições ao gato [*vai brigar com o cachorro*] e ao urso [*é urso, não chama*] parecem apontar nessa direção. A alusão à necessidade de quatro elementos [*não dá de dois, só que de três não dava*] remete, novamente, à importância das quatro funções psicológicas para se chegar a uma totalidade. A impressão é que face à eminente desorganização consciente surge espontaneamente a brincadeira de roda, uma representação circular, como forma de princípio ordenador compensatório. A tartaruga como símbolo da totalidade reaparece para formar uma composição de quatro elementos. O sistema das funções é um esquema de ordenação baseado na quaternidade que representa uma totalidade diferenciada.

A expressão de uma discriminação consciente é a utilização das quatro funções que formam a essência de um processo de diferenciação (JUNG, 1988[1951]).

Prancha cinco: Um quarto na penumbra com uma cama de casal no fundo; em primeiro plano um berço no qual estão deitados dois ursinhos.

Âh? [Indagação] Era uma vez um bebê que dormia tranquilo no berço enquanto ouvia um barulho estranho que dava medo. Só que ficou assustado porque ninguém vinha acudir ele. Você escreveu? De repente, pó! A porta se abriu. Acho que ele pensou: Nossa mãe não bate a porta assim e o outro: nem o nosso pai. De repente apareceu uma pessoa muito [ênfase] estranha e eles ficaram tremendo de medo e de repente a luz acendeu e eles ficaram de olho fechado. Eles ficaram com medo à toa, era o irmão. Enquanto a mãe chegou: Filho, não faça isso pro seus irmãos! Por isso você vai ficar de castigo. Uma hora da manhã e você devia estar na cama. No dia seguinte, eles acordaram os dois irmãos, a mãe e o mais velho. E o café da manhã? Suco? Torrada? Manteiga? Pão? Requeijão? Não

tem, mamãe tem que ir ao supermercado. Mamãe, você está pobre? Nós vamos ficar morrendo de fome? [Perde-se na estória] Calma, filho! Calma, filho! Vou à padaria comprar algo. Eu quero sorvete, eu também. Então vamos comprar um para dividir com seus irmãos e voltar pra casa. Din don! Querido, abre a porta, por favor! A porta não abre, perdeu a chave. Vamos ficar para fora pra sempre. Não, tem a reserva. Enquanto papai procura a chave vamos brincar com brinquedos. Eu ia fazer brigadeiro com vocês. Tudo bem, mama, faz depois. Rãzinha, estou aqui. Cadê a coruja? Estou deprimida. Dindon, dindon. Estranho, não atende. Por que deprimida? É porque minha mãe foi ao super e o pai trabalhar e a vó bordando, o vô jogando xadrez e eu sozinha chorando. Calma, calma. Quer ficar com a gente? Você deixa? Claro! Vamos brincar. [Canta]

Análise da prancha cinco

A situação apresentada na prancha cinco revela que a consciência é sobressaltada por dados irracionais. As percepções assustam e sobressaltam, aparecem reações emocionais que perturbam a consciência, não há confiança nas informações recebidas dos dados da realidade objetiva. As experiências com a questão da temporalidade dos eventos são vagas e não conectam o sujeito à realidade. No desenvolvimento da estória as situações não são resolvidas e são tratadas a partir do conhecimento racional e a função intuição não é autenticada nem reconhecida como um modo eficaz de operar. Os dados irracionais perturbam o funcionamento consciente [*vamos ficar morrendo de fome? vamos ficar pra fora para sempre?*]. As funções organizadoras dos dados irracionais se revelam pouco eficientes para exercer sua funcionalidade. A solução não aparece na aparece, a situação é ainda de expectativa [*enquanto papai procura a chave; eu ia fazer brigadeiro com vocês*]. Segundo Taboada (2005), a psique produz símbolos que podem ser relativos a uma situação atual de conflito em que a consciência tenha se situado de maneira unilateral, incapaz de ver aspectos importantes do pólo oposto. Se a função pensamento dava indícios de se unilateralizar na consciência, as funções irracionais não auxiliavam o processo superior

complementando o julgamento racional. Funcionalmente elas eram desprezíveis, habitualmente, a preferência era pela função pensamento. Se a coruja normalmente está ligada ao conhecimento racional, na estória ela está deprimida. Isto pode indicar que o pensamento como modalidade racional sofre uma perda considerável de libido e regride para o inconsciente. Como a função pensamento está minimizada, é preciso recorrer a outras possibilidades [mãe, pai, avó, avô]. As funções irracionais fornecem dados objetivos e subjetivos, captam as percepções enquanto as racionais as submetem a um julgamento. Pelo relato, havia indícios de que as primeiras não ofereciam segurança. Nesta prancha, as percepções são assustadoras e a racionalidade representada pela coruja é perpassada por reações emocionais e por componentes subjetivos que comprometem sua operacionalização.

As funções irracionais captam a experiência subjetiva e objetiva e fornecem dados às funções racionais que, por sua vez, organizam as percepções em forma de significado e valor. Na visão de Jung (1991[1921]) a sensação, juntamente com a intuição caracterizam a natureza da criança e são imprescindíveis para uma apreensão da totalidade dos eventos.

Do modo como essas funções aparecem na prancha elas não participam das intenções conscientes e não são utilizadas como recursos adaptativos.

Prancha seis: Na parte superior, uma caverna escura com dois ursos desenhados de forma quase imperceptível, na frente um ursinho está deitado no chão do lado de fora da caverna.

Quê isso? É urso? Era uma vez [repete três vezes] uma família de ursos que nunca saia de sua caverna. Tinha medo de fora porque um dia quase perdeu o próprio filho e nunca mais saíram. Não bastasse se todos homens e mulheres do mundo e filhos pedissem, eles não iam. Então um dia o filho decide sair escondido. E o filho foi para o bosque descobrir as coisas da natureza, nunca tinha ido a algum. E a mãe e o pai muito preocupados e como não tavam acostumados a sair ficaram pensando em ter outro filho ou procurar esse mesmo. A mãe falou: Não, não vamos ter outro, vamos procurar esse mesmo e ponto final. E foram procurar sempre olhando por onde passavam. Enquanto ouviram um barulho: bum! Ficaram preocupados, não sabiam de que animal era o barulho. Uma tartaruga que vinha passando falou: Seus bobos! Não é barulho de algum animal. Sou eu quebrando a casca. Precisa de ajuda? Sim, não consigo colar o casco. Então eles ajudaram e continuaram a caminhada na busca do filho e ele tremendo de frio e com medo. Papai, mamãe! onde está você? E finalmente encontraram o filho. Os pais viram que não tinha perigo de sair fora e nunca mais ficaram trancados em sua caverna.

Análise da prancha seis

A visualização da imagem é influenciada pelo efeito da sombra do desenho. Observa-se novamente a preocupação em converter dados perceptivos em conceitos e significados [*o que é isso, é urso?*]. O princípio da regressão e progressão da libido parece estar retrato nesta prancha. Se a permanência na caverna está associada à regressão da libido, antecipada na prancha anterior, o pensamento sofre uma mudança de direção e se dirige ao inconsciente.

A saída do filho pode representar a progressão da libido e a tentativa do ego de se separar do domínio do inconsciente, no sentido de se estabelecer como uma entidade individual [*então um dia o filho decide sair*]. A permanência e a saída da caverna e os eventos que se sucedem sinalizam também uma tensão advinda dos conflitos advindos das demandas do mundo interno [*nunca saía de sua caverna*] e externo [*tinham medo de fora, se todos pedissem eles não iam*]. O relato sugere uma insegurança quanto aos valores adotados pela consciência [*ter outro filho ou procurar esse mesmo*]. A orientação extrovertida dos processos sofre uma mudança de direção e a libido num movimento introvertido, regride. Aparece, novamente, uma dificuldade em operar com as funções irracionais [*se assustam com o que não podem discriminar auditivamente*]. O grau de diferenciação das funções irracionais também parece não oferecer uma base segura para o ego que permanece em alerta sob a influência de inferioridades psicológicas.

A consciência busca com os recursos que dispõe encontrar uma parte, um elemento que tentava se diferenciar [*e foram procurar sempre olhando por onde passavam*] e reaparece uma tartaruga desta vez, com o casco quebrado. Normalmente a carapaça de uma tartaruga está associada à função de suporte e estabilidade do mundo (CHEVALIER, 2002). A idéia de força advinda de suas quatro patas, que em algumas culturas está relacionada aos quatro pólos da criação, a cúpula redonda e o movimento de retorno da cabeça ao casco como símbolo de concentração, faz da tartaruga uma representação do universo. Qual a finalidade desse símbolo se representar com uma rachadura no corpo? A idéia de força e

poder dada pela estrutura corporal da tartaruga por suas quatro patas apoiadas no solo está comprometida, ela precisa de ajuda. A totalidade, representada pela tartaruga, está ameaçada. A tartaruga traz uma informação no corpo, uma rachadura no casco alerta para necessidade de integração das partes [*não consigo colar o casco*]. Feito isto aparece a solução e o filho, novamente, é resgatado pela sonoridade de sua expressão.

Se a diferenciação das funções irracionais se dá ao longo do período de amadurecimento do ego, elas fornecem a base para o desenvolvimento do sentimento e do pensamento (JUNG, 1991[1921]).

Prancha sete: Um tigre com os dentes e garras à mostra, avança sobre um macaco, que por sua vez também salta no ar.

Essa eu não sei. Posso outra?

Análise da prancha sete:

O modo de reagir a essa prancha é através da função pensamento [*essa eu não sei*]. Se o pensamento não consegue realizar a intenção também não aparece outra função para auxiliar. A tarefa da prancha sete não pôde ser realizada, o recurso advindo do saber, do pensamento se mostra inútil. A imagem que a prancha suscita não pôde ser coordenada à consciência, o que, provavelmente, leva à recusa da prancha. É possível pensar que ela se afasta do tema da agressividade suscitado pela prancha. Para Jung (1991[1921]) o extrovertido tende a se afastar do complexo, da vivência da dor e se aferra aos objetos. É o que, talvez, faça com que Giovana se prontifique a uma nova prancha [*posso outra?*]. O conteúdo constelado, o tema que a prancha ativa, é rejeitado pela consciência que tenta defender sua posição. Os primeiros a serem excluídos pelo pensamento são os sentimentos por eles nem sempre estarem em conformidade com o que rege o pensamento. A

agressividade precisa ser excluída da consciência. Este é um tema sobre o qual seu pensamento não tem como operar.

Prancha oito: Dois macacos adultos estão sentados num sofá tomando algo em xícaras. Em primeiro plano outro macaco adulto sentado num banquinho se dirige a um macaquinho. Há um quadro de uma macaca mais velha na parede.

Um dia tinha uma festa na casa da Juliana, pai Mateus e filho Henrique. E convidou um monte de pessoas, dançaram, jantaram e até o filho falar que não agüentava mais a barulheira. Ficaram impressionados com o filho estranhar a barulheira e queriam saber o que havia acontecido. Por que nunca tinha tido tanto barulho e a mãe brigou com o filho porque a festa era deles [ênfase], do pai e da mãe e pos ele de castigo para pensar um pouco. A mãe já tinha falado para ele que a festa era só para adultos, coisa que não é pra gente de sua idade. Aí o filho ficou reclamando e foi para seu quarto, pulou a janela. Quando a mãe fechou a porta, de galho em galho, procurando seus amigos corujinha e tartaruga. Quando finalmente os amigos foram brincar a mãe de Henrique chegou e ficou brava por ele ter fugido. A mãe falou: acabou a brincadeira, mocinha, vamos já pra casa e ele ficou bravo e a mãe falou que era para ele pensar dez minutos no que fez. O filho falou: não é justo, se fiz algo ela tinha que conversar e não deixar eu de castigo. Além disso, ela mentiu para mim eu já fiquei quase uma hora aqui e a mãe chegou de repente, ela mal tinha acabado de falar que já passou seus dez minutos.

Análise da prancha oito

Se por um lado, no relato, um dos quatro personagens desenhados na prancha é excluído, por outro se verifica a inclusão de pessoas não identificadas [*monte de pessoas*] que se revelam perturbadoras. Isto também diz respeito às quatro funções psicológicas. Nenhuma função pode ser anulada, apenas sensivelmente alterada. Um “monte de pessoas” indica a existência de uma indiferenciação entre elas, não há caracterização de aspectos peculiares a elas. As ações e reações desses personagens são as mesmas [*dançaram, jantaram*] e tanto o que fazem, como o modo de fazer, gera conflitos, pois são apreendidos de modo diferente. Henrique, o filho perturbado pelas reações dos dados colhidos pela percepção dos sentidos, não consegue se organizar na situação e tem que estabelecer um julgamento de valor sobre algo que supostamente já deveria saber. O que se evidencia de um modo geral é que as relações não consideram as peculiaridades uns dos outros como já indicava na situação inicial. Parece haver uma indiferenciação entre eles que dificulta que eles se organizem quanto aos posicionamentos adotados no tempo e no espaço. Não há entendimento nem concordância e o menino foge do quarto já que os pensamentos apenas perambularam a consciência [*aí o filho ficou reclamando*] e se dirige novamente aos animais que reaparecem diante do conflito: corujinha e tartaruga. O inconsciente é fonte inesgotável de conteúdos que teimam em voltar por quererem reconhecimento. A aparição simultânea delas pode sugerir uma busca conciliatória entre a racionalidade e a totalidade representadas respectivamente pela coruja e pela tartaruga. Na solução da estória, um novo conflito aparece trazendo reações emocionais negativas.

Pensamento e sentimento podem vir um após o outro quando seus respectivos conteúdos estão diferenciados. Cumprindo esta premissa a consciência está em condições de reconhecer esses elementos e pode operacionalizá-los a seu critério, ou seja, recorrendo a um e a outro. Assim, o par racional permite que a consciência estabeleça uma apreensão relativamente completa da experiência (JUNG, 1991[1921]). O intelecto não capta o fenômeno psicológico como um todo, uma vez que ele não é constituído apenas de

significado, mas também de valor. Do modo como Fordham (2001) recomenda, esta deve ser a perspectiva das crianças. Ele nos diz que na primeira infância as crianças devem oscilar entre as atitudes e funções a fim de evitar a questão dos opostos que elas representam.

Prancha nove: Um quarto na penumbra vista através de uma porta aberta de uma sala iluminada. No quarto escuro há um coelho sentado num berço de criança, olhando através da porta.

Era uma vez um coelho que tinha muito medo de escuro e um dia ficou com tanto medo que começou a dormir no quarto da mãe. E a mãe não gostava que ele ia porque a cama ficava apertada e quando foi brincar com os amigos, os amigos ficaram falando: seu medroso, porque não dorme na sua cama? É só acender o abajur. Eu tenho medo de sentar e cair da cama. Então nós temos que ensiná-lo a não ficar mais com medo? Acho que sim. Enquanto os amigos bolavam algo para ele não ter medo do escuro a mãe deixou, eu deixo você brincar mais um pouco, mais um pouco, daqui a pouco é hora do almoço. Quando você brinca demais não tem fome na hora de comer. E ele foi chamar mais quatro amigos: corujinha, tartaruga, sapo perereca e a vaca, não, o cachorro Bilu. Brincaram muito e depois Henrique voltou para casa. Fim. [Reclama de dor de cabeça e interrompemos aqui].

Análise da prancha nove

Os sentimentos vividos diante do dado irracional são tanto incompatíveis com as expectativas externas [*a mãe não gostava*], quanto indesejáveis e desabonadores [*seu medroso*], eles revelam novamente uma parcela pouco desenvolvida da personalidade. A orientação do próprio corpo fica comprometida [*eu tenho medo de sentar e cair da cama*]. As funções irracionais são desorientadoras e trazem insegurança ao personagem. A experiência emocional não é mediada ficando sem sustentação ambiental e as vivências corporais não se coordenam ao ego. Mais uma vez, aparece uma preocupação em procurar um modo de lidar com os sentimentos e com o fator irracional [*os amigos bolavam algo para ele não ter medo do escuro*]. E também a dificuldade em diferenciar as sensações corporais umas das outras [fome e esforço físico] e organizá-las no tempo. O número quatro, como produto espontâneo do inconsciente, considerado por Jung (1988[1951]) um número arquetípico determina, na estória, o mínimo necessário de elementos para a composição, sendo a tartaruga e a coruja novamente incluídas. A vaca é preterida em relação ao cachorro que recebe uma identificação [*cachorro Bilu*] sugerindo ser um elemento conhecido. A quaternidade é um esquema ordenador por excelência e representa, mais uma vez, a tentativa de organizar a consciência em quatro aspectos fundamentais (JUNG, 1988[1951]). Esta é a última aparição da tartaruga. A tentativa de reunir quatro participantes diferentes sugere um movimento em direção a utilização de quatro funções. As funções representam uma totalidade, uma estrutura arquetípica composta de quatro elementos. O tema da quaternidade aparecia quando havia um conflito. A estória termina e aparece uma dor de cabeça. O conflito passa a ser vivido no plano corporal.

Prancha dez: Um cachorrinho deitado sobre os joelhos de um cachorro adulto; ambas as figuras tem pouca expressividade fisionômica. As figuras estão colocadas na parte anterior de um banheiro.

Era uma vez um cachorrinho que não gostava de tomar banho. A mãe fica muito triste com isso, mas o cachorro não ficava feliz com aquilo. Quando apareceu os amigos para brincar todos correm. O choro parecia um rio amazonas despenando e ele muito triste com isso. Até que um dia chamaram ele para dar um mergulho na piscina, que estava cheia de sabão, era uma armadilha. Então quando mergulhou não sentiu nada, mas ao sair da piscina foi sentindo o cheiro das flores do seu amigo e sentiu o cheiro de sabão que estava no corpo. Um pouco bravo, um pouco feliz com os amigos. Bravo porque era armadilha, isso era mentira. Feliz porque tomou banho. Mas o Sol foi se pondo e a Lua foi subindo. Todos foram para suas casas e o coelho com muito medo, também foi, e qualquer tipo de som que ele escutava ficava com mais medo ainda. E teve uma hora que começou a chover, o coelho morreu de medo e nunca mais saiu. Até a mãe falar para ele que ele já tinha ficado uma semana no quarto. Ele falou: Mas mãe só passaram oito dias, uma semana mais um dia. O coelho foi correndo se trocar para brincar, de tanto que ficou dentro do quarto já tinha perdido o medo de escuro e os amigos nunca mais riram dele. [Pede para ir ao banheiro].

Análise da prancha dez

Diante da apresentação da última prancha se evidencia a questão da dinâmica que a função sentimento e a função sensação imprimem na dinâmica da criança como um todo.

A partir do contato com o elemento água, símbolo do inconsciente e também associado aos sentimentos conforme observa Ruby (1997), o conflito é evidenciado nas relações interpessoais e intrapsiquicamente.

Gostar e não gostar representa uma forma mais primitiva de usar a função sentimento podendo ser, talvez, uma simples reação de aceitação e rejeição e não um processo subjetivo que caracteriza o sentimento como função valorativa diferenciada. Neste sentido, a função sentimento requer mais tempo do que a simples percepção (HILLMAN, 1990).

Os sentimentos vividos não conduzem a uma relação positiva nem com o próprio sujeito nem com o objeto. Nem sempre os posicionamentos adotados correspondem à individualidade mais profunda e podem se tornar fonte de sofrimento psíquico [*e ele muito triste com aquilo*]. Diante de sentimentos intensificados a consciência se desorienta e os mecanismos compensatórios se dão sob forte tensão. O choro é associado a um rio caudaloso despencando, simbolizando assim uma forte descarga energética, uma experiência emocional dolorosa que inunda à consciência e provoca intensas alterações no corpo. A consciência resiste às correções propostas [*ele mergulhou, mas não sentiu nada*]. As sensações dos sentidos, mesmo apresentando indícios de discriminação consciente, são mescladas com julgamentos que se sobrepõem a simples percepção. Mesmo que sua funcionalidade seja reconhecida, a consciência se sobressalta frente ao dado irracional e as imagens consteladas não oferecem sustentação para o ego. A tensão dos opostos mais uma vez ameaça a consciência. Novamente observa-se a regressão da libido [*nunca mais saiu de casa*]. A compensação da atitude extrovertida no inconsciente se dá sob forte oposição e a orientação dada pelo fator subjetivo ainda não oferece segurança aos posicionamentos. No plano da consciência, Giovana é sobressaltada pelas sensações corporais. Se a função pensamento se revela superior na consciência, o modo de lidar com

os sentimentos é inferior: os sentimentos não passam por um processo de subjetivação, eles são apenas uma reação de aceitar ou rejeitar, do tipo gosto-não gosto revelando uma forma menos desenvolvida, mais primitiva, mais instintiva da função sentimento se manifestar.

A dinâmica das funções e atitudes psicológicas estava representada por personagens e temas relacionados a estruturas arquetípicas e símbolos que aludiam a importância da totalidade da apreensão da realidade em quatro aspectos diferenciados. O uso excessivo de uma função e uma atitude na consciência desencadeia uma tensão de opostos que ameaça o ego nesta etapa do desenvolvimento. Isto remete ao que Jung advertiu ao longo de sua obra em relação à exclusividade de uma função na consciência - possuir apenas uma função diferenciada como portadora do ego significa em última instância que o inconsciente ganhou muito espaço. O exame do material inconsciente revela que os processos compensatórios se dão sob forte oposição e que Giovana está sob a tensão de opostos da qual deveria se afastar. O princípio dos opostos faz parte do desenvolvimento humano, mas enfrentá-lo é tarefa da segunda metade da vida. Fordham (2001) enfatiza que Jung se deteve na importância do ego consciente reconhecer outros poderes dentro da psique durante a individuação. Ele acredita que também durante a segunda infância isto é um fator de proteção para a criança o que está evidenciado no CAT. As atitudes e funções psicológicas têm papel importante no desenvolvimento de uma criança, a meta da individuação nesta fase da vida é o fortalecimento do ego. O desenvolvimento da consciência, intimamente relacionado ao processo de individuação, depende do desenvolvimento das várias funções do ego. A importância das quatro funções psicológicas na psique estava representada por símbolos que aludiam à importância de quatro elementos para formar uma totalidade.

A pesquisa do material inconsciente sinaliza que o modelo quádruplo do funcionamento da psique dado pelas funções e regido pelo dinamismo das atitudes estava representado simbolicamente no C.A.T., confirmando as hipóteses levantadas na perspectiva da consciência.

6.9 Síntese do caso

As hipóteses diagnósticas levantadas a partir da análise das entrevistas e das sessões lúdicas foram confirmadas pela pesquisa do material do inconsciente, evidenciando que os sintomas que Giovana apresenta também podem ser compreendidos a partir da teoria dos tipos psicológicos. O sistema tipológico apresentado aos pais permite uma intervenção promotora de desenvolvimento dos aspectos frágeis da personalidade da criança, ao considerar o aspecto estruturante das funções e atitudes psicológicas no processo adaptativo externo e interno. A entrevista devolutiva tinha a intenção de considerar a importância da conscientização dos recursos advindos das duas atitudes e das funções psicológicas no repertório de condutas de Giovana e simultaneamente integrar os dados obtidos nos diversos contextos. A consideração à peculiaridade psicológica dos pais auxilia na compreensão do caso e ao mesmo tempo permite compreender a queixa e a dinâmica psicológica de Giovana.

A relação harmônica entre pai e filha também está garantida pela afinidade tipológica existente entre eles. Giovana desenvolveu um talentoso pensamento que recebe a admiração e a autenticação do pai, que confere até certo ponto, segurança em seus posicionamentos. O ressentimento que Marcelo e a professora percebem quando ela não atende às expectativas do mundo externo, é indício de que os sentimentos e demandas subjetivas precisam ser incluídos em suas ações e posicionamentos, o que fica mais evidente na relação com a mãe. Fátima, sem saber, leva Giovana a conhecer um lado de sua personalidade que, comparando com a estruturação dada pelo desenvolvimento de seu pensamento, apresenta um aspecto imaturo. É difícil para Giovana lidar com os sentimentos. Pelo modo que se apresentam não são refinados; contém ambigüidades que não permitem que a mãe os compreenda e estão intensificados por emoções que passam a determinar seu comportamento. Nessas horas, a consciência de Giovana arma-se de defesas e seu pensamento tenta se impor, não para enfrentar a mãe, mas para se proteger do conflito deflagrado. Esta parece ser a *diferença* que Marcelo aludiu na anamnese. Ela

não quer ser vista sentindo e vai para o quarto; mas, também não consegue pensar como recomenda a mãe. Giovana vive uma competição de forças opostas e uma tensão de difícil sustentação para ela. E assim, ela empresta da mãe esta função, confiando no talento da mãe, e mesmo aparentemente independente, depende desta para nomear e qualificar seus estados subjetivos. Suas escolhas e ações nem sempre atendem a sua individualidade total; nem sempre Giovana considera sua subjetividade como referência em seus posicionamentos no mundo adulto, onde freqüentemente assume responsabilidades que não lhe competem. Giovana tem sentimentos apreciados como indesejáveis e desabonadores e sente-se insegura quanto aos valores adotados, pois a receptividade do ambiente não oferece a possibilidade de serem integrados ao acervo da consciência. As reações emocionais exageradas dão a conhecer onde Giovana sofre, o que é mais difícil para ela, o que ela evita, o que se esquiva e delega.

Giovana ao trazer o irmão não trouxe o ciúme. Ela sinaliza também a importância dos processos de diferenciação dentro do âmbito familiar, das necessidades, dos sentimentos, das sensações e das intuições uns dos outros.

O retorno da mãe à vida profissional, aliado ao incentivo do marido, parecia caminhar nesta direção. Quando Fátima diz que *precisa saber o que está acontecendo com a filha e que precisa de orientação para lidar com os filhos*, parece reconhecer a importância de considerar as funções irracionais para uma compreensão mais ampla dos eventos.

É importante que os pais reconheçam em suas peculiaridades psicológicas a importância da inclusão de outras funções para o recolhimento das projeções das funções opostas e para o desenvolvimento da relação conjugal no sentido em que Vargas (1981) observou em sua prática com casais. A dinâmica tipológica que se estabelece em função da diferença entre Fátima e Giovana, se considerada, possibilita a ampliação de recursos conscientes.

Giovana ao trazer os lanches, trouxe o modo como lida com as sensações advindas de seu corpo quando presentes em sua consciência. Assemelha-se à forma de lidar com os sentimentos. Diante da percepção das sensações corporais, seu comportamento sofre sensível alteração e ela novamente perde a segurança em suas próprias orientações.

Imediatamente precisa ter uma ação sobre elas, como se fosse coagida por modos mais instintivos. Ela fica perturbada e precisa que o ambiente diferencie sensações entre elas mesmas e também dos pensamentos, imagens e sentimentos que desencadeiam. Giovana ao roubar os biscoitos da despensa e largar o pacote aberto, parece ser assaltada pela fome, perde o controle da situação, mas deixa pistas, talvez para ser descoberta. Assim como a expectativa da vinda do irmão levanta a possibilidade de ter que dividir a mãe, as imagens, as fantasias, as idéias e os sentimentos despertados provavelmente a deixaram assustada. Giovana tem dificuldade em atribuir um valor definido a algo que não conheça. Outras vezes, passa a ser aquilo que experimenta e o que sente é expresso através do corpo. Ela fala com tanta força que machuca seu corpo; de ferramenta o pensamento se torna arma. Na escola, a função pensamento como talento é reconhecida, porém, as formas complementares de apreensão e relação com o ambiente nem sempre são utilizadas por Giovana. Considerando a visão de Byington (1996), a metodologia diversificada da escola representa um contexto favorável e promotor de desenvolvimento e sinaliza que, de alguma forma, os pais intuía a importância de ampliar os recursos conscientes de Giovana. A confiança e segurança dos pais quanto ao modo de condução da escola naturalmente favorece que Giovana desenvolva suas relações interpessoais com maior autonomia. Os constantes desentendimentos nas relações indicam também a necessidade de considerar as individualidades e de lidar de forma consciente com os conflitos.

Assim, na devolutiva aos pais também foi considerada a importância de se propiciar o contato com o fator subjetivo na consciência de Giovana e com as questões ligadas à sensorialidade, bem como à inclusão de novas possibilidades e sentido diante dos eventos. Jung (1991[1928]) considera que o tipo é um aspecto unilateral do desenvolvimento e que este se realiza sob a forma da diferenciação das funções básicas da psique. Se a consciência de uma criança produz um tipo psicológico, o inconsciente produz símbolos que apontam para a importância da disponibilidade consciente das quatro funções e das duas atitudes durante a infância. Giovana caminha pelo mundo fazendo perguntas em busca de harmonia.

7 Conclusão

A teoria dos tipos psicológicos junguianos convida às obras completas do autor, tal o modo como os conceitos tipológicos estão atrelados ao desenvolvimento da personalidade desde o início da vida. Nas obras não achamos mais descrições de tipos humanos. Aparece um modo diferente de olhar para a tipologia. O sistema tipológico é usado como método de observação do processo de individuação através de símbolos que estão estritamente ligados às funções da consciência. As representações que as funções assumem estão, por sua vez, relacionadas ao grau de diferenciação das mesmas. A importância do processo de diferenciação de funções remete às fases iniciais do desenvolvimento do ego. Do modo como as funções são concebidas na teoria junguiana, pode-se dizer que ao nascer o bebê dispõe de pelo menos quatro formas arquetípicas para apreender a experiência, agir e reagir aos complexos parentais, às imagens arquetípicas e às demandas do processo adaptativo. As duas atitudes psicológicas compreendidas como mecanismos alternativos de orientação da libido também estão presentes desde o nascimento, dirigindo os processos psíquicos ora para o ambiente, ora para o mundo interno e, assim garantem a distinção entre a criança e o mundo externo. A tarefa do desenvolvimento psicológico na infância é fortalecer o ego e suas funções de controle da vida mental. Durante a fase do amadurecimento do ego, a diferenciação das funções irracionais permite que a criança capte a experiência objetiva e subjetiva e organize, através das funções racionais, esses conteúdos quanto ao significado e valor na consciência.

A constatação do caráter estruturante das duas atitudes e das quatro funções na estruturação da consciência da criança reconhecida pelos autores remete à importância da diferenciação de seus fundamentos enraizados no inconsciente, para que possam ser utilizadas como recursos de orientação consciente. A natureza da criança está baseada nas sensações e nas intuições, as quais despertam pensamentos e sentimentos que, se mediados pelo ambiente, conferem à criança a possibilidade de lidar com ferramentas próprias e conhecidas, conferindo segurança no estabelecimento de seus contatos com o

mundo. Quanto mais os recursos advindos das atitudes e funções psicológicas puderem operar sem oposição, menos conflitos, maior coesão e autonomia do ego e mais discriminações feitas pela própria criança e, portanto, mais autoconfiança em seus posicionamentos diante do mundo.

Observo que em situações lúdicas as crianças experimentam a diversidade atitudinal e funcional, projetando em seus heróis suas funções inferiores, assumindo outras funções e atitudes nas brincadeiras, escolhendo jogos, brincando com jogos eletrônicos, o que contribui para a ampliação da consciência na medida em que novos interesses são despertados e se mostram úteis diante das experiências, dando ensejo à atividade criativa, fortalecendo o ego e diversificando o repertório de condutas.

Em minha experiência clínica, tenho observado que uma criança com um tipo psicológico definido nos primeiros anos de vida renuncia precocemente aos benefícios que as outras funções e atitude representam para psique. No entanto, os conflitos infantis também podem ser considerados como decorrentes da influência inconsciente desses recursos rejeitados.

As funções e atitude desprezadas, em virtude da preferência atitudinal e funcional na infância, continuam influenciar e, quando desconsideradas, podem se revelar como queixa e sintomas. Observo que isto também está relacionado à excessiva utilização dos processos superiores na consciência e aos efeitos inconscientes da atitude e funções menos utilizadas.

As pesquisas apontam para o valor da tipologia no contexto escolar, porém considero que na pré-escola, o reconhecimento do caráter estruturante das funções e atitudes na criança ainda não foi suficientemente reconhecida em sua devida importância. O mesmo se dá no contexto social, e assim, a atitude habitual é a de enfatizar a função principal. O reconhecimento e autenticação dos processos superiores não precisam excluir os talentos e o equilíbrio que a diversidade atitudinal e funcional proporciona a uma criança. Eles podem se complementar e ampliar a consciência.

Sabemos que as crianças têm pensamentos, sentimentos, sensações e intuições e mesmo que esses conceitos possam abarcar uma infinidade de definições possíveis, representam potencialidades do ego. Considerar a questão tipológica dos pais, a partir da dinâmica que

se estabelece nas entrevistas, favorece também o manejo da tensão dessas situações, articulando esses dados à dinâmica e à individualidade da criança.

No caso estudado, a queixa pôde ser compreendida e os sintomas analisados a partir da dinâmica que as funções e atitudes imprimiam na psique da criança. O que se verificou foi que uma atitude e função predominavam na consciência, mesmo que a queixa não se referisse diretamente a isto, a ponto de desconsiderar os recursos advindos das funções e atitudes menos utilizadas na consciência. Estas inferioridades psicológicas repercutiam negativamente no comportamento geral da criança. A conscientização da importância das atitudes e funções no repertório de uma criança propicia que os pais verifiquem essa mesma questão no desenvolvimento de suas potencialidades psicológicas.

O psicólogo tem a tarefa de alertar os pais para os processos que estão obstruindo o fluxo do desenvolvimento e ajudá-los a partir de seus próprios recursos a fomentar o desenvolvimento da individualidade da criança. A tipologia junguiana instrumentaliza o psicólogo na compreensão e discussão dos diferentes pontos de vista das pessoas envolvidas no psicodiagnóstico e organiza a diversidade que o material empírico apresenta. A teoria dos tipos psicológicos e seus conceitos principais, atitudes e funções, correspondem a situações psíquicas conhecidas por todos. Isto se constitui numa forma simples do psicólogo comunicar à família e aos profissionais envolvidos a importância dos dois princípios de orientação dos processos psíquicos, bem como das quatro modalidades da psique de apreensão da realidade. Entendidos como elementos constituintes de todo indivíduo e compreendidos como recursos adaptativos, favorecem que a criança se sinta segura diante da experiência de um modo geral. Estes são aspectos do processo de desenvolvimento psicológico de uma criança que podem ser fomentados pela família e pela escola.

Atualmente, a meu ver, o uso clínico da teoria dos tipos psicológicos na infância não tem recebido a atenção e consideração à estrita relação entre as questões tipológicas e o processo de individuação. Na literatura consultada observa-se que a importância das atitudes e funções psicológicas no desenvolvimento infantil tem sido estudada na

perspectiva da consciência, considerando principalmente, os processos adaptativos externos. É provável que a problemática da diferenciação e estabelecimento de apenas uma função e atitude superiores, quaisquer que sejam, na psique de uma criança, comprometa o fortalecimento dos processos egóicos, na fase inicial do processo de individuação.

O uso clínico da teoria dos tipos psicológicos na infância suscita muitas perguntas que não puderam ser respondidas ao longo desse estudo. A análise do material inconsciente de crianças quanto à dinâmica que as funções e atitude menos utilizadas imprimem na psique poderia ser ampliada considerando os símbolos evidenciados nos sonhos, nos desenhos e nas expressões espontâneas. A título de sugestão, seria interessante ampliar este referencial na perspectiva clínica infantil como ferramenta na investigação dos caminhos do desenvolvimento da criança.

Referências

ARAUJO, C. A. **O processo de individuação no autismo**. São Paulo: Memnon, 2000.

_____. **Pais que educam: uma aventura inesquecível**. São Paulo, Editora Gente, 2005.

ASTOR, J. The emergence of Fordham's model of development: a new integration in analytical psychology. **Journal of Analytical Psychology**, n.35, p. 261-278, 1990.

BEEBE, J. Tipos psicológicos em transferência e contratransferência e a interação terapêutica, In: STEIN, M.; SALANT, N. **Transferência e contratransferência**. São Paulo: Cultrix, 1992.

BELLAK, L. **CAT- A Teste de apercepção infantil com figuras de animais**. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

BENZIGER, K. **The physiology of type**. Disponível em: < <http://www.cgjungpage.org/articles/typereading3html>.> Acesso em 31/08/2003.

BYINGTON, C.A. **A estrutura da personalidade**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Desenvolvimento da personalidade**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Pedagogia simbólica: a construção amorosa do conhecimento**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1996.

CARACUSHANSKY, S. R. **A terapia o mais breve possível: avanços em práticas psicanalíticas**. São Paulo: Summus, 1990.

CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números**. São Paulo: José Olympio, 2002.

EVANS, R. **Entrevistas com Jung e as reações de Ernest Jones**. Livraria Eldorado Tijuca, Rio de Janeiro, [1964?].

FARIA, Durval.L. **O pai possível: um estudo dos conflitos da paternidade em um grupo de homens**. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

FARAH, R. **Estudo sobre a relação professor e aluno: uma contribuição a partir da teoria dos tipos psicológicos de Carl Gustav Jung**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002.

FORDHAM, M. **A criança como indivíduo**, São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. Notes on Psychological Types. **Journal of Analytical Psychology**, n.17:2, p.111-115, 1972.

GIANNINI, J. **Compass of the soul: archetypal guides to a fuller life**. Gainesville: Center for Applications of Psychological Type, 2004.

GORDON, R. Individuation in the Developmental Process. **Journal of Analytical Psychology**, n.31, p. 223-230, 1986.

- HALL, C. S.; VERNON, J.N. **Introdução à psicologia junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- JUNG, C. G. **Os estudos experimentais**. vol. II. Petrópolis: Vozes, 1997a.
- _____ **Psicogênese das doenças mentais**. vol. III. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____ **Freud e a psicanálise**. vol. IV. Petrópolis: Vozes, 1989.
- _____ **Tipos psicológicos**. vol.VI. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____ **Estudos sobre psicologia analítica**. vol. VII. Petrópolis: Vozes, 1978a.
- _____ **A dinâmica do inconsciente**. vol. VIII. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____ **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. vol. IX/1. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____ **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. vol. IX/2. Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____ **Psicologia da religião ocidental e oriental**. vol. XI. Petrópolis: Vozes, 1980.
- _____ **Psicologia e alquimia**. vol. XII. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____ **Mysterium coniunctions**. vol. XIV/1. Petrópolis: Vozes, 1997b.
- _____ **Mysterium coniunctions**. v. XIV/II. Petrópolis: Vozes, 1990.
- _____ **O desenvolvimento da personalidade**. v. XVII. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____ **Fundamentos de psicologia analítica**. v. XVIII/1. Petrópolis: Vozes, 2003a.
- _____ **A vida simbólica**. v. XVIII/2. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____ **Cartas – 1906-1945**. vol.I. 2 ed.Petrópolis: Vozes, 2002a.
- _____ **Cartas - 1946-1955**. vol.II, Petrópolis, 2002b.
- _____ **Cartas - 1956-1961**. vol. III, Petrópolis, 2003b.
- _____ **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978b.
- LESSA, E. **Equipes de alto desempenho: a tipologia de Jung nas organizações**. São Paulo: Vetor, 2003.
- LIMA, A. **O pai e a psique**. São Paulo: Paulus, 2002.
- LOOMIS, M. **Dancing the wheel of psychological types**. Wilmate, IL: Chiron, 1991.
- MYERS, I.B.; MYERS, P.B. **Ser humano é ser diferente**. São Paulo: Editora Gente, 1997.
- MC CAULLEY, In: GIANNINI, J. **Compass of the soul: archetypal guides to a fuller life**. Gainesville: Center for Applications of Psychological Type, 2004.
- MONTAGNA, M.E. **Análise e interpretação do CAT: teste de apercepção temática infantil**. São Paulo: EPU, 1989.

MURPHY, E.; MEISGEIER, C. **Murphy-Meisgeier type indicator for children**. Palo Alto: Consulting Psychologists Press, 1987.

MURPHY, E. **The developing child**. Palo Alto: Davis-Black Publishing, 1992.

NEUMANN, E. **A criança: estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação**. São Paulo: Cultrix, 1991.

_____. **A história da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995.

RAMOS, D.G. **A psique do corpo: uma compreensão simbólica da doença**. São Paulo: Summus, 1994.

RUBY, P. **Tipologia junguiana: correlações entre a função inferior e o sintoma corpóreo. Um estudo sobre a função inferior sensação introvertida**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

SABINI, M. The Therapist's Inferior Function. **Journal of Analytical Psychology**, n.33, p. 373-379, 1988.

SAMUELS, A. **Jung e os pós- junguianos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SARGO, C. **O processo de aprendizagem e sua articulação com a dinâmica relacional entre pais e filhos: um estudo a partir da psicologia analítica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação), Pontifícia Universidade Católica São Paulo, 2000.

SPOTO, A. **Jung's typology in perspective**. Boston: Sigo Press, 1995.

STEIN, M. **Jung - O mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2001.

TABOADA, R.G. Termômetros da mente. **Revista Viver, Mente & Cérebro**. São Paulo, n.4, p. 44-47, 2005.

VARGAS, N. **A Importância dos tipos psicológicos na terapia de casais**. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria), Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 1981.

_____. Tornar-se si mesmo. **Revista Viver, Mente & Cérebro**. São Paulo, n.2, p.74-81, 2005.

VON FRANZ, M.L. **A tipologia de Jung**. São Paulo: Cultrix, 1990.

_____. **C.G.Jung: seu mito em nossa época**. São Paulo: Cultrix, 1992.

WHITMONT, E. **A busca do símbolo**. São Paulo: Cultrix, 1995.

WICKES, F.G. **The inner world of childhood**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1966.

ZACARIAS, J. **Tipos psicológicos junguianos e escolha profissional**. São Paulo: Vetor, 1995.

_____. **QUATI - Questionário de avaliação tipológica (Versão II)**. São Paulo: Vetor, 1999.

ANEXO: Modelo de Termo de Consentimento**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIMENTO**

(Resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96, de 10 de outubro de 1996)

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA

NOME DO PACIENTE:

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº SEXO: () M () F

DATA DE NASCIMENTO:

ENDEREÇO:

COMPLEMENTO: BAIRRO:

CIDADE: CEP:

II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:

PESQUISADOR:

CARGO/ FUNÇÃO:

INSCRIÇÃO CONSELHO REGIONAL Nº

AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

() SEM RISCO () RISCO BAIXO () RISCO MÉDIO

III – REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DA PESQUISADORA À PACIENTE SOBRE A PESQUISA**IV – ESCLARECIMENTOS DADOS PELA PESQUISADORA SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:**

1. Acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para esclarecer eventuais dúvidas.
2. Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo.
3. Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.

V – INFORMAÇÕES DE NOME, ENDEREÇO, TELEFONE DA RESPONSÁVEL PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO CASO NECESSITE:

PESQUISADORA:

ENDEREÇO:

TELEFONES:

E-MAIL:

OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:

Os resultados desta pesquisa estarão disponíveis a qualquer momento; bastando para tanto contatar a pesquisadora e agendar data e horário.

VII – CONSENTIMENTO:

Declaro que, após convenientemente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar da presente Pesquisa.

São Paulo, de.....de.....

Assinatura do sujeito ou responsável

Assinatura do pesquisador